O CÓDIGO DA BÍBLIA II

MICHAEL DROSNIN

TRADUÇÁÔ: AMADEU ANTÔNÍO

CÓDIGO DA BÍBLIA II

A CONTAGEM DECRESCENTE

Michael Drosnin

Índice

- Página de Título
- Direitos de Autor
- Capítulo Um - O Fim dos Dias
- Capítulo Dois - A Chave do Código
- Capítulo Três - Clinton
- Capítulo Quatro - Existe
- Capítulo Cinco - Arafat
- Capítulo Seis - A Arca de Aço
- Capítulo Sete - Sharon
- Capítulo Oito - O Código da Vida
- Capítulo Nove - Invasão
- Capítulo Dez - Alienígena
- Capítulo Onze - Bush
- Capítulo Doze - A Jornada do Herói
- Capítulo Treze - Contagem Decrescente
- Coda
- Notas de Capítulo
- Apêndice
- Agradecimentos

CAPÍTULO UM:

O FIM DOS DIAS

Às 8:48 da manhã de 11 de setembro de 2001, fui acordado pelo som de uma explosão que mudou o mundo para sempre. Liguei o meu rádio-despertador e ouvi um boletim de notícias — um jet jumbo tinha-se despenhado contra uma das torres do World Trade Center. Corri para o meu telhado mesmo a tempo de ver um segundo Boeing 767 voar diretamente para a segunda das Torres Gémeas, incendiando-a. Não era obviamente um acidente. Os dois aviões tinham sido desviados por terroristas. Nova Iorque estava sob ataque.

Durante mais de uma hora, permaneci sozinho no meu telhado e observei com crescente horror e incredulidade enquanto aqueles dois edifícios de 110 andares, os monólitos prateados que se erguiam sobre a Lower Manhattan onde vivo, continuavam a arder, disparando chamas cor de laranja gigantescas dos buracos abertos, lançando enormes colunas de fumo negro para o céu. Subitamente, uma das torres desabou. Caiu simplesmente a direito. E depois a segunda torre também implodiu. Ambas desapareceram numa nuvem de poeira que correu pela rua abaixo em direção a mim. Num instante, tinham desaparecido.

A minha mente não conseguia absorver a escala da destruição que os meus olhos tinham visto. Era uma escala apenas captada na profecia bíblica. Corri para baixo a partir do telhado e pesquisei imediatamente o código antigo no meu computador, o código da Bíblia. Era o único lugar onde poderia encontrar a confirmação de todo o perigo e uma revelação do que estava ainda para vir.

O código oculto, descoberto na Bíblia por um famoso matemático israelita, já tinha revelado outros acontecimentos que abalaram o mundo e que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. Agora revelava todo o evento que eu tinha acabado de testemunhar. O que eu observara do meu telhado apenas minutos antes estava ali, em detalhe, no ecrã do meu computador em caracteres hebraicos antigos. "Torres Gémeas" estava codificado no texto de 3000 anos. "Avião" aparecia exatamente no mesmo lugar. "Fez cair, derrubou" cruzava "avião" e "torres". O que vi acontecer com os meus próprios olhos a 11 de setembro de 2001 estava codificado na Bíblia há 3000 anos.

Enquanto via tudo acontecer, tive apenas um pensamento, e quando a primeira torre caiu eu disse-o em voz alta — "Meu Deus, é real." Não foi este ataque terrorista que realmente me abalou. Foi o que o código da Bíblia previa que estava ainda para vir.

Já tinha previsto os assassinatos de John F. Kennedy e Yitzhak Rabin. Tudo, desde a Segunda Guerra Mundial ao Watergate, do Holocausto a

Hiroxima, da aterragem na Lua à Guerra do Golfo, tinha sido previsto. Por vezes, as previsões eram encontradas com antecedência, e os acontecimentos aconteciam exatamente como previsto. E agora todos os detalhes de 11 de setembro também estavam ali. Subitamente, de forma brutal, eu tinha a prova absoluta de que o código da Bíblia era real.

Por isso, quando os aviões chocaram contra as torres, enquanto assistia ao início do horror a desenrolar-se, também vi visões de um futuro demasiado terrível para imaginar, mas claramente previsto no código. E, de repente, tudo parecia totalmente plausível. Durante cinco anos estive a alertar líderes mundiais de que uma profecia antiga estava prestes a cumprir-se, que o Apocalipse previsto pelas três grandes religiões do Ocidente estava codificado na Bíblia, que poderíamos enfrentar o verdadeiro Armagedão — uma Guerra Mundial nuclear iniciada com um ato de terrorismo no Médio Oriente — no espaço de uma década. Mas eu próprio não conseguia acreditar plenamente nisso.

O Presidente Clinton tinha o meu livro com ele em Camp David, e a minha carta alertando-o de que enfrentávamos uma guerra na Terra Santa que poderia engolir o mundo inteiro. "Hesito em declará-lo em pormenor, porque soa muito apocalítico", disse eu a Clinton, retendo algo mesmo enquanto o alertava. Eu não conseguia convencer-me a dizer ao Presidente que o mundo poderia chegar ao fim. No entanto, precisamente no último ano, tinha finalmente dito ao Presidente dos Estados Unidos, ao Primeiro-Ministro de Israel e ao líder dos palestinianos que, de acordo com o código da Bíblia, já nos encontrávamos no período de perigo supremo, o Fim dos Dias.

Tinha estado sentado com Yasser Arafat no seu quartel-general fustigado em Ramallah, e com Shimon Peres em Tel Aviv, e com o filho de Ariel Sharon em Jerusalém, e com o Chefe de Gabinete de Bill Clinton na Casa Branca, e disse a todos que poderíamos ter apenas cinco anos para salvar o mundo. Mas ninguém prestou atenção ao aviso. Apenas no dia anterior ao ataque de 11 de setembro, tinha falado novamente com a Casa Branca para ver se o novo Presidente, George W. Bush, tinha recebido uma carta que lhe enviei, alertando que poderíamos enfrentar a Terceira Guerra Mundial enquanto estivesse no cargo. A minha carta a Bush, enviada mais de um mês antes de os terroristas árabes atingirem Nova Iorque e Washington, declarava:

"Agora, o código da Bíblia alerta que o mundo pode enfrentar o seu perigo supremo — uma Guerra Mundial nuclear com início no Médio Oriente — enquanto o senhor estiver no cargo. Este momento crítico foi, sem dúvida, claramente previsto. 'Bush', 'Arafat' e 'Sharon' estão todos

codificados juntos por nome na Bíblia com o tempo de perigo há muito profetizado por todas as três grandes religiões ocidentais — o 'Fim dos Dias'. E o código da Bíblia declara claramente o perigo em termos modernos — 'holocausto atómico' e 'Guerra Mundial' estão ambos codificados na Bíblia. E ambos estão codificados com o mesmo ano, 2006."

A 11 de setembro, o próprio Presidente disse que estávamos em guerra, que a "primeira guerra do século vinte e um começou". E uma coluna no *New York Times* tinha como título "TERCEIRA GUERRA MUNDIAL". Mas até 11 de setembro eu nunca tinha acreditado inteiramente nisso. Não sou religioso. Não acredito em Deus. Sou um repórter de investigação secular e cético. Comecei no turno da noite da secção policial no *Washington Post*, cobri notícias de empresas no *Wall Street Journal* e continuo a ter um sentido prático da realidade. Por isso, embora tenha escrito um livro que tornou o código da Bíblia conhecido no mundo, acordava todas as manhãs a duvidar de que o perigo fosse real. Na manhã de 11 de setembro, fui acordado pelo acontecimento que provou que era real. Subitamente, não havia margem para dúvidas. Não era apenas Israel, eram os Estados Unidos, era Nova Iorque. Era a cidade onde eu vivia. Era logo ali ao fundo da rua. E vi acontecer com os meus próprios olhos.

O ataque a Nova Iorque, o ataque ao World Trade Center, este horror inacreditável não estava apenas codificado na Bíblia — eu tinha-o realmente visto com antecedência. Tinha-o encontrado em 1993, logo após o ataque terrorista fracassado contra as mesmas duas torres. "Torres Gémeas" estava codificado na Bíblia com "o aviso, a matança", e isso era cruzado por "terror". "Terror" aparecia uma segunda vez, e "irá cair, desabar" estava também codificado duas vezes. Mas assumi que era sobre o passado, não sobre o futuro. Nunca me passou pela cabeça que o relâmpago atingisse o mesmo lugar duas vezes — que haveria outro ataque terrorista contra os mesmos dois monólitos oito anos mais tarde, que teria sucesso e deitaria abaixo ambas as torres. E nunca me ocorreu procurar no código por "avião". Como expliquei a um amigo na CIA mais tarde nesse dia, "Ninguém poderia ter imaginado que seria feito dessa forma." "Alguém imaginou", disse ele.

Depois de acontecer, o aviso era claro. Tinha estado escondido na Bíblia durante 3000 anos. Agora era óbvio. Todos os detalhes estavam ali. O cientista que descobriu o código da Bíblia, Eliyahu Rips, encontrou a mesma extraordinária tabela de código a 11 de setembro na sua casa em Jerusalém, e enviou-ma por e-mail a partir de Israel. Quando falei com o Dr. Rips, uma das principais autoridades mundiais em teoria dos grupos,

um campo da matemática que serve de base à física quântica, ele disse-me que tinha calculado as probabilidades. As probabilidades contra as três palavras-chave — "gémea", "torres" e "avião" — aparecerem todas juntas exatamente no mesmo lugar na Bíblia, as probabilidades contra isso acontecer por acaso, eram de pelo menos 10.000 para 1.

Havia mais. Osama bin Laden estava nomeado no código da Bíblia. Rips tinha encontrado uma única sequência de código que o declarava culpado — "o pecado, o crime de bin Laden" — e aparecia no Génesis onde o texto simples falava de "a cidade e a torre". Além disso, no mesmo lugar, as palavras originais da Bíblia declaravam: "E viram que o fumo da terra subia como o fumo de uma fornalha." O líder dos piratas do ar, o piloto do primeiro avião que atingiu as torres, Mohammed Atta, também estava identificado. "Terrorista Atta" estava codificado na Bíblia, e "homem egípcio" aparecia no mesmo lugar.

Havia outro alvo, o quartel-general das forças militares americanas em Washington. O Pentágono foi atingido por um terceiro avião sequestrado uma hora após o primeiro ataque em Nova Iorque. Isso também estava codificado. "Pentágono" aparecia uma vez na Bíblia, cruzado por "danificado". Mais uma vez, a previsão no texto de 3000 anos era exata. Um dos cinco lados do Pentágono tinha caído, mas o edifício em si continuava de pé. "Emergência" aparecia com "Pentágono", imediatamente seguido por "da Arábia". De facto, soube-se nos dias seguintes que a maioria dos terroristas tinha vindo da Arábia Saudita.

O aviso do maior ataque terrorista da história do mundo, do primeiro ataque estrangeiro ao território continental da América nos tempos modernos, esteve codificado na Bíblia durante 3000 anos. Mas tínhamos falhado em vê-lo, até ser demasiado tarde. E agora o código avisava que isso levaria à guerra. "A próxima guerra" cruzava o nome hebraico para as torres do World Trade Center, "as Gémeas". "Terrorista" estava codificado no mesmo lugar. A declaração no código era arrepiante. Este ataque terrorista era o início de uma nova guerra, a guerra que Bush declarou, uma guerra contra o terrorismo que muitos previam que duraria anos.

E agora vi a codificação que captava todo o horror deste momento. "Torres" e "as Gémeas" apareciam novamente juntas exatamente no mesmo lugar que as palavras no texto simples da Bíblia que, mais uma vez, deixavam claro que a contagem decrescente final tinha começado — "no Fim dos Dias". Durante anos estive a alertar os principais líderes governamentais em Washington e no Médio Oriente de que o mundo poderia estar a enfrentar um perigo numa escala apenas captada na profecia bíblica, e agora tinha visto a realidade começar a desenrolar-se perante os

meus próprios olhos, logo ali ao fundo da rua da minha casa em Nova Iorque. E eu tinha a certeza de que isto era o início de algo demasiado horrível para qualquer um de nós imaginar plenamente, não o fim.

"Um criptograma definido pelo Todo-Poderoso", o "enigma da Divindade, o enigma dos acontecimentos passados e futuros divinamente pré-ordenados." Era assim que Sir Isaac Newton chamava ao código da Bíblia. Há trezentos anos, Newton, o primeiro cientista moderno, o homem que descobriu a gravidade e desvendou a mecânica do nosso sistema solar, que inventou sozinho a matemática avançada, procurou um código oculto na Bíblia que revelasse o futuro da humanidade.

Durante mais de 3000 anos, desde que existe uma Bíblia, as pessoas acreditaram que havia algo escondido nela, grandes segredos que eram conhecidos apenas pelos sumos sacerdotes, novas revelações que podiam ser encontradas utilizando alguma fórmula esotérica, alguma forma de magia, alguma nova ciência. Mas coube a um imigrante russo em Israel, Eliyahu Rips, um matemático libertado de uma prisão política soviética, encontrar o código que tinha escapado a todos durante milénios. Rips teve sucesso porque possuía a única ferramenta essencial que faltava a todos os que o precederam — um computador. O código da Bíblia tinha um bloqueio temporal. Não podia ser aberto até que o computador fosse inventado. Foi concebido, aparentemente por alguma inteligência que conseguia ver o futuro, para ser aberto agora. Isso parecia claro. O código poderia ter sido concebido para ser encontrado por Newton há 300 anos. Ou poderia ter sido concebido para ser encontrado daqui a 300 ou 3000 anos no futuro, por uma tecnologia que não existiria até lá. Em vez disso, alguma inteligência que conseguia ver através do tempo codificou a Bíblia de uma forma que nos permitiu decifrar o código neste preciso momento da história humana. "É por isso que Isaac Newton não o conseguiu fazer", disse Rips. "Tinha de ser aberto com um computador. Estava 'selado até ao tempo do Fim'."

Mas quando Eli Rips começou a sua procura pelo código da Bíblia, há quase vinte anos, não estava a pensar no "Fim dos Dias". Estava apenas a resolver um quebra-cabeças matemático. "Encontrei palavras codificadas em número muito superior ao que as estatísticas permitiam para o acaso aleatório, e soube que estava perante algo de real importância", recordou Rips. "Quando apliquei um computador, fiz a descoberta crucial."

Rips descobriu o código da Bíblia na versão hebraica original do Antigo Testamento, a Bíblia tal como foi escrita pela primeira vez, as palavras que, de acordo com a própria Bíblia, Deus deu a Moisés no Monte Sinai há 3200 anos. Rips eliminou todos os espaços entre as palavras e

transformou toda a Bíblia original numa vertente de letras contínua, com 304.805 letras de comprimento. Ao fazer isso, estava na verdade a restaurar a Bíblia para aquilo que os antigos sábios diziam ser a sua forma original. Segundo a lenda, era a forma como Moisés recebera a Bíblia de Deus — "contígua, sem interrupção de palavras".

Rips escreveu um programa de computador que pesquisava a vertente de letras à procura de novas informações reveladas saltando qualquer número igual de letras. Qualquer pessoa poderia inventar uma frase que contasse uma história à superfície, mas outra história oculta num código de saltos simples. Por exemplo:

Rips explicou que cada código é um caso de somar cada quinta ou décima ou quinquagésima letra para formar uma palavra.

Agora leia essa mesma frase como um código de saltos de quatro letras:

Rips Expl**A**ineD tha**T** eacH cod**E** is a Case Of ad**D**ing Every fifth or tenth or fiftieth letter to form a word.

A mensagem oculta — READ THE CODE.

Mas ninguém, nem mesmo Newton, conseguiria percorrer toda a Bíblia a contar letras à mão, verificando cada sequência de saltos possível, começando com cada letra desde o primeiro versículo até ao último, para trás e para a frente, do início da Bíblia até ao fim. Apenas um computador consegue pesquisar com rapidez suficiente para tornar a tarefa possível. E apenas um computador conseguiria encontrar a informação complexamente entrelaçada no código da Bíblia. Vez após vez, palavras, nomes, datas e lugares relacionados estão, contra todas as probabilidades, codificados juntos. As palavras formam palavras cruzadas. Cada vez que uma nova palavra ou frase é descoberta, cria-se um novo problema de palavras cruzadas. E as palavras ligadas revelam informações exatas, muitas vezes detalhadas, sobre acontecimentos modernos.

É o que torna o código da Bíblia único. Noutro livro, poder-se-ia encontrar uma sequência de saltos aleatória que soletrasse "Torres Gémeas" — mas não com "avião". Poder-se-ia encontrar "bin Laden" — mas não com "a cidade e a torre". Poder-se-ia encontrar "as Gémeas" — mas não com "a próxima guerra" ou "o Fim dos Dias".

"Apenas no código da Bíblia existe informação consistente e coerente", disse Rips. "Ninguém encontrou nada parecido com isso em

nenhum outro livro, em nenhuma tradução, ou em qualquer texto original em hebraico, exceto na Bíblia." Quando Rips relatou a sua descoberta numa revista de matemática americana, muitos cientistas ficaram céticos. Não conseguiam apontar falhas à sua ciência, mas não conseguiam acreditar nos seus resultados. A alegação era simplesmente demasiado surpreendente — um código na Bíblia que revelava acontecimentos que ocorreram após a Bíblia ter sido escrita. Um decifrador de códigos sénior na ultrassecreta Agência de Segurança Nacional (NSA), o posto clandestino de escuta do governo dos EUA perto de Washington, ouviu falar da surpreendente alegação e decidiu investigar.

Harold Gans tinha passado a vida a criar e a decifrar códigos para a inteligência militar americana, e tinha a certeza de que o código da Bíblia era "extravagante, ridículo". Escreveu o seu próprio programa de computador e propôs-se provar que era uma farsa. Em vez disso, replicou os resultados da experiência de Rips. Os nomes de 66 sábios que viveram e morreram muito depois dos tempos bíblicos estavam, de facto, codificados com as datas em que nasceram e as datas em que morreram. Gans não conseguia acreditar. Pensou que a experiência devia ter sido manipulada.

Procurou novas informações, codificações que Rips nunca tinha tentado encontrar. Tinha a certeza de que os nomes das cidades onde os 66 rabinos viveram e morreram não poderiam ser encontrados no código. Encontrou-os. Gans tinha-se proposto desmascarar o código da Bíblia. Em vez disso, a sua experiência de 440 horas provou que era real. "Deu-me um calafrio na espinha", recordou o decifrador de códigos. Nenhum homem poderia ter codificado a Bíblia com informações sobre pessoas que viveram, eventos que aconteceram, milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. Mas alguém o fez. Se não foi um de nós, quem foi?

Ouvi falar do código da Bíblia pela primeira vez há dez anos. Tinha acabado de me reunir com o chefe da inteligência israelita para discutir o futuro da guerra. Quando saía do quartel-general da inteligência, um jovem oficial que eu tinha conhecido abordou-me. "Há um matemático em Jerusalém que deve ver", disse ele. "Ele encontrou a data exata em que a Guerra do Golfo começaria. Na Bíblia." "Não sou religioso", disse eu, a entrar para o meu carro. "Eu também não", disse o oficial. "Mas ele encontrou um código na Bíblia com a data exata, três semanas antes de a guerra começar." Tudo parecia inacreditável. Tinha a certeza de que era uma loucura. Mas quando investiguei a vida de Rips, descobri que ele era considerado um quase génio no mundo da matemática. Fui vê-lo.

Com a sua barba farta e o seu quipá, Eliyahu Rips parecia uma personagem saída diretamente do Antigo Testamento. Isso confirmou todas

as minhas dúvidas. Génio ou não, este cientista estava certamente iludido pelas suas crenças religiosas. Desafiei-o a mostrar-me a Guerra do Golfo na sua Bíblia. Em vez disso, ele levou-me para o seu pequeno escritório e mostrou-me uma previsão da Guerra do Golfo codificada no ecrã do seu computador. "Saddam Hussein" e "mísseis Scud" estavam codificados na Bíblia com o dia exato em que o Iraque atacou Israel, 18 de janeiro de 1991. "Quantas datas encontrou?", perguntei. "Apenas esta, três semanas antes de a guerra começar", respondeu ele. Mas eu continuei cético. Pedi a Rips que procurasse acontecimentos modernos que ainda não tivesse encontrado.

Encontrámos "Presidente Kennedy" com "Dallas". Encontrámos "Bill Clinton" com "Presidente" — seis meses antes de ser eleito. Encontrámos uma coisa atrás da outra codificada na Bíblia, coisas que Rips não sabia que eu lhe iria pedir. Acabámos por encontrar vários acontecimentos antes de acontecerem — incluindo a colisão de um cometa com o planeta Júpiter, com o nome do cometa e a data exata do impacto. O código da Bíblia continuava a concretizar-se. Um importante decifrador de códigos americano tinha-o confirmado. Matemáticos famosos em Israel e nos Estados Unidos, em Harvard, Yale e na Universidade Hebraica, disseram que era real. A experiência de Rips passou por três revisões por pares numa respeitada revista de matemática dos EUA. Mas, mesmo assim, eu não conseguia acreditar.

E depois, finalmente, dois anos mais tarde, encontrei uma codificação que convenceu até a mim. A 1 de setembro de 1994, voei de regresso a Israel e encontrei-me em Jerusalém com um amigo próximo do Primeiro-Ministro Yitzhak Rabin, o poeta Chaim Guri. Entreguei-lhe uma carta, que ele deu imediatamente ao Primeiro-Ministro. "Descobri informações que sugerem que a sua vida está em perigo", declarava a minha carta a Rabin.

"A única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — está codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam o seu nome." Um ano mais tarde, a 4 de novembro de 1995, veio a terrível confirmação — um tiro nas costas disparado por um homem que acreditava estar numa missão de Deus, o homicídio que estava codificado na Bíblia há 3000 anos. Quando ouvi a notícia, faltou-me o ar. Caí no chão e proferi as mesmas palavras que disse em voz alta quando as torres do World Trade Center caíram — "Meu Deus, é real." O choque não foi Rabin estar morto. Foi o código da Bíblia ser real.

Mas se o choque foi grande a 4 de novembro de 1995, foi ainda maior a 11 de setembro de 2001. Porque agora eu sabia o que mais o código previa. Se o código da Bíblia era real, e eu já não podia duvidar disso, só

poderia ter um propósito — alertar o mundo para um perigo terrível, até mesmo terminal. E o perigo deve estar mesmo à nossa porta, caso contrário não estaríamos a encontrar o código da Bíblia agora. Talvez estivéssemos realmente, neste preciso momento, a enfrentar o "Fim dos Dias". Os dois grandes Apocalipses bíblicos, o Livro de Daniel no Antigo Testamento e o Livro do Apocalipse no Novo Testamento, são previsões de um horror sem precedentes, a ser totalmente revelado quando um livro secreto selado for aberto no "Fim dos Dias".

O Fim é predito quatro vezes nos cinco livros originais da Bíblia, as palavras que Deus ditou a Moisés, aquilo a que os judeus chamam a Torá. É previsto novamente em Daniel. Um anjo revela o futuro supremo ao antigo profeta e depois diz-lhe: "Mas tu, ó Daniel, fecha as palavras e sela o livro, até ao tempo do Fim." Existem duas formas de escrever o "Fim dos Dias" em hebraico, e elas aparecem juntas apenas uma vez na Bíblia. "No Fim dos Dias" aparece no texto original de Deuteronómio, em palavras ditas por Moisés aos antigos israelitas que deambulavam no deserto. Na tabela abaixo, isso aparece horizontalmente. A outra declaração do "Fim dos Dias" que aparece verticalmente são as palavras de Daniel, mas codificadas na Torá, exatamente onde Moisés avisa sobre um tempo futuro de perigo terrível. As probabilidades contra o aparecimento conjunto dessas duas frases na Bíblia são de pelo menos 100 para 1.

Mas havia mais. Logo após o Quatro de Julho em 2000, o Presidente Clinton anunciou que o Primeiro-Ministro israelita Ehud Barak e o líder palestiniano Yasser Arafat se reuniriam com ele em Camp David para conversações de paz. Todos sabiam que as expectativas eram elevadas, mas nem mesmo os três líderes poderiam ter imaginado totalmente a magnitude do momento revelado pelo código da Bíblia. No único lugar onde as duas expressões bíblicas do "Fim dos Dias" estão codificadas juntas, "Arafat" aparece sem saltos, perfeitamente soletrado no texto simples da Bíblia logo abaixo de "no Fim dos Dias". E "E. Barak", novamente perfeitamente soletrado sem saltos, cruza a segunda declaração em código do "Fim dos Dias".

Eu tinha mostrado essa tabela de código a Eli Rips mais de dois anos antes, em 1998, um ano inteiro antes de Barak ser eleito Primeiro-Ministro. Mas mesmo quando essa previsão se concretizou e Barak se tornou o novo líder de Israel, Rips estava mais focado em Arafat. "Arafat é velho e está doente", disse Rips. "Se ele está envolvido, então já estamos no Fim dos Dias." Rips calculou as probabilidades de os nomes dos líderes dos israelitas e dos palestinianos aparecerem juntos exatamente no lugar onde "no Fim dos Dias" estava codificado com "Fim dos Dias". As

probabilidades contra isso acontecer por acaso eram de pelo menos 150.000 para 1. Por isso, quando Clinton anunciou a cimeira, enviei-lhe imediatamente uma carta:

"Anexo uma cópia do meu livro *O Código da Bíblia*, porque o seu anúncio de hoje de uma cimeira em Camp David entre Barak e Arafat confirma o que o código previu. O que está em jogo é ainda mais importante do que possa imaginar", continuava a minha carta. "A alternativa está declarada de forma crua no código da Bíblia, o verdadeiro Armagedão, uma guerra mundial nuclear com início no Médio Oriente." Quando Camp David terminou em fracasso e começou uma nova Intifada, quando o general de direita Ariel Sharon, um opositor declarado do plano de paz, se tornou o novo Primeiro-Ministro de Israel, e George W. Bush se tornou o novo Presidente dos Estados Unidos, isso confirmou novamente o que o código da Bíblia previa.

Não só ambas as eleições foram previstas, como tanto "Bush" quanto "Sharon" estavam codificados na Bíblia, com "Arafat" e "Barak", onde "Fim dos Dias" estava codificado com "no Fim dos Dias". O Dr. Rips ficou maravilhado. Voltou a verificar as probabilidades. As probabilidades contra os nomes dos quatro líderes — de Israel, dos palestinianos e dos Estados Unidos — aparecerem todos juntos com as duas expressões bíblicas do "Fim dos Dias" eram de pelo menos 500.000 para 1. Rips disse que as probabilidades reais poderiam ser de 1 milhão para 1, mas que era impossível calcular totalmente uma série tão complexa de correspondências.

"De qualquer forma, está muito além do acaso", disse Rips. "É obviamente intencional. É matematicamente certo. É uma tabela perfeita. E é claramente sobre este momento no tempo." No entanto, tudo estava ali há mais de 3000 anos, os nomes dos líderes mundiais de hoje codificados com a profecia antiga, à espera que os encontrássemos no momento em que precisávamos de ouvir o aviso. O código da Bíblia declarava claramente, sem margem para dúvidas, contra probabilidades esmagadoras, que estávamos neste preciso momento a viver nesse tempo de perigo supremo há muito previsto. O Fim dos Dias, o Apocalipse, já não era um mito religioso, uma visão assustadora de um pesadelo que nunca iria realmente acontecer, apenas palavras num texto antigo. Já não era algo de há muito tempo ou de muito longe. Estava mesmo aqui, agora mesmo.

Há quatro anos, em outubro de 1998, entreguei ao meu advogado, Michael Kennedy, um proeminente causídico de Nova Iorque, uma carta selada para ser aberta em 2002. A carta declarava:

"Michael: Estou convencido de duas coisas: (1) O código da Bíblia é real; (2) O mundo não dará ouvidos aos seus avisos até ser quase demasiado tarde. Foi assim da última vez que o mundo inteiro esteve em perigo. Ninguém queria confrontar Hitler. A América quase perdeu a Segunda Guerra Mundial porque entrámos nela anos demasiado tarde. Agora estou a tentar alertar o mundo para um perigo ainda maior, e a fonte do aviso é, até para mim, bizarra — um código na Bíblia. O código desafia todos os conceitos ocidentais convencionais da realidade", continuava a carta selada. "Por isso, embora Newton acreditasse que o futuro podia ser conhecido e que um código na Bíblia o revelaria, e um importante decifrador de códigos da NSA tenha confirmado a descoberta israelita, este continua a não ser totalmente aceite. Mesmo o facto de o código ter estado certo com antecedência sobre o assassinato de Rabin, a Guerra do Golfo e outros eventos mundiais importantes não convenceu os céticos.

O Primeiro-Ministro Peres e o chefe da Mossad reuniram-se comigo, mas a maioria dos líderes governamentais não dará ouvidos aos avisos até que mais previsões se concretizem. Portanto, coloquei o mais importante por escrito, para poder provar que estas previsões foram encontradas com antecedência. Os avisos que estão mais claramente declarados no código são: (a) o mundo enfrentará um 'colapso económico' global a começar no ano hebraico de 5762 (2002 no calendário moderno); (b) isto levará a um período de perigo sem precedentes, à medida que nações com armas nucleares se tornam instáveis e os terroristas conseguem comprar ou roubar o poder para destruir cidades inteiras; (c) o perigo atingirá o seu pico no ano hebraico de 5766 (2006 no calendário moderno), o ano que está mais claramente codificado tanto com 'guerra mundial' quanto com 'holocausto atómico'."

A 11 de setembro de 2001, depois de ter visto o ataque às torres do World Trade Center, depois de o ter encontrado perfeitamente codificado na Bíblia, recuperei a minha cópia dessa carta selada. Quando a li, fiquei abalado. A queda do próprio símbolo do nosso poder económico, o World Trade Center, e o ataque ao próprio símbolo do nosso poder militar, o Pentágono, faziam com que os perigos previstos parecessem demasiado reais. A 17 de setembro, na véspera do Ano Novo Hebraico de 5762 que estava codificado com "crise económica", os mercados de ações reabriram pela primeira vez desde 11 de setembro. O Dow Jones caiu 684 pontos, a sua maior perda na história, iniciando uma semana que assistiu ao pior colapso do mercado de ações desde 1929, desde a Grande Depressão. A primeira previsão do código da Bíblia já se tinha cumprido.

O meu receio era que uma nova depressão pudesse levar a uma terceira Guerra Mundial, tal como o colapso económico da década de 1930 levou à ascensão de Hitler e à Segunda Guerra Mundial. "Guerra Mundial", "holocausto atómico" e "Fim dos Dias" estão todos codificados com "em 5766", o ano hebraico equivalente a 2006. Verifiquei todos os anos nos próximos cem, e apenas 2006 aparecia com todos os três avisos. Era uma previsão clara de que poderíamos enfrentar a Terceira Guerra Mundial em apenas cinco anos. Contei ao Dr. Rips. Ele calculou as probabilidades no grande computador da Universidade Hebraica.

Verificou cem mil textos aleatórios para ver se todos os maiores perigos poderiam aparecer por acaso com o mesmo ano em qualquer outro lugar que não a Bíblia. "É de 100.000 para 1", relatou Rips. "Procurei em 100.000 textos aleatórios, e estas palavras aparecem juntas apenas na Bíblia. Não poderia ser por acaso. Alguém colocou intencionalmente este aviso na Torá." Estava para além de qualquer dúvida. Cem para um é o teste normal. Mil para um é o padrão mais rigoroso alguma vez aplicado por matemáticos. Cem mil para um é decisivo. De acordo com o código da Bíblia, poderíamos realmente enfrentar o perigo supremo, uma Guerra Mundial nuclear, em 2006.

A Segunda Guerra Mundial terminou com uma bomba atómica. A Terceira Guerra Mundial poderia começar com uma. Existem agora pelo menos 50.000 armas nucleares espalhadas pelo mundo, desde granadas de artilharia atómica e bombas de mala a mísseis balísticos intercontinentais de ogivas múltiplas, cada uma mais poderosa do que a bomba de Hiroxima. "Holocausto atómico" está codificado com 1945, o ano em que a bomba foi lançada sobre Hiroxima, e com 2006. Se o código da Bíblia estiver certo, a Terceira Guerra Mundial — uma guerra que será travada com armas de destruição maciça que o mundo nunca viu serem usadas em batalha antes — poderá acontecer dentro de apenas alguns anos.

O mundo inteiro poderia ser obliterado em poucas horas. Seria literalmente o Fim dos Dias. Mas em vez de uma guerra nuclear entre superpotências, o conflito que todos temiam ao longo da Guerra Fria, o mundo poderia agora enfrentar uma nova ameaça — terroristas armados com armas nucleares. "Terrorismo" está codificado com "Guerra Mundial", e a palavra árabe para bombista suicida, "Shahid", aparece exatamente no mesmo lugar. O mesmo acontece com "guerra de morte". Fanáticos religiosos apocalíticos, terroristas armados com armas de destruição maciça, homens que acreditam estar numa missão de Deus, são o perigo supremo codificado na Bíblia. O que aconteceu a 11 de setembro pode ter sido o início, não o fim.

Mas a carta selada que entreguei ao meu advogado em 1998 deixava margem para a esperança, e eu continuava, mesmo após o 11 de setembro de 2001, a ser um otimista. A carta prosseguia dizendo: "Mas o código da Bíblia diz-nos todos os nossos futuros possíveis, não um único futuro predeterminado. Por isso, podemos mudar de rumo, evitar o desastre supremo. Acredito que o código da Bíblia existe para nos ajudar a evitá-lo. Acredito que o código foi descoberto agora, neste momento da história humana, para que soubéssemos mesmo a tempo. É por isso que lhe deixei esta cápsula do tempo, selada em 1998, para ser aberta em 2002, para nos preparar para 2006." Mas na altura em que escrevi essa carta selada, já tinha começado a procurar outra mensagem, selada nalgum tempo passado distante, a mensagem selada que poderíamos ter de encontrar agora para podermos sobreviver.

CAPÍTULO DOIS:

A CHAVE DO CÓDIGO

Na escuridão que antecede o amanhecer no deserto, o chão começou subitamente a tremer e ouviu-se um trovão terrível; as pessoas saíram a correr das suas tendas e olharam aterrorizadas para a montanha que se erguia sobre elas, cujo pico estava agora iluminado por uma luz branca brilhante, como se a própria montanha estivesse a arder. Subitamente, uma voz vinda do nada disse: "Moisés, sobe até mim à montanha." Era 1200 a.C. Moisés subiu ao topo do Monte Sinai. E de acordo com o texto simples da Bíblia, ele "viu o Deus de Israel, e debaixo dos seus pés havia como uma obra de pedra de Safira pavimentada".

Segundo a lenda, foi nessa "pedra de Safira" que Deus escreveu as palavras originais da Bíblia. Embora a pedra fosse tão dura como um diamante, podia ser enrolada como um rolo. E embora fosse do azul mais profundo e escuro, era também transparente. Na verdade, a Bíblia dizia que era "como o próprio céu em clareza". Uma noite, sozinho no meu loft em Nova Iorque, li essa passagem na Bíblia e percebi pela primeira vez que as palavras da Bíblia foram escritas inicialmente em "Safira".

Interroguei-me imediatamente se nesse detalhe obscuro estaria o segredo do código da Bíblia. Se existia realmente um código na Bíblia que revelava o futuro, pensei, este deveria estar previsto na história de Deus a entregar a Bíblia a Moisés no Monte Sinai, gravando as palavras em Safira. Examinei o texto vezes sem conta. Havia um indício, uma pista. Em hebraico, a palavra para "livro" é "Sefer". É soletrada com as mesmas três letras que "Safira", talvez porque o primeiro livro, a Bíblia, foi escrito nessa pedra.

Depois vi que "Safira" também significa "contável" — sugerindo talvez que existia desde o início um código matemático na Bíblia. Procurei um esquema numérico complexo. Mas não fiz nenhuma descoberta crucial. Subitamente, vi algo muito simples. Em hebraico, a língua original da Bíblia, "Safira" ao contrário soletra "Rips".

Eliyahu Rips, o matemático que descobriu o código da Bíblia, aparecia por nome na Bíblia, no lugar onde esta conta a história de Deus a descer no Monte Sinai. Fiquei chocado. O próprio Dr. Rips foi previsto no código que descobriu, o código na Bíblia que revelava o futuro. O próprio nome "Safira", a pedra preciosa azul-escura na qual a Bíblia foi originalmente escrita, previa o cientista que encontraria o código três mil anos mais tarde. Não era claramente um acidente que "Safira" lido ao contrário soletrasse "Rips". A escrita em espelho é uma tradição muito antiga.

Na verdade, a própria Bíblia diz que é a forma de ver o futuro. O primeiro dos profetas, Isaías, disse-o: "Para ver o futuro, é preciso olhar para trás." As mesmas palavras hebraicas podem ser traduzidas como "Lede as letras ao contrário". Não podia haver dúvidas sobre isso. Não só Rips era nomeado na escrita em espelho, como o seu feito estava também claramente declarado. "Pedra de Safira" invertido soletra "Rips previu".

Voei de regresso a Israel para ver Eli Rips. Era a primeira vez que nos encontrávamos no ano decorrido desde que o meu primeiro livro fora publicado e o código da Bíblia se tornara conhecido em todo o mundo, colocando-nos a ambos no centro de uma polémica global. Existiria realmente um código na Bíblia que contava o futuro? Teríamos realmente encontrado a primeira prova de que não estamos sozinhos? Seria esta uma nova revelação? Provaria a existência de Deus?

Eu quisera escapar de tudo isso. Não sou religioso e não acredito em Deus. E o código da Bíblia parecia prever perigos terríveis, talvez o verdadeiro Apocalipse, um fim cataclísmico deste mundo. Eu também não queria acreditar nisso. Mas agora, de repente, eu tinha uma nova prova de que o código da Bíblia era real. Uma prova que eu não podia ignorar. O homem que o descobriu estava nomeado no mesmíssimo lugar em que Deus deu a Bíblia a Moisés, no único versículo da Bíblia onde Deus é realmente visto. E se o código era real, então os perigos que ele previa também deveriam ser reais. Eu tinha de ir ver o cientista que encontrou o código, e que estava previsto nele, o homem que poderia ser capaz de ajudar a parar a contagem decrescente para o Armagedão.

Em 1998, mesmo antes do Shavuot, o feriado que celebra o momento em 1200 a.C. quando Deus desceu no Monte Sinai, mostrei a Eli Rips o seu nome nesse versículo da Bíblia. Rips não ficou surpreendido. Permaneceu como sempre foi, humilde. "Não é menos impressionante do que outros aspetos do código", disse Rips. "Se o conhecimento detalhado de todo o mundo está contido nele, então o conhecimento de cada um de nós, e da nossa interação com ele, também foi previsto."

Rips retirou um volume da sua prateleira e leu-me novamente as palavras que me tinha lido quando nos conhecemos pela primeira vez, citando um sábio do século dezoito chamado o Génio de Vilna: "A regra é que tudo o que foi, é e será até ao Fim dos tempos está incluído na Torá, da primeira à última palavra. E não apenas num sentido geral, mas quanto aos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, e os detalhes dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia do seu nascimento até ao seu fim."

Mas Rips negou que fosse um profeta. "A Bíblia afirma claramente que um profeta recebe a sua informação diretamente de Deus", disse o matemático. Embora eu não acredite em Deus, há uma aura em redor de Rips que me impeliu a fazer-lhe uma pergunta — "É possível que o código da Bíblia seja exatamente esse tipo de comunicação? É possível que Deus esteja a falar através do código diretamente contigo?" Rips descartou a possibilidade de ser único e, em vez disso, sugeriu que Deus e o código falam para todos nós. "Tu só tens de procurar o botão de AJUDA", disse Rips.

Mas, por mais modesto que Rips fosse, não havia agora qualquer dúvida de que ele fora nomeado há 3000 anos no texto oculto da Bíblia como o homem que descobriria o código. Não só "pedra de Safira" invertido soletrava "Rips previu", mas onde "tábua de Safira" estava codificado, "russo" e "ele calculará" também apareciam, cruzando-se. Rips tinha vindo para Israel da Rússia em 1970, quando foi libertado de uma prisão política soviética após um protesto mundial liderado pelo presidente da Sociedade Americana de Matemática. "Rips" era o "russo" que "calculou" o código, e na mesma tabela "ele previu" estava novamente codificado, cruzado por "ele mecanizou".

Mas, finalmente, o que convenceu a ambos foi o que apareceu no código da Bíblia com "Decifrador". Olhámos para isso no seu computador. "Decifrador" era cruzado novamente por "Safira" e "pedra" — as palavras que ao contrário soletram "Rips previu". E "Código" sobrepunha-se a "Decifrador". Rips ficou em silêncio por um momento. Examinou as palavras no seu computador. Depois falou: "Quando estamos habituados à

ideia de que toda a realidade está codificada, então aceitamos que cada um de nós tem um lugar no código. Mas ver algo assim tão específico é muito mais vívido do que sabê-lo teoricamente." "Tecnicamente, é uma descoberta muito bonita", comentou.

Era típico. Como sempre, ele focava-se na significância matemática, em vez de se focar no facto extraordinário de estar claramente nomeado no código como o homem que o descobriu. Finalmente, Rips concedeu o que vinha a tentar reter. "Porque sei que o Codificador é o Criador do Universo, esta é uma experiência de grande humildade", disse ele. Se Eliyahu Rips não foi pretendido como o decifrador do código da Bíblia, foi pelo menos previsto.

E agora, no pequeno e apertado escritório da sua casa em Jerusalém, perguntei a Rips se achava que alguma vez seríamos capazes de ver o código da Bíblia na íntegra. "Não temos a chave", disse Rips. "Mesmo usando os computadores mais potentes que possuímos hoje, não conseguimos resolver o seu mistério", continuou. "Acredito que a Torá é a palavra de Deus. Tem tudo nela. Mas não podemos saber o porquê, ou com que propósito, até que, talvez, a chave do código seja encontrada." Rips disse que o código da Bíblia era como um quebra-cabeças gigante, e nós tínhamos apenas um punhado de peças. Disse que Deus pode não querer que o vejamos na íntegra — "o código pode escolher que parte do todo revelar, mostrar-nos a informação X, mas não a Y ou a Z."

"Mas o código diz que o mundo pode chegar ao fim em 2006", lembrei-o. "Precisamos de todas as peças do quebra-cabeças agora. Temos de agir agora, antes que seja demasiado tarde." "Qualquer peça é parte de um todo que não conseguimos ver", disse Rips. "Portanto, qualquer intervenção é presunçosa." Lembrei a Rips que "Guerra Mundial", "holocausto atómico" e "Fim dos Dias" estavam todos codificados com 2006, que tínhamos verificado cada ano nos próximos cem anos e apenas esse ano estava claramente codificado — e que estávamos neste preciso momento sentados na única cidade do mundo nomeada como o alvo, "Jerusalém". "Estamos nas mãos de Deus", disse Rips. Pressionei-o novamente. "Mas achas que alguma vez seríamos capazes de ver o código da Bíblia na íntegra?", perguntei. "Se alguma vez conseguirmos a chave", disse Rips.

A chave. Isso esteve na minha mente durante todo o tempo em que estive em Israel, e então, uma noite, abri o meu portátil e procurei no código da Bíblia por "Chave do Código". Estava lá quatro vezes. Duas vezes, uma palavra hebraica obscura que eu não reconheci cruzava "Chave

do Código". Nem sequer estava no meu dicionário. Mas no dicionário hebraico definitivo era traduzida como "obeliscos".

Obeliscos. Não era o que eu esperava. Eu já tinha visto obeliscos, pilares de pedra altos que terminavam numa ponta em forma de pirâmide. Havia alguns com cerca de 100 pés de altura que ainda estavam de pé no Egito. E havia um em Roma, em Londres e em Paris, cada um trazido do Egito por conquistadores há muito tempo. Eu tinha até visto um obelisco de 3600 anos em Nova Iorque, gravado com hieróglifos que contavam os feitos de um antigo faraó. Mas não era o que eu esperava encontrar a cruzar "Chave do Código". Eu tinha imaginado uma fórmula matemática, ou um conjunto de instruções, não um objeto físico, muito menos um obelisco.

Em ambas as vezes que "obeliscos" apareceu, foi como parte de uma frase, "Boca dos Obeliscos". Sugeria que estes não eram meramente pilares de pedra, mas de alguma forma oráculos, que contavam o futuro, talvez até que falavam. Era difícil de acreditar. Mas não havia dúvida de que isso era intencional. "Obeliscos" apareceu com "Chave do Código" duas vezes, em ambas as vezes cruzando-o de facto, duas correspondências perfeitas, contra todas as probabilidades. Rips começou a processar os números num computador potente na Universidade Hebraica e enviou-me o seu cálculo por e-mail: "'Chave do Código' com 'Boca dos Obeliscos' tem sucesso à taxa de um num milhão. Os meus parabéns!"

Mais tarde, Rips disse-me que era o melhor resultado que alguma vez vira. "Nenhum outro par teve estatísticas tão elevadas na história da investigação de códigos", disse ele. "Dois golpes diretos não poderiam acontecer por acaso. É intencional. Isso é matematicamente certo." E no mesmíssimo lugar, no mesmo texto simples da Bíblia, em ambas as vezes que "obeliscos" cruzava "Chave do Código" havia outra frase, "Senhor do Código".

Senhor do Código. Em hebraico tinha ainda mais significado, poderia ser uma forma bíblica de dizer "o Codificador". Era demasiado perfeito. E então descobri que onde "Senhor do Código" estava codificado na Bíblia, era cruzado pelo mesmo versículo do Êxodo que falava de Deus a descer no Monte Sinai para dar a Bíblia a Moisés, escrita em "Safira", o versículo que identificava o cientista que descobriu o código, "Rips". E nessa mesma tabela "obeliscos" aparecia novamente cruzado por palavras no texto simples que diziam "um objeto do Céu".

Pesquisei por qualquer comentário antigo que me contasse mais sobre os "obeliscos" e encontrei num texto judeu com 1700 anos chamado o Midrash a confirmação imediata do código da Bíblia: "O que eram estes

'obeliscos'? Não eram o que um ser humano tinha feito, mas a obra do Céu." Era uma declaração extraordinária. A fonte autoritária mais antiga declarava claramente que os "obeliscos" vinham de além deste planeta, talvez até de outro reino. Mas havia mais. O Midrash também dizia que eram humanoides: "Tinham olhos como uma janela, eram uma espécie de macho e fêmea." O texto antigo não dizia exatamente que estavam vivos, mas sugeria que podiam ver, e talvez falar. E o Midrash certamente parecia dizer que os obeliscos eram pelo menos representativos de alguma forma de vida, talvez não deste mundo.

Voltei a ver Eli Rips. Ele, claro, não ficou surpreendido por os obeliscos não serem deste mundo, porque já tinha a certeza de que o código da Bíblia, e a própria Bíblia, também vinham de outro reino, na verdade de Deus. Disse a Rips que estivera à espera de uma fórmula matemática, não de um pilar de pedra, fosse deste mundo ou de mais além. Rips disse: "Poderia ser ambos." Disse-me que, em hebraico, la palavra "chave" também significa "gravado". Portanto, "Chave do Código" também pode ser traduzido como "código gravado". E que, por isso, fazia todo o sentido que a palavra que o cruzava duas vezes fosse "obeliscos". Sugeria que a chave que procurávamos estava gravada em pilares de pedra.

Procurámos no seu computador por "chave matemática". Também estava codificada. Depois ambos vimos algo extraordinário — novamente com "chave matemática" aparecia o mesmo versículo do Êxodo que falava de Deus a descer no Monte Sinai, o versículo que dizia que a Bíblia original fora escrita em "Safira", a palavra que ao contrário soletrava "Rips". Procurámos por "código no obelisco". Apareceu uma vez na Bíblia, com "Céu". Olhámos para a codificação original de "código da Bíblia", a própria confirmação da Bíblia sobre a existência do código que tínhamos encontrado muitos anos antes. "Obelisco" cruzava "código da Bíblia".

Ficámos ambos estupefactos. A confirmação parecia absoluta. Existiam, pelo menos há muito tempo, obeliscos que guardavam os segredos perdidos do código da Bíblia. Mas se de facto existia realmente uma prova material do código da Bíblia, algum objeto físico que pudesse ser a chave de que precisávamos para o ver na íntegra, isso seria também, claro, mais do que isso — seria a primeira prova material de que não estamos sozinhos. Se houvesse, de facto, gravada em obeliscos com milhares de anos uma ciência mais avançada do que a que temos agora, uma chave matemática do código, então teria de vir de uma civilização mais avançada do que a nossa — se não do "Céu", pelo menos de mais além.

Ninguém aqui, nenhum humano, nem há milhares de anos, nem hoje, poderia ter criado o código da Bíblia. A nossa ciência é ainda demasiado primitiva. E nenhum de nós consegue ver através do tempo. Por isso, se os obeliscos pudessem ser encontrados, não só teríamos a chave para desbloquear o código e ver todo o nosso futuro, mas também teríamos a prova do nosso passado oculto. Talvez tivéssemos a identidade do "Senhor do Código", o Codificador. Talvez até a verdadeira identidade de Deus.

Mas onde estavam os obeliscos? Eu voava de regresso a Israel mesmo antes do Dia de Ação de Graças em 1998, a olhar para a impressionante codificação de "código da Bíblia" cruzada por "obelisco". E então vi que havia uma localização muito definitiva declarada no texto simples da Bíblia, exatamente onde "obelisco" cruzava "código da Bíblia" — "no Vale de Sidim". Eu sabia que já tinha visto aquele nome de lugar antes. Verifiquei o meu portátil, e ali estava — "código no obelisco" também cruzado por "Vale de Sidim".

A localização aparecia no texto simples da Bíblia, com a história de Abraão. E a referência completa em Génesis 14:3 revelava onde o vale estava localizado — "o Vale de Sidim, que é o Mar Morto". O Mar Morto é, claro, bem conhecido. Fica entre Israel e a Jordânia, um mar interior tão salgado que nada consegue viver nele. Mas o Vale de Sidim não aparecia em nenhum mapa moderno.

Verifiquei mapas de locais bíblicos. O Vale de Sidim continuava a não aparecer. Tudo o que consegui descobrir sobre a localização foi o que estava declarado no Génesis. Nenhum estudioso moderno sabia mais. Alguns especulavam que o vale poderia agora estar debaixo de água, não perto do Mar Morto, mas sob ele. Uma coisa era clara: o Vale de Sidim já era antigo, e aparentemente já esquecido, quando a Bíblia foi escrita pela primeira vez há mais de 3000 anos. Era tão antigo que, quando o Génesis foi escrito, a localização teve de ser identificada pelo mar que já o cobria — antes de a Bíblia existir.

Perguntei a rabinos e estudiosos da Bíblia. O Vale de Sidim era mencionado no Midrash, comentários sobre a Bíblia com cerca de 2000 anos. O comentador mais famoso, o Rashi, um judeu francês medieval, disse que o vale outrora fora verde e cheio de pomares, mas que há muito tempo o Mar Mediterrâneo correu para dentro dele, e o Mar Morto passou a existir, cobrindo o vale. Mas nenhum sábio antigo sabia, e nenhum estudioso hoje sabe, exatamente onde o vale outrora ficava.

Fui ver a principal autoridade científica na área do Mar Morto, um geólogo israelita chamado David Neev. "Eis o que sabemos a partir do

Génesis", disse Neev. "O Vale é especificamente descrito na Bíblia como o Mar Morto. É onde uma batalha antiga foi travada. É onde os reis de Sodoma e Gomorra, fugindo da batalha, caíram em poços de betume." Neev supôs que o Vale de Sidim deveria, portanto, ser perto de Sodoma e Gomorra. É sua teoria que um terramoto enorme destruiu as duas cidades há mais de 4000 anos e as soterrou sob o Mar Morto. Esse, disse ele, foi o evento real por trás do mito na Bíblia. Mas ninguém sabia exatamente onde as duas cidades condenadas outrora se erguiam. E esse local antigo estava quase certamente agora debaixo de água.

E no entanto havia esperança. O Mar Morto estava neste preciso momento no seu nível mais baixo em mais de 5000 anos. O que estivera debaixo de água desde o alvorecer da civilização humana poderia agora estar novamente exposto. "O Mar Morto é como uma chaleira de água deixada num lume forte — está simplesmente a ferver, a evaporar", disse Neev. "Noutro século, grandes partes do mar poderiam simplesmente desaparecer. Até que não reste nada a não ser sal." O geólogo mostrou-me um gráfico que revelava os níveis da água. O mar tinha recuado na última década para -400 metros. A última vez prolongada que estivera tão baixo fora entre 5500 e 8000 anos atrás.

Estaria o Mar Morto em desaparecimento prestes a revelar segredos antigos? A última vez que estivera tão baixo fora durante uma era misteriosa em que todas as coisas que definem a civilização moderna surgiram pela primeira vez, quando aparentemente do nada surgiram a escrita e a matemática, a astronomia e a agricultura, quando os homens aprenderam a trabalhar o metal e as cidades foram construídas pela primeira vez.

"Se o teu objeto foi erguido durante o período Calcolítico, que foi a ascensão súbita da civilização, então é perfeitamente possível que pudesse ter permanecido escondido até agora", disse Neev. "Mas se o que procuras foi construído há 5000 anos, e depois o mar o cobriu por milhares de anos, quando o mar recua, não verás um obelisco, nem sequer um palácio ou uma cidade inteira, apenas lama, sedimento e sal-gema." O geólogo deu-me mais uma pista: "'Sidim' em hebraico significa 'cal', por isso acho que deves procurar por um Vale de Cal. De facto, algumas traduções da Bíblia chamam ao Vale de Sidim o 'Vale de Cal'."

Neev sugeriu que eu procurasse no lado jordano do Mar Morto. "Há uma península ali chamada Lisan", disse ele. "É uma cúpula de sal-gema coberta por calcário." Ele nunca tinha estado lá. Israel tinha combatido em três guerras com a Jordânia. "Tem cuidado", disse ele. "É território inimigo."

O meu guia não compreendia por que razão eu queria ir para a Península de Lisan. Nenhum turista alguma vez quisera ir lá antes. É uma massa de terra com um formato estranho que se projeta para o Mar Morto. Parece uma língua, e de facto, tanto em hebraico como em árabe, "o Lisan" significa "a Língua".

Quando lá chegámos, foi como se tivéssemos chegado ao lado escuro da Lua. É uma paisagem lunar totalmente estéril, inteiramente desprovida de qualquer vegetação. Sob o sol brilhante do deserto brilhava de branco, porque estava coberta inteiramente de cal. Era o único lugar no Mar Morto ainda acima da água que poderia ser um remanescente do antigo "Vale de Sidim", o "Vale de Cal". Parecia mitologicamente perfeito. É o umbigo da Terra. É o lugar mais baixo da Terra, 1300 pés abaixo do nível do mar. Em todo o planeta não há outra terra firme tão baixa. Por isso, quando me encontrava na margem recém-exposta da Península de Lisan, a terra que estivera debaixo de água há apenas uma década, e que fora exposta pela última vez há 5000 anos, eu estava de pé no ponto mais baixo do lugar mais baixo da Terra, no fundo do mundo.

“O ponto mais baixo do mundo” estava codificado na Bíblia. “Lisan” aparecia no mesmo lugar, cruzado por “chave antiga”. O que outrora poderia ter estado erguido nesta terra firme, ficando depois debaixo de água durante toda a história conhecida da civilização humana, poderia agora estar novamente exposto, coberto apenas por areia, argila, lama e pela espessa crosta de sal que o mar deixou para trás.

Estava absolutamente deserto. Não havia um único sinal de habitação humana. Nem agora, nem nunca. As únicas pessoas em toda a península eram os trabalhadores de uma mina de sal. Mas o local estava rodeado por extraordinárias descobertas arqueológicas do passado bíblico. Do outro lado do mar ficavam as grutas de Qumran, onde foram encontradas as cópias mais antigas conhecidas da Bíblia, os Manuscritos do Mar Morto. Durante mais de 2000 anos, palavras manuscritas em pergaminhos de pele de animal tinham sido preservadas. Em 1947, um jovem pastor atirou uma pedra para dentro de uma das grutas e ouviu o som de cerâmica a partir-se. Dentro da urna partida, encontrou um livro completo da Bíblia, intocado pelo tempo.

Também à vista, no lado israelita do mar, erguia-se a antiga fortaleza montanhosa de Massada, onde, há 2000 anos, um pequeno grupo de judeus resistiu às legiões romanas até ao último homem. No planalto, as pedras originais da fortaleza ainda permaneciam de pé, avistando a paisagem desolada que não mudara nos dois milénios decorridos. No lado da Jordânia, a menos de uma milha para o interior a partir do mar, uma aldeia

de 5000 anos, Bab edh-Dhra, tinha sido desenterrada, com os seus antigos tijolos de lama ainda intactos. Poderia ter sido a Zoar bíblica, para onde, segundo a lenda, Lot fugiu para escapar à destruição de Sodoma e Gomorra.

Portanto, não era totalmente implausível que, talvez enterrado sob os meus pés, nesta península totalmente estéril, existisse um antigo obelisco gravado com a "Chave do Código". A Península de Lisan era apenas um ponto num mapa, mas tinha vinte e cinco milhas quadradas e, enquanto ali permanecia sob o sol quente, a olhar para uma extensão infinita de cal e sal, percebi que era uma área demasiado grande para procurar um pilar, ou mesmo um palácio, agora enterrado sob ela, mesmo que por acaso tivesse tropeçado no lugar certo.

Por isso, voltei à Bíblia e ao código.

Há um livro no Antigo Testamento onde o Lisan é mencionado pelo nome. É o Livro de Josué, a história do jovem guerreiro que liderou os antigos israelitas na jornada final do seu êxodo do Egito, após a morte de Moisés, levando-os da Jordânia para Israel. "Lisan, língua de mar" aparece em Josué 15:5, e codificadas ao longo do versículo estão as palavras "ele encontrou o lugar exato, Lisan". "Lisan, língua do Mar Morto, para o Norte", aparece novamente em Josué 18:19, uma descrição ainda mais precisa da localização.

"Codificador" está codificado a cruzar o texto simples que revela a localização. "Codificado" aparece cinco vezes na mesma tabela, e em hebraico a mesma palavra significa "escondido" e "Norte". Assim, o texto simples de Josué, o único livro da Bíblia que menciona Lisan pelo nome, parecia revelar o lugar exato da península onde procurar — no seu ponto mais a norte, onde um dedo da península subia em direção ao Mar Morto, formando uma pequena baía, uma "língua do Mar Morto".

Procurei na Torá por "Lisan, língua de mar", e apareceu apenas uma vez, sem saltos. "O Lisan" estava codificado a cruzar "língua de mar", e "chave antiga" estava codificado a cruzar ambos. Fui ver Eli Rips. Mostrei-lhe as codificações e disse-lhe que tinha pisado aquele chão. Rips estudou o código no seu computador e viu imediatamente algo notável.

"As mesmas letras em hebraico que soletram 'chave antiga' também soletram 'mapa de sensor'", disse Rips. "E isso cruza 'língua de mar' e 'o Lisan'." Foi uma descoberta crucial. A única forma de eu conseguir encontrar um "obelisco" enterrado seria com algum "sensor", alguma

tecnologia avançada que conseguisse ver debaixo de água e debaixo do solo e fazer um "mapa" do que estava escondido a olho nu.

As letras alternadas na sequência do código de dois saltos que soletrava "chave antiga/mapa de sensor" formavam uma nova declaração: "Descoberto, visível, achado, deteção." Mais tarde, descobri que este mesmo versículo notável da Bíblia, no qual "Lisan, língua de mar" aparecia sem saltos no texto oculto e "chave antiga/mapa de sensor" estava codificado a cruzá-lo, não só surgia com "o Lisan", mas também com dez outras pistas centrais na minha busca pela "chave do código".

"Obelisco em Lisan" cruzava "Lisan, língua de mar". O mesmo acontecia com "mapa do esconderijo". E "chave" aparecia três vezes nessa tabela, onde "mapa de sensor" cruzava "mapa do esconderijo". Rips e eu procurámos por "o sensor marcou o local". Surpreendentemente, estava codificado a cruzar o único lugar na Torá onde "o Lisan" aparecia sem saltos. As probabilidades eram de 2 em 10.000.

E, finalmente, sentado sozinho com o meu portátil uma noite, procurei no livro mais profético da Bíblia, Daniel, e vi que "marcação de sensor" também estava ali codificado, com "Lisan". A declaração oculta completa em Daniel era ainda mais extraordinária. Dizia: "Lisan como Sidim".

Era a prova absoluta de que eu tinha, de facto, encontrado o antigo Vale de Sidim. Estava claramente declarado em Daniel. O Vale era a Península de Lisan. Mas a mensagem oculta em Daniel era ainda mais extraordinária. Nos versículos de abertura, o texto simples conta a história de um cerco a Jerusalém por um rei da Babilónia, que levou para o seu palácio alguns dos filhos de Israel. Foi-lhes ensinado tudo o que se sabia no mundo antigo, "toda a sabedoria, conhecimento e ciência", incluindo a língua da primeira civilização conhecida, a "língua dos caldeus".

Escondida nesses versículos estava toda a história por trás da minha busca. Em hebraico, "língua dos caldeus" também soletra "Lisan como Sidim". Onde o texto simples de Daniel falava dos jovens "assistindo no palácio", as mesmas palavras em hebraico poderiam ser traduzidas como "pilar no palácio". Talvez fosse o "obelisco" que eu procurava, no qual estava gravada "toda a sabedoria, conhecimento e ciência".

Mas era ainda mais extraordinário. Esses mesmos versículos de Daniel davam-me o X no mapa do tesouro. "Mazra" também aparecia no mesmo texto simples que identificava "Lisan como Sidim". E "Mazra" era o nome da aldeia na margem sul da enseada do Mar Morto, a "língua de mar" criada pela "língua de terra" que se projetava na ponta norte da Península

de Lisan. Era onde eu encontraria o “pilar no palácio”, o “obelisco”, a “chave do código”.

Todos os livros da Bíblia que verifiquei pareciam apontar para o mesmo lugar — para a área que outrora fora conhecida como o Vale de Sidim, que era agora o Mar Morto, especificamente para a enseada no ponto norte da península, a Baía de Mazra, e para o dedo de terra que formava a baía, o Cabo de Lisan. Na Torá, onde “Península de Lisan” estava codificado, “Mazra” cruzava-o contra as maiores probabilidades. “Mazra” estava codificado com “chave do código”, e “obelisco” cruzava tanto “Mazra” como “chave do código”. Tínhamos encontrado a localização exata. A única questão era como encontraríamos agora o antigo objeto enterrado sob ela.

Não seria como nos filmes. Eu não seria capaz, como Indiana Jones, de afastar alguma terra com as próprias mãos e encontrar a Arca Perdida. Mesmo com equipamento pesado de terraplenagem, este X no mapa, este ponto preciso, era demasiado grande para ser escavado. Eu não fazia ideia de que material o obelisco era feito, a que profundidade estava enterrado, se estava debaixo de terra ou debaixo de mar, nem sequer se ainda existia após milhares de anos desconhecidos.

Havia uma pista que o Dr. Rips encontrou, mas não eram boas notícias. Onde “obelisco” cruzava “código da Bíblia”, o texto simples declarava: “A terra abriu a sua boca e engoliu-o.” Se o obelisco tinha sido engolido, talvez no grande terramoto que o geólogo israelita Neev me dissera ter abalado aquela área há mais de 4000 anos, então o obelisco poderia estar a grande profundidade no subsolo. Poderia ter desaparecido de forma tão completa como Sodoma e Gomorrah.

Seria necessária uma tecnologia muito avançada para o encontrar. O que eu precisava agora era do “mapa de um sensor”. Mas quando verifiquei com os especialistas, os geofísicos que procuravam petróleo, metais preciosos e, por vezes, artefactos antigos no subsolo, houve mais más notícias. O radar de penetração no solo, que funcionava tão bem para encontrar objetos enterrados sob as areias de vastos desertos, seria inútil no terreno saturado de sal de Lisan e do Mar Morto. O radar iria simplesmente fazer ricochete. Não conseguia penetrar naquele solo.

Verifiquei com os meus amigos da inteligência israelita, com o cientista-chefe do Ministério da Defesa, com pessoas que conhecia no Pentágono e na CIA. Todos me disseram a mesma coisa. Não existia nenhuma tecnologia secreta que penetrasse aquela terra, nenhuma nova técnica militar confidencial, nenhum satélite espião avançado que

conseguisse encontrar um obelisco enterrado sob o lugar mais salgado da Terra.

Foi devastador. Tínhamos chegado tão longe. A partir de uma descoberta casual de "obelisco" a cruzar duas vezes "chave do código", contra probabilidades de um milhão para um, eu estava agora talvez no próprio terreno onde a chave fora escondida por milhares de anos, levado até ali quase milagrosamente, passo a passo, unicamente por um código na Bíblia.

"Sinto-me como se estivesse a ser levado numa caça ao tesouro", disse eu a Eli Rips.

"Claro", disse ele, assumindo um plano divino, dando como certo aquilo em que eu não conseguia acreditar.

"Porque é que, então, tudo isto foi feito de forma tão difícil que qualquer pessoa mais sã do que eu já teria desistido há muito tempo?", perguntei.

"Na tua pergunta está a resposta", disse Rips.

Ele olhou novamente para a codificação original de "chave do código". "Isto é realmente encorajador", disse ele, apontando para o ecrã do seu computador. "Diz: 'Nas nossas mãos para resolver'. É ainda melhor em hebraico — 'Nas nossas mãos para quebrar', como em quebrar um código." Mas as mesmas palavras hebraicas também poderiam ser traduzidas como "nas nossas mãos para uma crise". E eu estava convencido de que não era por acaso que procurávamos a chave do código neste momento de crise mundial.

O rufar de tambores de guerra em pano de fundo no Médio Oriente dava à busca uma urgência que o código da Bíblia só vinha aumentar. Avisava que esta demanda era nada menos do que uma corrida contra a contagem decrescente para o Apocalipse. "Na Península de Lisan" estava codificado com "no Fim dos Dias". O aviso era claro, mas também o era a promessa. A cruzar "na Península de Lisan", logo abaixo de "no Fim dos Dias", o texto simples da Bíblia declarava: "Para vós e para os vossos filhos depois de vós, a fim de que prolongueis os vossos dias na Terra."

CAPÍTULO TRÊS:

CLINTON

Na televisão, o Presidente confessava o seu pecado, se não admitindo inteiramente a sua mentira: “Tive, de facto, uma relação com a Menina Lewinsky que não foi apropriada.” Era 17 de agosto de 1998. Bill Clinton dizia que tinha enganado a sua mulher e o povo americano. Estava a admitir, num discurso solene e de semblante carregado transmitido pela televisão nacional, que tivera uma relação íntima na Casa Belas com uma estagiária de 24 anos.

Enquanto Clinton falava, eu mantinha um olho na televisão, mas estava focado, em vez disso, no meu computador, a pesquisar o código da Bíblia. Havia meses que os amigos me pediam para procurar no código o escândalo de Monica Lewinsky, e eu tinha-me recusado a fazê-lo. Parecia demasiado reles, demasiado trivial. Mas agora poderia causar a queda de um Presidente, o homem que tinha reunido Rabin e Arafat, o único homem que poderia ser capaz de fazer a paz no Médio Oriente e evitar todos os horrores que o código previa.

Eu sabia que “Clinton” estava no código porque Bill Clinton fora o primeiro nome que procurei na Bíblia. Em junho de 1992, quando ouvi falar do código da Bíblia pela primeira vez, este passou no meu primeiro teste — previu a vitória de Clinton, seis meses antes de ele ser eleito Presidente. “Clinton” estava codificado com “Presidente” no texto de 3000 anos. Em agosto de 1998, enquanto ele confessava na televisão nacional, procurei novamente por “Clinton” no código da Bíblia, mas agora para ver se este previa a sua destituição.

“Clinton” e “destituição” estavam codificados juntos, de forma muito clara e contra probabilidades muito altas. E onde “destituição” estava codificado com “Clinton”, no mesmo versículo da Bíblia, o escândalo de Monica Lewinsky também era previsto: “Segredo oculto, amante de serva.” Era extraordinário. Isso é o mais perto que o Antigo Testamento consegue chegar de “jovem estagiária”.

Na altura em que encontrei isso, o Presidente tinha concluído a sua confissão de cinco minutos, e os comentadores de TV diziam agora que ele poderia não sobreviver ao escândalo. Enquanto eu pesquisava o código da Bíblia, via na TV, vezes sem conta, o clipe de filme de Clinton a negar o caso, a abanar o dedo para a nação e a dizer: “Não tive relações sexuais com aquela mulher, a Menina Lewinsky.” E depois, repetidamente, a repetição instantânea da sua confissão recém-concluída: “Tive, de facto, uma relação com a Menina Lewinsky.”

Até agora, parecia absurdo procurar o desfecho deste escândalo num texto antigo que avisava que o mundo poderia em breve enfrentar um perigo sem precedentes. Mas agora, com o destino do Presidente em questão, com a nação prestes a enfrentar o seu primeiro julgamento de destituição em mais de cem anos, pesquisei por uma resposta no código da Bíblia. Quando olhei mais de perto para a codificação de "Clinton", percebi que havia um segundo nível.

A palavra imediatamente antes de "destituição" era "contra". A verdadeira mensagem, a verdadeira correspondência com "Clinton" no código da Bíblia era "povo, nação contra a destituição", ou, mais literalmente, "iremos opor-nos à destituição". E, a sobrepor-se a "povo, nação contra a destituição", o texto oculto declarava: "a sua opinião evitou".

A 17 de agosto de 1998, na noite em que Clinton confessou, no momento em que a sua presidência parecia correr maior perigo, o código da Bíblia previu que Clinton sobreviveria ao escândalo. A 12 de fevereiro de 1999, o Senado dos EUA absolveu o Presidente Clinton de ambos os artigos de destituição, após um ano penoso de escândalo e investigação. Mais uma vez, o código da Bíblia tinha provado estar certo.

Dois anos mais tarde, a 16 de outubro de 2000, cheguei à Casa Branca para me reunir com o Chefe de Gabinete do Presidente Clinton, John Podesta. Estava ali para lhe dizer que o código da Bíblia avisava que já nos encontrávamos no Fim dos Dias. O agente do Serviço Secreto no portão estava nervoso. A guerra tinha eclodido novamente no Médio Oriente e havia um alerta terrorista. Tive de esperar meia hora para obter autorização para entrar.

Enquanto esperava no exterior da Casa Branca, repassava mentalmente o que diria ao segundo homem mais poderoso do mundo, o homem que se sentava na Ala Oeste e determinava quem o Presidente via, o que o Presidente via e, portanto, em grande medida, o que o Presidente fazia. Podesta já tinha entregue a Clinton o meu livro sobre o código da Bíblia. Disse-me que o Presidente o tinha consigo em Camp David, juntamente com uma carta que eu lhe enviara no dia em que anunciou uma cimeira entre o Primeiro-Ministro israelita Ehud Barak e o líder palestiniano Yasser Arafat. A minha carta, datada de 5 de julho de 2000, declarava:

"Anexo uma cópia do meu livro *O Código da Bíblia*, porque o seu anúncio de hoje de uma cimeira em Camp David entre Barak e Arafat confirma o que o código previu. O código, que parece revelar o nosso

futuro, sugere que o senhor desempenhará um papel central na determinação de haver paz ou guerra no Médio Oriente, e que o que está em jogo é ainda mais importante do que possa imaginar. Hesito em declará-lo em pormenor nesta carta, porque soa muito apocalítico."

Eu não conseguia convencer-me a dizer ao Presidente dos Estados Unidos que já estávamos no "Fim dos Dias". Não conseguia dizer-lhe que, de acordo com o código da Bíblia, o mundo poderia chegar ao fim no espaço de alguns anos. Eu próprio não conseguia acreditar nisso. E tinha a certeza de que, se o dissesse, a primeira pessoa no gabinete do Presidente que lesse a minha carta assumiria que eu era uma daquelas pessoas que apareciam todos os dias no parque do outro lado da rua da Casa Branca, segurando cartazes pintados à mão que diziam "ARREPENDEI-VOS, O FIM ESTÁ PRÓXIMO".

Por isso, em vez disso, a minha carta continuava: "Na verdade, não sou de todo religioso e tenho a certeza de que o desastre pode ser evitado." O código da Bíblia, disse eu ao Presidente, era ciência, não religião, e revelava nomes, locais e datas modernos num texto que tinha 3000 anos.

"'Clinton' estava perfeitamente codificado com 'Presidente' contra as maiores probabilidades", escrevi, recordando a minha descoberta em 1992, meses antes de ele ser eleito. "A sua eleição foi a minha primeira confirmação concreta da realidade do código. Agora descobri que a cruzar o seu nome na Bíblia está outra declaração — 'ele restaurou, reparou'. Tem um significado mais profundo em hebraico, 'restaurar, reparar, transformar o mundo'. A alternativa está também declarada de forma crua no código da Bíblia, o verdadeiro Armagedão, uma guerra mundial nuclear, com início no Médio Oriente. Se o código estiver certo, esse perigo está ainda a anos de distância. Mas o que fazemos agora, o que o senhor faz agora, pode determinar o que finalmente acontece. Penso que é por isso que o código da Bíblia existe. Para nos avisar a tempo de mudar o futuro. O senhor poderá estar numa posição muito melhor para acabar com milhares de anos de violência entre árabes e judeus do que qualquer pessoa envolvida no conflito", concluía a minha carta a Clinton.

"Camp David" estava codificado na Bíblia cruzado por "cidade de refúgio" no texto simples, e "paz" aparecia no mesmo lugar. Era apropriado que "Camp David" — o retiro isolado dos Presidentes, o local do histórico tratado de paz entre o Egito e Israel, e agora o lugar para onde Clinton trouxe dois guerreiros, Barak e Arafat — estivesse codificado onde o texto simples da Bíblia estabelecia as regras que permitiam aos homicidas encontrar "redenção, libertação".

Mas Camp David terminou em fracasso. Tanto Clinton como Barak pensaram que poderiam fazer a Arafat uma proposta que ele não poderia recusar. Quase todos acreditavam que, em poucos dias, certamente semanas, Arafat aceitaria um Estado palestiniano em 90 por cento da Cisjordânia e de Gaza, que aceitaria seguramente a maior parte de Jerusalém Oriental e metade da Cidade Velha. Mas Arafat mal respondeu. Ninguém compreendeu porquê. Ninguém compreendeu a força da religião. A religião condenou as conversações de paz. O código da Bíblia previu-o. "Monte do Templo" era o campo de batalha previsto.

Outrora o local do antigo Templo judeu construído por Salomão, agora o local de uma mesquita de cúpula dourada, este planalto de 35 acres em Jerusalém era o ponto sagrado que ninguém abdicaria. Para os judeus, o remanescente do Templo, o Muro Ocidental na base do Monte do Templo, era o santuário mais sagrado. Para os muçulmanos, a mesquita no topo do monte a que chamam Haram al-Sharif era superada apenas por Meca. Durante milhares de anos, o Monte do Templo fora o centro da guerra religiosa, o ponto zero na batalha eterna pelo controlo da Cidade Santa, e continuava a ser a única questão insuperável em Camp David.

"Monte do Templo" estava codificado com os três nomes dos líderes reunidos na cimeira — "Clinton", "Arafat" e "Barak". "Monte do Templo" aparecia no texto oculto sem saltos onde "Clinton" estava codificado, e o ano de Camp David, "5760", o ano 2000, aparecia no mesmo lugar. "Monte do Templo sabotado" estava codificado onde "Arafat" aparecia sem saltos, novamente contra probabilidades muito altas. "Barak" cruzava "Monte do Templo" no mesmo lugar, e as palavras originais da Bíblia avisavam sobre o "Fim dos Dias".

Era extraordinário que os três intervenientes nas conversações de paz estivessem codificados com o nome do local sagrado que fez explodir as conversações, e o código da Bíblia parecia sugerir que um ataque ao Monte do Templo poderia estar iminente.

À medida que as conversações de paz se desmoronavam em julho, e os esforços para as reanimar falhavam em agosto, setembro e outubro, continuei a tentar abrir uma brecha, a tentar chegar a Clinton, a chegar a Barak, a chegar a Arafat.

Cheguei a Israel no início de agosto de 2000. A cimeira de Camp David tinha acabado de colapsar e o governo israelita estava à beira da rutura. O Primeiro-Ministro Barak lutava desesperadamente para se manter no cargo, enquanto os seus ministros se demitiam um a um e o povo israelita perdia toda a esperança de que a sua luta com os palestinianos

alguma vez tivesse fim. Barak, agora isolado e retraído, não queria ouvir o terrível aviso do código da Bíblia.

Tinha tentado ver Barak pela primeira vez um ano antes de ele ser eleito. A 17 de maio de 1998, quando ele nem sequer sabia que iria concorrer a Primeiro-Ministro, enviei-lhe uma carta que declarava: "Novas informações descobertas no código da Bíblia indicam que o senhor poderá ser Primeiro-Ministro numa altura de gravíssimo perigo para todo o seu país. Penso que será o próximo líder de Israel e espero que nos possamos encontrar." O código previa inclusivamente o ano, "5759", equivalente a 1999 no calendário moderno. Não parecia possível, por isso não o incluí na minha carta — as eleições seguintes estavam agendadas para o ano 2000.

Um ano depois, certinho no mesmo dia, a 17 de maio de 1999, Ehud Barak venceu umas eleições antecipadas surpresa e tornou-se Primeiro-Ministro de Israel. Mas não senti qualquer sensação de triunfo. Apenas um terrível pressentimento. A codificação na Bíblia que me levara a prever a eleição de Barak com um ano de antecedência também alertava para o perigo, e era bizarra e específica.

"Primeiro-Ministro E. Barak" aparecia numa única matriz de código seguida por "crise e morte". O aviso era explícito. A crise eclodiria no local sagrado em Jerusalém reivindicado tanto por muçulmanos como por judeus, o "Monte do Templo". A cruzar "Primeiro-Ministro E. Barak", o texto oculto declarava: "Eles atingirão o Monte do Templo."

Por isso, quando Barak foi eleito, como previsto e quando previsto, enviei imediatamente mensagens urgentes aos seus conselheiros mais próximos, pedindo-lhes que alertassem Barak sobre o perigo. Enviei um fax ao cientista-chefe do Ministério da Defesa, o General Isaac Ben-Israel: "O que me preocupa é que, se o código esteve certo ao prever a sua vitória, também poderá estar certo ao prever que Barak seria o líder de Israel numa altura de grande perigo." Mas Barak, agora tão fustigado que não via sequer os homens do seu próprio círculo íntimo, disse que estava demasiado ocupado para se reunir.

Enviei ao Primeiro-Ministro uma nova carta. Esta declarava: "'Eles atingirão o Monte do Templo' está tão claramente codificado com 'Primeiro-Ministro E. Barak' como o assassinato estava codificado com 'Yitzhak Rabin'." Barak sabia que o código da Bíblia continuava a cumprir-se. No dia em que Rabin foi morto, o amigo mais próximo de Rabin, o homem que entregou o meu aviso a Rabin, ligou a Barak e disse: "O repórter americano sabia-o há um ano. Eu disse-o ao Primeiro-Ministro. Estava na Bíblia."

De facto, Barak tinha investigado pessoalmente o código da Bíblia. O General Ben-Israel disse-me que, após o assassinato de Rabin, o novo Primeiro-Ministro, Shimon Peres, ordenou a Barak, então ministro do gabinete, que fizesse uma verificação. "Ele também o investigou a si", disse Ben-Israel. "Investigou se o senhor poderia estar envolvido no assassinato." Fiquei chocado, mas fazia todo o sentido. Era mais fácil para Barak acreditar que eu sabia com um ano de antecedência que Rabin seria morto porque estava envolvido, do que aceitar que um código com 3000 anos na Bíblia tinha revelado o futuro. "O seu nome foi limpo", disse Ben-Israel.

Portanto, Barak sabia tudo sobre o código da Bíblia. Sabia que este tinha previsto o homicídio de Rabin e a sua própria eleição, ambos com um ano de antecedência. E mesmo assim, recusava-se a ver-me. "Não o leve a nível pessoal", disse o General Ben-Israel. "Ele não fala com ninguém agora, nem com os seus conselheiros mais próximos, nem comigo. Está totalmente isolado."

Mas eu não podia ignorar o perigo. "Monte do Templo" não só cruzava "Primeiro-Ministro Barak", como "Monte do Templo sabotado" também estava codificado com "Ehud Barak" e "5760", o ano 2000. O perigo parecia também estar codificado com uma data — o "9 de Av". Esse era o dia em que a lenda dizia que o Primeiro Templo fora destruído pelos babilónios em 586 a.C., e também o dia em que o Segundo Templo fora destruído pelos romanos em 70 d.C.

Por isso, na manhã do 9 de Av, 10 de agosto de 2000, fui ver o Secretário de Gabinete de Barak, Isaac Herzog, filho de um antigo Presidente de Israel, que já tinha recebido uma carta minha e a tinha entregue ao Primeiro-Ministro. "O próprio Barak colocou a segurança em alerta", disse-me Herzog. "O Primeiro-Ministro está pessoalmente ciente do perigo. Não há mais nada que possamos fazer." Herzog disse-me também que tinha chamado o Chefe de Polícia de Jerusalém ao seu gabinete no dia anterior para o alertar sobre o ataque previsto, e que tinha igualmente avisado todos os outros altos funcionários de segurança sobre o possível perigo no 9 de Av.

Todos em Israel sabiam que um ataque ao Monte do Templo poderia desencadear uma Jihad, uma guerra santa. Extremistas religiosos de todas as tendências já tinham tentado alvejá-lo no passado, esperando trazer o Apocalipse. O ano 2000 era visto como o ano do perigo supremo. De facto, um artigo no *New York Times* perguntava: "No próximo ano, o ano do milénio, durante o qual alguns cristãos esperam que Cristo regresse — irá alguém tentar destruir a Cúpula do Rochedo ou a vizinha Mesquita de Al-

Aksa a fim de acabar com o processo de paz ou provocar o Fim dos Dias, ou ambos?" O líder do grupo terrorista palestiniano Hamas, o xeque Ahmed Yassin, dissera: "Isto seria o fim de Israel."

Por isso, mostrei ao braço direito de Barak, Herzog, que tanto "Barak" como "Arafat" apareciam no código da Bíblia com o "Fim dos Dias". "O que pensa o Dr. Rips sobre isto?", perguntou Herzog. "Ele pensa que está absolutamente além do acaso que 'Arafat' e 'Barak' estivessem ambos codificados exatamente no mesmo lugar em que ambas as expressões do 'Fim dos Dias' aparecem juntas", disse eu.

Mas nada aconteceu no 9 de Av. Não houve nenhum ataque ao Monte do Templo. Nenhum fanático religioso, nenhum terrorista atacou nesse dia. Temi ter feito um falso alarme e que ninguém mais me ouvisse. Mesmo assim, pedi novamente a Herzog que marcasse uma reunião com o Primeiro-Ministro. "Barak não está a ver ninguém", disse ele. "É impossível agora." Por isso, virei a minha atenção para Yasser Arafat.

A 13 de agosto de 2000, reuni-me com Abu Ala, o líder do parlamento palestiniano, talvez o segundo em poder logo a seguir ao próprio Arafat. Um homem baixo, calvo e corpulento que fumava um charuto, parecia a versão árabe de um líder partidário de bairro de Tammany Hall. Mas o seu gabinete na cidade de Ramallah, na Cisjordânia, era dominado por uma grande fotografia da mesquita de cúpula dourada no Monte do Templo, em Jerusalém. Entreguei a Abu Ala uma carta para Arafat. Disse-lhe que era um aviso codificado na Bíblia, uma profecia que Arafat tinha de ver. Ele leu-a atentamente e, quando terminou, estava visivelmente abalado.

Eu esperava que ele ficasse cético, até hostil. Era, afinal de facto, um código em hebraico no livro do seu inimigo. Mas Abu Ala levou-o tão a sério que se perguntou em voz alta se deveria enviá-lo a Arafat nesse mesmo dia, embora Arafat estivesse numa visita oficial à China. "Também temos coisas assim no Alcorão", disse ele. "Arafat é um bom crente, por isso penso que levará isto a sério. Mais do que Rabin." Mas os meses passaram e Abu Ala nunca entregou a minha carta. Eu não conseguia chegar a Arafat. Não conseguia chegar a Barak. Por isso, tentei novamente chegar a Clinton.

No final de setembro, com as conversações de paz irremediavelmente paradas, enviei uma nota ao Chefe de Gabinete do Presidente, Podesta: "É possível que o impasse entre Barak e Arafat, que não cede a uma solução política racional, ceda a uma solução que enfrente o problema nos seus próprios termos. A religião é o problema. O código da Bíblia pode ser a solução."

Na altura em que recebi resposta da Casa Branca, na altura em que Podesta concordou em ver-me, eu já estava de regresso a Israel e já era demasiado tarde. Nesse dia, a nova Intifada começou.

Guerra aberta entre israelitas e palestinianos eclodiu no Monte do Templo, exactamente como o código da Bíblia tinha previsto. No dia anterior à minha chegada, a 28 de setembro, o líder da ala direita de Israel, o general que tinha jurado esmagar Arafat, Ariel Sharon, liderou mil polícias de choque fortemente armados e soldados até ao Monte do Templo. No dia seguinte, 29 de setembro de 2000, após as orações de sexta-feira na mesquita, o novo levantamento palestiniano começou, e quatro jovens que atiravam pedras foram mortos por soldados israelitas no Monte do Templo. O ataque ao Monte do Templo acabou por vir não de extremistas religiosos ou terroristas, mas de uma das figuras mais centrais da política israelita, e desencadeou uma espiral sem fim de violência.

"Sharon" também estava codificado com "Monte do Templo". Todas as partes da previsão do código da Bíblia que eu enviara ao Primeiro-Ministro Barak mais de dois anos antes tinham-se agora tornado realidade. "Eles atingirão o Monte do Templo" — as palavras que cruzam "Primeiro-Ministro E. Barak" — e o aviso de "crise e morte" eram agora uma dura realidade.

Mas mesmo assim, Barak não me via. Fui ver uma das poucas pessoas em quem o fustigado Primeiro-Ministro ainda confiava, o seu cunhado Doron Cohen, um advogado de Tel Aviv. Entreguei-lhe uma nova carta para Barak. Mas antes que ele a pudesse ler, entrou uma chamada do gabinete do Primeiro-Ministro. "Não haverá nenhuma reunião agora", disse Cohen ao desligar o telefone. "Dois soldados israelitas acabam de ser linchados em Ramallah."

As imagens na televisão israelita eram horríveis. Uma multidão enfurecida tinha cercado uma esquadra da polícia palestiniana na cidade da Cisjordânia, capturado dois jovens soldados israelitas que se tinham perdido e entrado por engano em território palestiniano, espancou-os até à morte, mutilou os corpos e atirou-os pela janela fora. Um dos assassinos ergueu as mãos cobertas de sangue e a multidão lá em baixo aplaudiu. Em retaliação, helicópteros de ataque israelitas arrasaram o quartel-general da Autoridade Palestiniana em Ramallah e em Gaza. Foi a pior violência desde que Arafat e Rabin tinham apertado as mãos no relvado da Casa Branca em 1993. Era a guerra.

Eu estivera em Gaza, num dos complexos palestinianos que Israel bombardeou, apenas dois dias antes, para me reunir com o ministro dos

Negócios Estrangeiros de Arafat, Nabil Shaath. O meu motorista deixou-me no lado israelita da fronteira e caminhei a distância equivalente a dois campos de futebol sob o sol quente, cruzando a terra de ninguém em direção a Gaza, no décimo segundo dia de motins que já tinham ceifado quase 100 vidas. O Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, chegou pouco antes de mim, e o Ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Sergei Ivanov, estava a caminho, pelo que a minha reunião com Shaath foi adiada.

"O que é este livro com este hebraico todo?", perguntou-me o Dr. Shaath quando finalmente me reuni com ele, segurando um exemplar do meu livro sobre o código da Bíblia. Mostrei-lhe a tabela de código na capa, onde as palavras "assassino assassinará" cruzavam "Yitzhak Rabin". Disse-lhe que tinha vindo para avisar Arafat, através dele, de um perigo ainda maior.

"O Presidente Arafat acredita em profecias", disse Shaath, já não demonstrando hostilidade. "Isto vai afetá-lo. In 1997, pessoas que têm formas de ver o futuro avisaram-no de que a sua vida estava em perigo, e Arafat ficou visivelmente abalado durante meses. O seu lábio tremia. Todos pensavam que ele estava doente. Mas não era isso, era a profecia. Entregar-lhe-ei isto, mas tenho de encontrar o momento certo, talvez quando estes problemas terminarem."

"Até lá poderá ser demasiado tarde", disse eu. "Não penso que estes problemas terminem cedo. Se o código estiver certo, a escolha agora não é entre a paz e os motins nas ruas, mas entre a paz e a aniquilação." Shaath disse-me que pensava que haveria paz. Dois dias depois, o complexo onde nos reunimos foi destruído por um míssil disparado por um helicóptero israelita.

Agora, dois meses após o fracasso de Camp David, com a paz que outrora parecia certa despedaçada por uma guerra aberta, apenas duas semanas depois de o Chefe de Gabinete do Presidente ter concordado em ver-me, mas num mundo que já tinha mudado, eu encontrava-me no portão da Casa Branca, esperando para avisar Clinton de que já estávamos no Fim dos Dias.

Finalmente, às 14:30 de 16 de outubro de 2000, o Serviço Secreto deu-me autorização e fui levado à presença do Chefe de Gabinete do Presidente. John Podesta, um homem silencioso, magro como um carril e reservado, disse-me que tinha entregue pessoalmente a Clinton o meu livro e a minha carta, e que voltaria a informar Clinton sobre o código da Bíblia assim que este regressasse de mais uma cimeira no Egito com Barak e

Arafat, onde o Presidente tentava agora desesperadamente negociar um cessar-fogo.

"Já falei com o Presidente sobre isto", disse o seu Chefe de Gabinete, "e voltarei a falar com ele."

"Alguma novidade do Egito?", perguntei-lhe. Podesta abanou apenas a cabeça. "Nada", murmurou. "Nada de bom."

Decidi contar-lhe toda a verdade, porque o perigo parecia muito mais real agora do que há escassos meses, quando a cimeira de Camp David fora anunciada com tanta esperança. Disse sem rodeios a Podesta que o código da Bíblia parecia indicar que enfrentávamos o tempo de perigo supremo há muito previsto nas três religiões ocidentais, o Fim dos Dias. Mostrei-lhe a tabela de código no meu livro onde as duas declarações bíblicas do "Fim dos Dias" se uniam. E depois circulei os nomes "Arafat" e "Barak" que apareciam exatamente no mesmo lugar.

Podesta estudou-a atentamente. Olhou para os nomes dos dois líderes soletrados sem saltos num texto com 3000 anos, cada um com um aviso do Tempo do Fim. "O que significa isto?", perguntou-me ele.

"Não sei exatamente o que significa o 'Fim dos Dias', mas significa seguramente um tempo de gravíssimo perigo", disse-lhe eu. "No Livro de Daniel diz-se: 'Haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação'."

"Se estamos a falar de Israel, essa é uma grande declaração", disse Podesta. Mas ele conhecia perfeitamente o significado bíblico do "Fim dos Dias". "O que eu quero saber", explicou, "é o que isso significa no mundo de hoje."

Mostrei-lhe algo extraordinário. Onde "Arafat" aparecia sob "no Fim dos Dias", o nome do líder palestiniano surgia como parte de uma frase: "Arafat está a ser obstinado." "Acertou em cheio nisso", disse Podesta.

Depois mostrei-lhe que onde "Barak" cruzava a outra declaração do "Fim dos Dias", a sobrepor-se ao seu nome, o texto oculto declarava: "numa batalha do teu país."

"Onde estão as boas notícias?", perguntou Podesta.

Mostrei-lhe que “paz” estava codificado logo acima de “Fim dos Dias”. Mas depois também lhe mostrei que entrelaçado com “paz” estava “terror”.

“Essas são as boas notícias?”, perguntou Podesta.

“Penso que essa é a realidade”, disse eu. “Penso que o melhor que podemos esperar é uma batalha entre a paz e o terrorismo. Mesmo que se faça a paz, mesmo que Clinton realize o milagre, o perigo provavelmente não desaparecerá e, na verdade, atingirá provavelmente o seu pico. Há uma declaração soberana de perigo, claramente destinada a este momento, porque é matematicamente impossível que ‘Arafat’, ‘Barak’ e ‘Fim dos Dias’ estivessem codificados juntos por acaso. De acordo com o código da Bíblia, este é o ‘Fim dos Dias’”, acrescentei.

“Agora?”, perguntou Podesta.

“Se o código estiver certo, o que está a acontecer agora é apenas o início. O perigo supremo é um ‘holocausto atómico’, uma possível ‘Guerra Mundial’ com início no Médio Oriente.”

“Quando?”, perguntou Podesta. “Onde?”

“O código parece indicar que a Terceira Guerra Mundial pode começar com um ato de terrorismo”, disse eu. “‘Jerusalém’ é a única cidade nomeada.”

Finalmente, disse ao Chefe de Gabinete que o perigo estava claramente codificado com apenas um ano — que tanto “Guerra Mundial” como “holocausto atómico” apareciam com o mesmo ano, 2006.

“Daqui a cinco anos?”, perguntou Podesta.

“Não sei nada sobre o amanhã”, disse-lhe eu. “But estou seguro de que o código é real, por isso penso ser provável que os avisos no código também sejam reais.”

Podesta pareceu levar tudo muito a sério. Disse muito pouco, mas escutou com atenção e não atendeu chamadas enquanto estivemos reunidos durante quase uma hora na Casa Branca. Disse-lhe que tinha acabado de regressar do Médio Oriente e que o que vira no terreno me deixava preocupado. Disse-lhe que já me tinha reunido com a maioria das pessoas em redor de Barak e Arafat, e que via apenas uma oportunidade real para uma rutura.

“Reuni-me com Abu Ala em Ramallah e acabo de me reunir com Nabil Shaath em Gaza, e ambos me disseram a mesma coisa — que Arafat levará isto a sério”, disse eu a Podesta. “Arafat acredita em profecias. Penso que aí poderá estar a abertura.”

Podesta pareceu mais focado nisso do que em qualquer outra coisa, talvez porque Arafat era, aos olhos da Casa Branca, o problema. Clinton tinha passado mais tempo a cortejá-lo do que a qualquer líder mundial, e ficou chocado quando Arafat falhou em fazer a paz em Camp David. Disse a Podesta que achava que talvez o Presidente estivesse a cometer um erro ao tentar lidar com Arafat como se ele fosse Barak, Rabin ou Peres.

“Penso que Arafat é um místico”, disse eu. “Ele acredita no seu próprio destino. Acredita que está a servir um poder superior. É por isso que penso que talvez os avisos no código da Bíblia o possam alcançar.”

“Ligue-me se vir Arafat”, disse Podesta.

No final da reunião, perguntei a Podesta se era religioso. “Sim”, respondeu ele. Perguntei-lhe se conseguia acreditar que o código da Bíblia era real. “Sim, consigo”, disse Podesta.

“Então isto é provavelmente muito mais fácil para si do que para mim”, disse-lhe eu. Podesta riu-se. “Clinton também é religioso”, disse ele. “Não sei se ele acredita em profecias, mas é certamente religioso e conhece bem a Bíblia.”

“Como político do Sul, teria de conhecer”, comentei. Podesta riu-se novamente. “Ele é religioso”, repetiu.

“Pode arranjar maneira de eu ver o Presidente?”, perguntei. Podesta disse-me que sim. “Dir-lhe-ei quando”, disse ele enquanto eu me levantava para sair. “Sei que soa a ridículo, face ao que me contou, mas tem de caber na agenda. Este não é um momento fácil para ele. Só estará no cargo mais escassos meses e há muito para fazer.”

Enquanto caminhava de regresso pelo caminho que ia da Casa Branca até ao portão de ferro, a enormidade do momento, de com quem me tinha acabado de reunir, do que tinha acabado de dizer e do que estava a acontecer no mundo neste preciso momento, atingiu-me com toda a força.

Talvez fosse o cenário — a Casa Branca, a sede indiscutível do poder no mundo de hoje — ou talvez fosse o facto de ter acabado de regressar de duas semanas de violência em Israel que despedaçaram a paz que Arafat e

Rabin tinham selado com um aperto de mãos neste mesmíssimo lugar, sete anos antes. Mas havia algo naquele momento que parecia muito diferente de tudo o que eu tinha feito antes, e fez-me recear que tudo isto fosse bem real.

Podesta, que tinha mais acesso ao Presidente do que talvez qualquer outra pessoa, parecia ter aceitado a realidade do código da Bíblia antes de eu chegar, e indicou que Clinton também o fizera. As palavras que mal ousara proferir, por medo de que ele pensasse que eu estava louco — "Fim dos Dias" — não pareceram surpreendê-lo de todo, e ele pareceu aceitar isso também.

Foi aí que me apercebi de que eu estava numa clara minoria. Que quase toda a gente era religiosa, ou pelo menos acreditava em Deus. Que pessoas como o Presidente e o seu Chefe de Gabinete cresceram a ler sobre o "Fim dos Dias" na Bíblia, a ouvir falar do "Fim dos Dias" na igreja, e simplesmente aceitavam-no como real.

Tudo aquilo era bastante estranho para mim. Ali estava eu, na Casa Branca, a dizer ao principal conselheiro do Presidente que este poderia ser o tempo de perigo supremo há muito previsto, e ele parecia estar a levar-me bastante a sério, e disse que já tinha falado com o Presidente e que voltaria a falar com ele. Por isso, ao sair da Casa Branca, tudo o que tinha acabado de contar a Podesta pareceu-me subitamente mais real — algum momento terrível, até mesmo terminal, que fora vislumbrado há 3000 anos, estava talvez agora quase a cair sobre nós.

CAPÍTULO QUATRO:

EXISTE

No próprio dia em que a cimeira de Camp David começou, encontrei a prova final de que estava a procurar exatamente no lugar certo pela "Chave do Código".

"Existe em Lisan" aparecia em paralelo a "código da Bíblia".

Mas era mais do que uma prova de que eu estava a olhar para o sítio certo. Em hebraico, o nome da península, "Lisan", também significa "língua" ou "linguagem". E a matriz completa do código que surgia paralelamente a "código da Bíblia" afirmava, portanto, também: "existe na linguagem do homem".

“Existe na linguagem do homem” — finalmente, a prova de que o código da Bíblia era destinado a nós, destinado a ser resolvido pelo homem.

Liguei para Eli Rips. Tudo o que eu tinha encontrado era o resultado de uma nova descoberta do seu programador de computador, o Dr. Alex Rotenberg. “Código da Bíblia” estava codificado com um salto muito curto, muito mais curto do que as probabilidades sugeririam. Para Rips, tratava-se de uma nova e importante prova matemática.

“É uma prova boa e simples”, disse Rips, “porque a mesma expressão longa — ‘código da Bíblia’ — aparece duas vezes com saltos curtos. Não é provável que ninguém encontre algo assim em qualquer outro texto que não seja a Bíblia.”

Isto tinha um significado especial porque “código da Bíblia” era, logicamente, a mais fundamental de todas as codificações possíveis. Mas o Dr. Rips estava igualmente entusiasmado com a minha nova descoberta. “É um achado muito bonito, não há dúvida sobre isso”, disse ele. “Significa que o código da Bíblia está escrito na nossa própria língua e que o código é, portanto, acessível para nós, não exigindo conhecimento ou capacidades sobre-humanas.”

As probabilidades de “código da Bíblia” aparecer no mesmo lugar e com a mesma sequência de saltos curtos que “existe em Lisan/existe na linguagem do homem” estavam tão além do acaso que eram incalculáveis. Era impressionante que esta nova confirmação do “código da Bíblia”, e a minha busca pela “chave do código”, surgissem neste momento crítico para Israel, quando o destino da nação — e, com ele, o destino do mundo — poderia ser decidido no encontro de Barak e Arafat com Clinton em Camp David.

Mesmo quando eu tentava desviar o meu foco da aventura arqueológica para os perigos codificados na Bíblia — mesmo quando tentava alertar o Presidente sobre o “Fim dos Dias” —, o próprio código da Bíblia puxava-me de volta para a minha demanda pela “chave do código”. Talvez fosse agora mais importante do que nunca encontrar a prova final do código, para que os seus avisos pudessem ser plenamente compreendidos e fossem escutados. Talvez este fosse o momento de desenterrar a antiga chave que “existe em Lisan”, que “existe na linguagem do homem”.

A nova descoberta que Rips e Rotenberg tinham feito, e a minha súbita perceção de que “existe em Lisan/existe na linguagem do homem”

estava codificado em paralelo a "código da Bíblia", constituíam a declaração mais clara que eu já vira de que estávamos no rumo certo. Lembrei a Rips que tínhamos encontrado anteriormente uma afirmação muito semelhante no texto oculto que cruzava "Chave do Código", no mesmo local onde "obeliscos" também aparecia: "nas nossas mãos para resolver". Era quase como se o Codificador estivesse a encorajar abertamente a busca.

E havia muito mais na nova tabela de código. No texto simples da Bíblia, "duas tábuas de pedra" cruzavam "existe em Lisan/existe na linguagem do homem". "Palácio/Templo para a escrita/escritor" também cruzava "existe em Lisan". Sugeria que poderíamos encontrar mais do que um obelisco — que os obeliscos poderiam fazer parte de um palácio ou de um templo, construído ou para abrigar a chave do código, ou talvez o próprio Codificador.

De repente, ocorreu-me que o Codificador se estava a revelar. O próprio facto de o código fazer questão de declarar que "existe na linguagem do homem" não só nos dizia que podíamos ler o código, como parecia também sugerir que este provinha de algo que não era um homem, de alguma inteligência alienígena que queria comunicar connosco. Também na mesma tabela, a palavra hebraica alternativa para "obelisco" — "agulha" — está codificada e cruzada por "ele gravou, tu abrirás".

Esta extraordinária matriz parecia confirmar todos os elementos básicos da minha busca pela "chave do código". E sugeria que a demanda levaria a algo que ia ainda mais além.

Existe uma terceira forma de ler as mesmas letras hebraicas que indicam a localização ("existe em Lisan") e que podemos resolver o código ("existe na linguagem do homem"). Em hebraico, as mesmas palavras também podem ser traduzidas como "um homem existe em Lisan". Isto parecia sugerir que poderíamos encontrar enterrada naquela mesma península que se projeta no Mar Morto não apenas a origem do código da Bíblia, mas também a origem da humanidade, ou pelo menos do homem moderno.

Desde o início da minha busca, tinha-me parecido mais do que acidental que o próprio nome do lugar também significasse "linguagem", o que era perfeitamente apropriado para um código na Bíblia. Mas também, mais do que isso, a "linguagem" é algo fundamental para a humanidade. É a capacidade especial que distingue o homem de todas as outras criaturas na Terra. E o segundo nome geográfico, o nome da baía ao norte da península, a localização que nos dá o X no mapa do tesouro, "Mazra",

também tem um significado importante em hebraico: “semeado”. Juntos, “semeado” e “linguagem” parecem revelar outro nível de significado, mais elevado.

Assim, a terceira tradução da matriz de código que corre paralelamente a “código da Bíblia”, “um homem existe em Lisan”, pode apontar para o momento em que o homem moderno foi “semeado”, quando alcançou essa dádiva especial que o destacou, a “linguagem”. E há uma quarta forma de ler a mesma sequência de letras: “um homem voltará a Lisan”. Era difícil de acreditar, mas parecia prever a nossa expedição.

De volta a Nova Iorque, encontrei uma nova tabela de código que confirmava novamente Lisan como a localização de uma forma que parecia indubitável, e ligava novamente Lisan à origem da linguagem, à localização da chave do código. “Bíblia de Lisan”, ou “Torá de Lisan”, que em hebraico também significa “as leis da linguagem” ou “linguística”, estava codificado na Bíblia cruzado por “codificado”.

Notavelmente, o único versículo da Bíblia que nomeia o lugar exato na península, “Lisan, língua de mar”, cruza “Torá de Lisan”. E nesse mesmo versículo, Números 26:15, “chave antiga” está codificado a cruzar “Lisan, língua de mar”. Em hebraico, as mesmas letras também soletram “mapa de sensor”. “Codificado”, que cruza “Torá de Lisan”, aparece duas vezes nesse versículo, e em hebraico também significa tanto “escondido” como “norte”, sendo novamente uma descrição precisa da localização: o cabo na ponta norte da península que se projeta no Mar Morto. Os duplos sentidos de todas as frases-chave eram demasiado perfeitos para aparecerem juntos por acaso.

As próprias “leis da linguagem” estavam codificadas na Bíblia hebraica original, aparentemente a “Torá de Lisan”, que revelaria simultaneamente as origens da linguagem e seria a “chave” para o código da Bíblia. “Língua original” também estava codificado, e isso em hebraico significava “Lisan é a origem”. “Código” aparecia no mesmo lugar. A prova de que estávamos a procurar exatamente no sítio certo pela chave do código da Bíblia parecia agora absoluta. Mas, mais do que isso, parecia também claro que nos levaria à origem da dádiva que distinguiu o homem: a linguagem.

De alguma forma, tudo girava em torno da linguagem. Não podia ser por acaso que o nome da península, “Lisan”, em hebraico também significasse “linguagem”.

Na minha viagem seguinte a Israel, mostrei ao Dr. Rips que "código da Bíblia" era cruzado no texto oculto por "dicionário", e que "Lisan" estava codificado no mesmo lugar.

"Olha para o que as palavras originais da Torá declaram aqui mesmo", disse Rips, apontando para o próprio versículo da Bíblia, Génesis 10:5, no qual tanto "Lisan" como "dicionário" estavam codificados a cruzar "código da Bíblia". "Por estes foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada um segundo a sua língua", dizia o versículo, que narrava a origem das primeiras nações do mundo. Ao contrário, as mesmas letras hebraicas declaravam: "Procurarás o dicionário, algo roubado, a dádiva da verdade."

Depois, Rips viu outra coisa extraordinária. Outro versículo da Bíblia que tratava diretamente da linguagem também cruzava "código da Bíblia", onde aparecia com "Lisan", logo abaixo de "dicionário". Era a famosa história da Torre de Babel contada em Génesis 11:7: "Eia, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro."

Os dois versículos da Bíblia que tratam mais diretamente da linguagem cruzavam ambos "código da Bíblia" onde este era cruzado por "dicionário" e codificado com "Lisan", que também significa "linguagem". E na mesma tabela, "chave" aparecia, cruzada por "programa de computador".

Olhei novamente para as codificações de "Chave do Código". E vi agora que "dicionário" também cruzava "Chave do Código". Novamente, a afirmação expandida no texto oculto era extraordinária: "O dicionário, e foi aberto." "Dicionário do obeliscos" também estava codificado. "Tábua vitalizou o obelisco" aparecia no mesmo lugar. Sugeria que o que eu procurava era mais do que um pilar gravado, mais do que um dicionário em pedra; era algo que podia ser ativado, talvez uma espécie de computador.

Finalmente, descobri que tanto "Codificador" como "Decifrador" são individualmente cruzados por "dicionário" no código da Bíblia. Todas as quatro expressões mais centrais — "código da Bíblia", "chave do código", "Codificador" e "Decifrador" — eram cruzadas por "dicionário". Não podia ser por acaso. Parecia claro que algum tipo de léxico que define o código, um "dicionário", existe em Lisan, a península cujo nome significa "linguagem".

Estaria em hebraico? Ou noutra língua qualquer? O próprio código dizia apenas que "existe na linguagem do homem". Poderia ser, talvez, a tão procurada língua original de toda a humanidade? Talvez o "dicionário"

pudesse ser como a Pedra de Roseta, a lápide encontrada na foz do Nilo há 200 anos que permitiu aos arqueólogos decifrar os antigos hieróglifos egípcios, a escrita pictórica que aparecia nas pirâmides e nos obeliscos da era dos faraós. Essa pedra continha inscrições paralelas em hieróglifos e em grego, revelando que as imagens misteriosas eram uma linguagem. Poderia este "dicionário" em Lisan revelar uma protolíngua de toda a humanidade, "a linguagem do homem"?

Perguntei a Rips se isso também poderia sugerir que a "chave do código" estaria noutra língua que não o hebraico, talvez a língua original partilhada pela humanidade.

"A língua original do homem é o hebraico", disse Rips, com absoluta certeza. "O hebraico é a língua da Torá, e a Torá foi criada antes do mundo", explicou Rips pacientemente. "O diálogo de Adão com Deus é em hebraico."

Sugeri, suavemente, que o relato das conversas entre Adão e Deus estaria em hebraico por ser essa a língua da Torá, não necessariamente por ser a língua que eles falavam. Novamente, Rips foi categórico.

"Não", disse ele, "a conversa teve lugar, definitivamente, em hebraico."

"Mas é mais profundo do que isso", continuou. "As próprias letras, as raízes das palavras — elas não são apenas símbolos, têm o seu próprio significado independente, e cada uma está ligada à coisa que nomeia."

Rips invocava a sabedoria do Talmud e do Midrash, antigos comentários sobre a Bíblia. Todos os judeus religiosos acreditavam que Deus criara a Torá antes de criar o mundo, que o hebraico não era apenas a língua original, mas que cada palavra em hebraico encarna a essência da coisa que nomeia, e que cada letra do alfabeto hebraico fora um bloco de construção da Criação.

"A linguagem faz parte do desenho do mundo", disse Rips. "A linguagem preexiste ao mundo, porque a Torá preexiste ao mundo. Como o código e la Torá foram criados em simultâneo, o código também preexiste ao mundo." Rips citou a autoridade máxima, o sábio que escreveu o comentário mais famoso sobre a Torá, o Rashi, e mostrou-me que, onde o Génesis afirma que "toda a Terra era de uma mesma língua", o Rashi declara: "uma mesma língua — a Língua Sagrada (o hebraico)."

Admirei a certeza de Rips. Mas eu não ficaria surpreendido se descobrisse que a "chave do código" estivesse numa língua totalmente desconhecida para o mundo moderno. Ninguém sabe quando ou como a linguagem começou. Por isso, a afirmação do código da Bíblia de que "existe na linguagem do homem" foi para mim um enigma, até que uma nova e surpreendente descoberta científica foi anunciada.

"Uma equipa de geneticistas e linguistas afirma ter encontrado um gene que está na base da fala e da linguagem", relatou o *New York Times* em plena época da minha busca. A nova descoberta, a provar-se verdadeira, levantava uma questão extraordinária: quando surgiu esta dádiva unicamente humana? Evoluiu? Ou apareceu subitamente? Como?

"O gene da linguagem" está codificado na Bíblia cruzado por um texto oculto que parece declarar a resposta: "O gene de Deus." "Deus" deu-nos a dádiva da linguagem, de acordo com o código. Parece ter sido uma atualização genética. E a Bíblia liga claramente "linguagem" ao "código", como se os dois tivessem estado sempre entrelaçados, um inerente ao outro.

"Gene para a linguagem" está codificado com as palavras que encontrei primeiro com "chave do código" — "Boca dos Obeliscos" e "Senhor do Código". "Gene da linguagem" estava codificado uma terceira vez com "obeliscos", "chave antiga" e "Lisan, língua do mar". Não podia haver dúvidas quanto à localização. Em Josué, o único livro da Bíblia que descreve o local exato da nossa busca arqueológica, "gene da linguagem" cruza efetivamente o versículo que estabelece as fronteiras (Josué 15:5): "o termo até à extremidade do norte, desde o Lisan, língua do mar." É uma descrição perfeita do cabo na extremidade norte da península, onde o Mar Morto se torna a Baía de Mazra. E na mesma tabela, o código afirmava que o "gene da linguagem" ainda lá podia ser encontrado: "Em perfeito estado até ao dia de hoje."

Mas talvez a codificação mais interessante de "o gene da linguagem" tenha aparecido noutro livro da Bíblia, Ezequiel. "Génio" cruza "gene da linguagem" e, logo abaixo, "em humanos" também o cruza. E depois, no texto simples de Ezequiel, na mesma tabela de código, as palavras ocultas da Bíblia declaram: "Para desenhar um gene, Deus para o homem."

O código da Bíblia parece afirmar de forma muito clara que o homem foi intencionalmente dotado de uma capacidade única para a linguagem. Parece confirmar o que o linguista Noam Chomsky sugeriu pela primeira vez há mais de quarenta anos: que a linguagem é inata no homem, que temos um circuito neural específico embutido no nosso cérebro. É a dádiva que torna os seres humanos, humanos.

E, no código, esta capacidade humana única de falar está ligada repetidamente ao próprio código da Bíblia, como que a dizer que a linguagem e o código são um só. Não se trata apenas de o "Senhor do Código" cruzar "gene para a linguagem", ou de estar vez após vez ligado à localização exata da nossa busca. Vai muito mais fundo do que isso, atingindo a própria essência da língua hebraica e as histórias mais antigas da nossa criação.

Em hebraico, "o gene da linguagem" também soletra "Jardim de Lisan". E onde "Jardim de Lisan" está codificado, as palavras originais da Bíblia afirmam que, "antes de o Senhor destruir Sodoma e Gomorra, era como o próprio jardim de Deus". Existe uma sugestão consistente no código de que esta península, hoje totalmente estéril, foi outrora um verdadeiro Éden, e talvez de que estava de alguma forma ligada à origem do homem moderno.

A fala humana foi um ato intencional de engenharia genética. Isso está claramente declarado no código. "Colocarei o gene da linguagem" está codificado na Bíblia, cruzado por "tornarei inteligente". Assim, a notável codificação, onde "código da Bíblia" aparece com "existe em Lisan", que prossegue afirmando "existe na linguagem do homem", era mais do que uma confirmação do local, mais do que uma garantia de que era destinado a nós, mais do que uma promessa de que podia ser resolvido pelo homem. Era também uma declaração da nossa herança genética única, daquele momento especial em que o Homem foi elevado acima do resto da Criação.

"Dores de parto da linguagem" está codificado uma vez na Bíblia, captando o momento em que o homem começou a falar. "Chave", "obelisco" e "código" aparecem todos no mesmo lugar, e novamente o texto oculto afirma algo mágico: "a sua tábua vitalizou o obelisco." "Lisan" está codificado a cruzar "dores de parto da linguagem", confirmando mais uma vez a localização e a sua ligação à "linguagem". Era outra tabela de código extraordinária que continha todos os elementos-chave da minha busca arqueológica. E as mesmas palavras em hebraico tinham pelo menos três níveis de significado.

No nível mais alto, poderia ser a história da criação da própria linguagem, num tempo há muito esquecido — "as dores de parto da linguagem". Talvez este próprio ponto, a ponta norte desta península, estivesse de alguma forma ligado à origem da própria linguagem. Mas as mesmas palavras em hebraico eram também uma expressão idiomática que significava "a dificuldade de aprender uma nova língua". Isso sugeria novamente que a "Chave do Código" poderia estar noutra língua que não o hebraico, numa língua já não conhecida pelo homem. Finalmente, num

nível muito prático, exatamente as mesmas palavras hebraicas tinham um terceiro significado: "as linhas de medição de Lisan". Era uma afirmação perfeita do método que a minha equipa arqueológica utilizaria, o primeiro passo que quaisquer topógrafos dariam: esticar cordas para formar uma quadrícula.

O texto oculto que cruzava esta frase única, que tinha tantos significados, parecia confirmar todos os seus níveis: "O seu código, ele verá a sua origem, porque esta é a área das letras gravadas."

Liguei para o Dr. Rips. Eli estava quase tão entusiasmado como eu. "Apenas tecnicamente, tudo isto é bastante notável", disse ele. "Isto é intencional, sem dúvida. Novamente, falando em termos técnicos, é notável que 'código', 'obelisco' e 'chave' estejam todos codificados no mesmo lugar, e que 'o Lisan' cruze 'dores de parto da linguagem', que também significa 'Lisan'. É definitivamente a forma de o código confirmar que tudo isto é intencional."

Disse novamente a Rips que me sentia como se estivesse a ser guiado numa caça ao tesouro, recebendo uma pista atrás da outra.

"É óbvio", disse ele.

Disse a Eli que não podia aceitar a sua conclusão, que nunca houvera um momento em que acreditasse que fosse mais do que um acidente eu ter tropeçado nisto, embora aceitasse agora que alguma inteligência tem, de facto, a capacidade de comunicar através do tempo.

"Porque é que não podes aceitar que essa inteligência possa ter interesse em comunicar contigo?", perguntou ele.

Disse a Rips, mais uma vez, que, embora acreditasse que existia um código na Bíblia, não acreditava em Deus. E que, mesmo que pudesse acreditar num Deus que criou todas as coisas, incluindo o código, certamente não podia acreditar que ele tivesse qualquer interesse em comunicar comigo. Disse novamente que, sempre que parecia que o código estava a falar comigo em particular, que "Deus" estava a falar comigo, isso me fazia sentir desconfortável.

"Não és a primeira pessoa para quem isto é desconfortável", disse Rips. "Adão também ficou muito desconfortável com isso."

Havia algo que me deixava ainda mais desconfortável. Na Jordânia, o Ministério do Turismo e Antiguidades, que já me tinha emitido uma

autorização por escrito para a expedição arqueológica, recusou subitamente permitir que o nosso levantamento avançasse. Não houve qualquer explicação. Mas, ao mesmo tempo, um jornal jordano local publicou uma história de primeira página, obviamente transmitida pelo ministério, cheia de diatribes anti-judaicas e mentiras totais, alegando uma conspiração entre Israel e a minha fundação sem fins lucrativos, Ark.

"Quais são os verdadeiros factos sobre a relação entre o trabalho da Fundação Ark e a área de Al Lisan? Porque haveria de ser permitido a uma fundação judaica escavar à procura de artefactos judaicos em território jordano?"

Liguei para o Embaixador americano, William Burns. Ele disse-me que precisávamos de levar a sério este relatório falso, porque ele refletia a verdadeira situação na Jordânia. "Tens de compreender a cultura", disse Burns.

"Este artigo tem um tom feio de ódio religioso e racial, que penso que os americanos nunca deveriam tolerar", disse-lhe eu.

"Esta é uma força poderosa na Jordânia", disse o Embaixador. "Existe uma lista negra contra qualquer pessoa que tenha contacto com judeus aqui, e um movimento muito vocal contra o tratado de paz com Israel. Agora não é o momento para fazer novos contactos."

"Nenhum funcionário americano deveria alguma vez desculpar este tipo de intolerância", disse eu a Burns. "Pode dizer ao Ministro que tenho a certeza de que isto não reflete de forma alguma a atitude dele. Mas que, se refletir, irei confrontá-lo diretamente, tanto na Jordânia como em Washington."

Eu sabia que o novo e jovem Rei da Jordânia, Abdullah II, se tinha manifestado abertamente contra a lista negra, tendo até prendido alguns dos opositores à paz com Israel. Mas Burns desaconselhou qualquer esforço imediato para contactar o Rei.

"Ele está numa posição muito difícil", disse o Embaixador. "A maior parte da sua população é palestiniana."

Era difícil esperar. Percebi quão urgente poderia ser a minha busca pela "chave do código". O código da Bíblia avisava repetidamente que a chave, o obelisco, poderia revelar algum horror terrível que estivesse ainda para vir, o perigo supremo que enfrentamos, confirmando talvez o que o

código da Bíblia já tinha revelado, mas agora de uma forma que ninguém poderia ignorar.

E, por esta altura, a guerra aberta tinha eclodido na Terra Santa.

CAPÍTULO CINCO:

ARAFAT

À meia-noite de 12 de abril de 2001, sete meses após o início da nova Intifada, um carro descaracterizado deslocou-se ao meu hotel na fronteira entre Jerusalém Oriental e Ocidental para recolher uma carta que eu tinha escrito a Yasser Arafat.

"Tenho informações de que a sua vida pode estar em perigo", declarava a minha carta ao líder palestiniano. "O aviso vem da mesma fonte que previu que Yitzhak Rabin seria assassinado, um ano antes de ele ser morto. A fonte é um código na Bíblia que parece contar o futuro — mas que também nos pode avisar com antecedência de perigos que podemos evitar."

Eu não esperava que Arafat me visse. Não pensava que o líder dos palestinianos quisesse ouvir falar de um código secreto no Livro Sagrado do seu inimigo, sobre avisos codificados em hebraico no Antigo Testamento, especialmente neste momento de crise. Israel e os palestinianos estavam à beira da guerra. Ariel Sharon, o recém-eleito Primeiro-Ministro, tinha jurado esmagar a revolta de Arafat, que já tinha deixado mais de 450 mortos.

Mas Arafat acreditava em profecias. Havia um ano que eu tentava chegar até ele, e todos os seus conselheiros mais próximos me tinham dito isso.

"Arafat levará isto a sério", disse o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Nabil Shaath, quando o vi em Gaza no início da Intifada, escassos dias antes de helicópteros de ataque israelitas bombardearem o complexo onde nos reunimos. "Ele é um verdadeiro crente."

Abu Ala, o líder do parlamento palestiniano, disse a mesma coisa quando me reuni com ele logo após o colapso das conversações de paz de Camp David. Mas parecia conformado e assumia que o destino de Arafat estava selado.

"Portanto, é a vontade de Deus", disse ele. Mas concordou em entregar a minha carta a Arafat e alertou o chefe de segurança da Cisjordânia.

Contudo, nem Shaath nem Abu Ala entregaram alguma vez a minha carta a Arafat. Ambos continuaram a prometer que o fariam, mês após mês, mas nunca o fizeram. Finalmente, Shaath disse-me porquê.

"Arafat vai acreditar em si", disse ele. "Isso vai assustá-lo."

Agora, finalmente, um ano mais tarde, a carta tinha sido entregue a Arafat — após a meia-noite, enquanto eu fazia as malas para deixar Israel na manhã seguinte cedo.

E às 1:15 da manhã fui acordado por uma chamada urgente a pedir-me para ir ver Arafat no dia seguinte. "O Presidente leu a sua carta, quer vê-lo", disse o seu nervoso Chefe de Gabinete. "Por favor, pode ficar?"

Fiquei acordado durante a hora seguinte. Arafat tinha obviamente insistido em ver-me no momento em que leu a minha carta. Em poucas horas teria de lhe dizer, face a face, que ele poderia ser morto. De repente, não tinha a certeza se queria o trabalho.

Sou um repórter, não um profeta. Mas Arafat não me ia ver por eu ser repórter, por ter trabalhado para o *Washington Post* e para o *Wall Street Journal*. Ele não concedia uma entrevista a um repórter americano havia pelo menos dez anos. Arafat ia ver-me porque, aos seus olhos, eu era um profeta.

Tinha anexado à minha carta para Arafat uma carta muito semelhante à que enviara ao seu parceiro de paz, o Primeiro-Ministro israelita Yitzhak Rabin, um ano antes de este ser assassinado a 4 de novembro de 1995. A minha carta de 1 de setembro de 1994 a Rabin começava assim:

«Um matemático israelita descobriu um código oculto na Bíblia que parece revelar os detalhes de acontecimentos que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. A razão pela qual lhe estou a falar sobre isto é que a única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — está codificado na Bíblia, as palavras "assassino que assassinará" cruzam-se com o seu nome.»

Agora, enquanto conduzia através dos postos de controlo israelitas para ver Arafat na cidade de Ramallah, na Cisjordânia, ao longo de uma estrada onde os automobilistas eram por vezes emboscados por atiradores furtivos, numa cidade onde dezenas de palestinianos tinham sido mortos e dois soldados israelitas linchados e mutilados por uma multidão na esquadra da polícia local, recordei o momento em setembro de 1993 quando Rabin e Arafat apertaram as mãos no relvado da Casa Branca e a paz parecia ao alcance. Agora Rabin estava morto, como o código da Bíblia tinha previsto, e se o código estivesse certo, Arafat também poderia ser assassinado em breve.

Às 21:00 de sexta-feira, 13 de abril de 2001, cheguei ao complexo de Arafat, fortemente guardado e de muros altos. Fui levado rapidamente pelo grande portão de ferro e conduzido por entre grupos de guardas palestinianos tensos e fortemente armados até uma pequena sala de reuniões. Tinha chegado com meia hora de antecedência, mas Arafat entrou na sala quase instantaneamente. Ele sabia por que razão eu tinha vindo vê-lo.

Arafat sentou-se a um palmo de distância de mim, com o seu *kefiyeh*, o lenço de cabeça axadrezado a preto e branco que sempre usava, e o seu uniforme militar verde-oliva.

Mostrei-lhe novamente a carta que escrevera ao falecido Primeiro-Ministro israelita Rabin e a tabela de código onde "assassino assassinará" cruzava "Yitzhak Rabin".

"Choro a sua morte todos os dias", disse Arafat, falando diretamente comigo em inglês. Conseguia ver nos seus olhos uma tristeza que parecia bem real.

Depois, mostrei a Arafat la tabela de código da Bíblia onde o seu nome — "Yasser Arafat" — aparecia com as exatas mesmas palavras do mesmo versículo da Bíblia: "assassino assassinará".

Arafat olhou para ela com atenção, o seu lábio tremeu e a sua mão estremeceu, mas não pareceu surpreendido.

Eu sabia que ele já acreditava que a sua vida corria perigo e, de facto, tinha usado isso como um trunfo negocial em Camp David. Quando o Presidente Clinton o pressionou para ceder o controlo de Jerusalém, Arafat perguntou a Clinton: "Quer ir ao meu funeral?"

Ainda assim, não é coisa fácil dizer a qualquer homem que ele pode ser morto, especialmente quando se está sentado a um palmo de distância. E o facto de Arafat acreditar em mim tão claramente só tornava as coisas mais difíceis.

"Existem três avisos claros com o seu nome", disse-lhe eu, apontando para cada um na tabela de código, traduzindo o hebraico para inglês, enquanto o seu principal negociador de paz, Saeb Erekat, traduzia o inglês para árabe. Arafat olhou fixamente nos meus olhos enquanto eu falava.

"'Assassino assassinará'", disse eu, lendo as palavras codificadas em voz alta, "e 'o que arma a cilada irá matá-lo', que cruza 'atiradores de Yasser Arafat'."

Erekat repetiu-o em árabe. Arafat olhou para mim com ainda mais firmeza. Os seus olhos arregalaram-se.

"Quando é que isto vai acontecer?", perguntou ele.

"Não sei", disse eu. "Não conseguimos encontrar nenhuma data no código, e eu sou apenas um repórter. Não sei nada sobre o amanhã, exceto o que está no código."

Arafat olhou no fundo dos meus olhos, como que para ver se eu estava a esconder alguma coisa. Parecia esperar algo mais de mim, como se eu próprio conhecesse o futuro.

"Nem sequer sei se o perigo é real", disse eu a Arafat. "Mas não penso que o aviso deva ser ignorado. Rabin foi morto quando e onde o código da Bíblia previu que seria, e os assassinatos de Anwar Sadat e John F. Kennedy também estavam codificados na Bíblia, em detalhe. Por isso, estou a dizer-lhe o mesmo que disse a Rabin — penso que poderá estar em

perigo, mas também penso que o perigo pode ser evitado se os detalhes do aviso forem compreendidos."

"Se está escrito, o que posso fazer?", perguntou Arafat.

"Penso que se trata de um aviso, não de uma previsão", disse eu a Arafat. "Não penso que esteja escrito em pedra." Mas eu sabia que estava a ir contra um ensinamento básico do Islão, que dizia que o destino de um homem está selado, toda a sua vida está decidida, mesmo antes de ele nascer.

Era uma das razões pelas quais eu tinha hesitado em contactar Arafat. De facto, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Shaath, tinha-me dito que Arafat dissera muitas vezes: "Deus determinará o que quer fazer comigo." "Ele acredita que o nosso destino está ordenado", dissera-me Shaath. "Não temos nem mais um dia, nem menos um dia, para viver."

Mas agora eu dizia a Arafat que este código de computador era diferente, que existia para que pudéssemos mudar o nosso futuro.

"O código da Bíblia não revela apenas um futuro, mas todos os futuros possíveis", disse eu. "O que fazemos determina o desfecho final."

Arafat sorriu. Não respondeu. Perguntei-me se o sorriso indicava concordância ou apenas a sua convicção de que sabia mais e que eu tinha muito a aprender.

Havia outra razão pela qual eu tinha hesitado em contactar Arafat, e declarei-lha abertamente agora: "Tenho amigos em Israel, e até na América, que nunca me perdoariam se soubessem que vim aqui para tentar salvar a sua vida."

Sou judeu. E para muitos, provavelmente a maioria dos judeus, Arafat continuava a ser um terrorista e um assassino. De facto, o Primeiro-Ministro Sharon tinha acabado de lhe chamar isso mesmo, em público. E nessa mesmíssima manhã, quando lhe disse que me ia reunir com Arafat, o cientista israelita que descobriu o código da Bíblia, o Dr. Rips, tinha comparado Arafat a Hitler e a Saddam Hussein.

Eu não o via dessa forma. Reconhecia que Arafat poderia ser uma ameaça terrível para Israel, mas também acreditava que o seu assassinato poria fim à última oportunidade de paz. Em todo o caso, senti-me na obrigação de o avisar, de tentar evitar outro assassinato.

“Estou aqui porque sou repórter e tenho a mesma obrigação de o avisar que tive de avisar Rabin”, disse eu a Arafat.

“Sim”, disse ele. “Um repórter não pode tomar partidos.”

“Além disso, acredito que o seu assassinato seria uma catástrofe tanto para Israel como para o seu próprio povo”, disse eu. “E acredito que é possível evitá-lo.”

Mostrei a Arafat uma segunda versão da mesma tabela de código, na qual a palavra “terrorista” sobreposta por “Hamas” cruzava o seu nome — cruzava “atiradores de Yasser Arafat”. Parecia um aviso claro de que o grupo extremista palestiniano que se opunha à paz com Israel, e que assumia a responsabilidade pela maior parte dos atentados bombistas terroristas, também poderia tentar assassinar o seu próprio líder, Arafat.

“Hamas”, repetiu Arafat, acenando com a cabeça que sim.

Mostrei a Arafat uma terceira tabela de código que o Dr. Rips tinha encontrado nessa manhã. “Eles dispararam contra Arafat” cruzado por “Ismaelitas”, o nome bíblico para os árabes, os filhos de Ismael.

“Árabes, não judeus”, disse eu.

Arafat olhou para mim, para o seu negociador, Erekat, e para o seu Chefe de Gabinete, Abu Rudeineh, e acenou novamente com a cabeça que sim. Todos acenaram em concordância. Todos compreenderam que, se ele corria perigo, era provavelmente por parte do seu próprio povo, que o seu assassino seria um árabe, tal como o assassino de Rabin fora um judeu.

“Khomeini uma vez pôs a minha cabeça a prémio por fazer a paz com Rabin”, interveio Arafat, referindo-se ao ayatollah iraniano que ordenou a tomada da embaixada dos EUA e a captura dos americanos como reféns.

Preocupava-me que Arafat pudesse usar o meu aviso apenas como mais uma razão para não fazer a paz. Ele sabia perfeitamente que era muito mais provável ser morto se fizesse a paz do que se não a fizesse. Sadat fora morto por um egípcio por fazer a paz com Israel, e Rabin por um israelita por fazer a paz com Arafat.

“Se fizer a paz”, disse-lhe eu, “estará em perigo. Mas se não o fizer, todo o seu povo estará em perigo.”

Era realmente isso que eu tinha vindo dizer a Arafat. Não apenas que ele poderia ser morto, mas algo muito para além disso. Tinha vindo dizer-lhe o que já tinha dito a Clinton e a Barak, o que tentava agora dizer a Sharon e a Bush: o terrível aviso no código da Bíblia de que todos poderíamos ser mortos.

"De acordo com o código da Bíblia, encontramo-nos neste preciso momento num tempo de perigo supremo", disse eu a Arafat. "Talvez um tempo de perigo maior do que o mundo alguma vez enfrentou, o tempo há muito previsto pelas três religiões ocidentais."

Abri o meu livro na página onde ambas as expressões bíblicas do "Fim dos Dias" estavam codificadas juntas e mostrei a matriz de letras hebraicas a Arafat.

"Como se dizem estas palavras?", perguntou-me Arafat. Ele não lia hebraico e queria ouvir o som das palavras. Não reconheceu a primeira, uma frase do Livro de Daniel. Mas quando proferi as palavras da Torá, Arafat reconheceu-as imediatamente.

"É o mesmo em árabe", exclamou ele, surpreendido, falando mais uma vez diretamente comigo em inglês. "É exatamente o mesmo."

"Dia do Julgamento", disse o seu Chefe de Gabinete, Rudeineh. "O Fim", disse o seu negociador, Erekat. "O Fim dos Dias", disse Arafat.

Era o que eu mais tinha vindo dizer-lhe, que estávamos neste preciso momento no Fim dos Dias, mas perguntei-me se teria ido longe demais. Sentia-me menos como um repórter e mais como um profeta do Antigo Testamento que tinha vindo à corte de um rei para apresentar um aviso de perdição vindo de Deus.

Não precisava de me ter preocupado. Foi exatamente assim que Arafat recebeu o aviso. Tinha-o tocado no seu nível mais profundo.

"Eu já acreditava que estamos a viver em tempos críticos", disse Arafat. "Maomé disse que temos mil anos, mas não dois mil."

Compreendi o seu significado — no calendário muçulmano este era o ano 1422, quatrocentos e tal anos dentro do segundo milénio, os mil anos que Maomé dissera que não sobreviveríamos.

Depois, mostrei a Arafat o que não estava no meu livro, o que eu não sabia quatro anos antes, quando o livro foi publicado. Com uma caneta,

circulei as letras hebraicas que apareciam logo abaixo de “no Fim dos Dias” — “A-R-A-F-A-T”.

Arafat reconheceu imediatamente o seu próprio nome. Tinha-o visto obviamente muitas vezes nas gordas das notícias dos jornais israelitas. Apontou para a página e fez sinal a Erekat e Rudeineh para virem ver. Mas, ao início, não pareceu surpreendido ou abalado. A maioria dos homens, ao ver o seu próprio nome perfeitamente soletrado num texto oculto da Bíblia, no mesmíssimo lugar onde o Apocalipse, o fim do mundo, fora previsto, ficaria chocada. Arafat parecia, em vez disso, ter antecipado isso.

Depois, circulei as letras que soletravam “E. Barak”, o antigo Primeiro-Ministro israelita que tinha tentado fazer a paz com Arafat em Camp David. O seu nome cruzava a segunda declaração do “Fim dos Dias”. Depois, circulei as letras que soletravam o nome do novo Primeiro-Ministro israelita, “Sharon”. E depois circulei as letras que soletravam “Bush”.

Arafat olhou fixamente para a tabela de código com atenção. Agora estava abalado. O seu lábio tremia de forma incontrolável. Os seus olhos arregalaram-se ainda mais. Parecia muito mais abalado por isto do que pelo aviso do seu próprio assassinato. Todos na sala ficaram em silêncio por um momento, absorvendo a enormidade do perigo que estava codificado. E o facto extraordinário de Arafat, os líderes de Israel e o Presidente dos Estados Unidos estarem todos codificados juntos por nome no mesmo lugar, no único lugar onde as duas declarações bíblicas do “Fim dos Dias” também estavam codificadas.

Finalmente, Erekat quebrou o silêncio. “Onde estão as boas notícias?”, perguntou ele.

Circulei as letras em hebraico que soletravam “paz”.

“De acordo com o código da Bíblia”, disse eu a Arafat, cujos olhos estavam agora fixos nos meus, “a escolha não é entre a paz e os motins nas ruas, nem sequer entre a paz e a guerra, mas sim entre a paz e a aniquilação.”

Mostrei a Arafat mais duas tabelas de código — “Guerra Mundial” e “Holocausto Atómico”, ambas codificadas com o mesmo ano hebraico, “em 5766”.

“Isso é 2006 no calendário moderno”, disse eu. “De acordo com o código, temos cinco anos.”

Novamente, fez-se silêncio. Disse a Arafat que tinha verificado cada ano nos próximos cem anos e apenas 2006 correspondia tanto a "Guerra Mundial" como a "Holocausto Atómico". Disse-lhe que as probabilidades contra isso acontecer por acaso eram de pelo menos 100.000 para um. Disse-lhe que as probabilidades contra o seu nome, e os nomes dos líderes de Israel e dos Estados Unidos, aparecerem todos com o "Fim dos Dias" eram de um milhão para um.

Mas Arafat não parecia importar-se com os números. Tentei dizer-lhe que tudo isto tinha sido calculado por um cientista muito grande, o homem que descobriu o código da Bíblia, mas Arafat não queria saber de ciência ou de computadores. Ouviu-me, compreendeu, mas nada disso lhe importava. Eu tinha acabado de apresentar a prova final, a indiscutível prova material matemática, e Arafat, que até então parecia totalmente convencido, não reagiu de todo. Perguntei-lhe se acreditava que o código da Bíblia era real e se acreditava que os perigos eram reais.

"Claro", disse ele sem hesitação. "Temos coisas assim no Alcorão."

Arafat acreditava que o que o código da Bíblia previa era real, não por ter sido encontrado por um computador ou confirmado por estatísticas, mas porque era uma profecia.

"Se está escrito, o que podemos fazer?", perguntou-me ele, novamente.

Disse a Arafat que era como intercetar um cometa que estivesse prestes a atingir a Terra. Se o víssemos vir com cinco anos de antecedência, talvez pudéssemos mudar a trajetória, ou despedaçá-lo, e sobreviver. Mas se o víssemos com apenas uma semana de antecedência, não seria possível. Morreríamos todos.

"Com uma semana de antecedência seria tão grande e brilhante como a lua", disse Arafat. "Seria demasiado tarde."

"Penso que o código da Bíblia existe para que tenhamos um aviso prévio, tempo suficiente para nos salvarmos", disse eu. "Mas não podemos esperar cinco anos e depois, de repente, tentar fazer alguma coisa. O que fazemos hoje, o que o senhor faz hoje, determinará o que vai acontecer daqui a cinco anos."

Arafat acenou em concordância. "Temos de agir agora", disse ele.

Disse então a Arafat o que tinha dito a Clinton nos seus últimos dias de mandato. “Não penso que haverá um tratado de paz, ou uma paz duradoura, até que todos os lados compreendam que a única escolha real é a paz ou a aniquilação”, disse eu. “A paz tem de ser suficientemente forte para sobreviver ao próximo atentado suicida, ao próximo tiroteio numa mesquita ou numa sinagoga, ao próximo ato de terror”, disse eu. “A paz tem de ser suficientemente forte para sobreviver até ao próximo assassinato de um ministro israelita ou de um líder palestiniano.”

“Vai dizer isto a Sharon?”, perguntou Arafat.

Disse-lhe que esperava ver o novo Primeiro-Ministro israelita, que já tinha enviado uma carta a Sharon e que lhe tinha dito exatamente a mesma coisa — que, de acordo com o código da Bíblia, as únicas alternativas eram a paz ou a aniquilação.

But disse também a Arafat que o perigo poderia não terminar se ele fizesse a paz com Sharon. “Penso que o código indica que alguma terceira parte poderá atacar com armas não convencionais, matando tanto israelitas como palestinianos”, disse eu.

“Quem?”, perguntou Arafat.

“Quando fizer a paz com Sharon, eu volto cá e digo-lhe”, respondi.

Arafat riu-se. “É bem-vindo a voltar a qualquer altura, como amigo”, disse ele.

Quando me levantei para sair, Arafat apertou-me a mão e depois abraçou-me, beijando-me em ambas as faces. Segurou a minha mão novamente e não a largava. Por mais vezes que eu sublinhasse que era apenas um repórter, que não sabia nada sobre o futuro para além do que estava declarado no código, Arafat tinha-me recebido claramente como um profeta e continuava a ver-me como tal.

Segurou a minha mão ao longo de todo o corredor até ao elevador e depois, com muita doçura, acenou-me o adeus enquanto as portas do elevador se fechavam.

Eu conhecia o seu passado. Sabia que havia sangue nas suas mãos. Mas estava seguro de que Arafat acreditava nos avisos no código da Bíblia e de que ele continuava a ser a melhor oportunidade, talvez a única oportunidade, para a paz.

CAPÍTULO SEIS:

A ARCA DE AÇO

Vi dois pilares colossais, talvez o portal de um templo ou palácio, talvez as torres gémeas de alguma cidade antiga. A visão desapareceu. Fui deixado sozinho na Península de Lisan, totalmente estéril, cercado pelo Mar Morto, tentando imaginar os "obeliscos" que outrora se erguiam ali. Mas, ao meu redor, via apenas a cal branca brilhante que se estendia por milhas, as falésias de marga do cabo que revelavam uma antiga linha de costa e a espessa crosta de sal que o mar deixara para trás. Caminhei pelo recife circundante, o ponto mais baixo da Terra, o fundo do mundo, onde as águas tinham recuado, expondo terras que estiveram escondidas sob o Mar Morto durante 5000 anos, desde o alvorecer da civilização humana.

E perguntei-me: mesmo que os "obeliscos" tivessem outrora estado aqui, continuariam a existir? Ou teriam sido despedaçados pelo tempo e engolidos pelo mar? Seriam apenas fantasmas de um mundo há muito desaparecido, ou a "chave do código" ainda poderia ser encontrada hoje?

Procurei na Bíblia por "chave hoje". Estava codificado no versículo do Génesis que também surgia com "código da Bíblia" e "código no obelisco", as palavras na Bíblia que primeiro me revelaram a localização — "o Vale de Sidim, que é o Mar Morto". "Chave hoje" também aparecia com as duas localizações que eram nomeadas em mapas modernos — uma aldeia e uma baía chamadas "Mazra", na ponta norte da península chamada "Lisan".

Mas mesmo que estivesse a olhar para o lugar certo, mesmo que estivesse neste preciso momento de pé no próprio terreno onde estava enterrada, mesmo que estivesse mesmo debaixo dos meus pés, eu não sabia como encontrar a "chave". O próprio código dizia que eu precisava de um

“sensor”, algum tipo de tecnologia avançada que conseguisse olhar para o subsolo. Mas ninguém me sabia dizer que instrumento usar a menos que eu soubesse de que material a “chave” era feita, de que pedra, de que mineral os “obeliscos” tinham sido talhados.

Por isso, olhei para o Livro de Daniel, cujo texto oculto já tinha confirmado “Lisan como Sidim” e nomeado “Mazra” como o X no mapa do tesouro, numa passagem que também falava de um “pilar no palácio”, inscrito com “toda a sabedoria” do mundo antigo. “Chave hoje” aparecia em Daniel. Mas não com “mármore”, ou com “granito”, ou com qualquer outra forma de pedra. “Ferro” cruzava “chave hoje”. “Um segredo que ele não adivinhou, eu revelarei” aparecia no texto oculto a sobrepor-se a “ferro” onde este cruzava “chave”. E codificado em paralelo a “chave hoje” em Daniel, com o mesmo código de salto, estava “arca de aço”.

“Ele dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos que têm entendimento”, disse o antigo profeta em palavras que cruzavam “chave hoje” logo acima de “ferro”. “Ele revela as coisas profundas e ocultas”, disse Daniel, em palavras que em hebraico também poderiam significar “o seu contentor é profundo, o esconderijo”. E isso aparecia logo acima de “arca de aço”.

As palavras simples de Daniel pareciam confirmar a promessa da chave do código, e o texto oculto revelava de facto um segredo que eu não tinha adivinhado — era feito de “ferro” ou preservado numa “arca de aço”. Procurei por “chave do código” em Daniel. “Aço” estava novamente codificado exatamente no mesmo lugar, cruzado por “o Lisan”. “Código” aparecia mais duas vezes, cruzado por “soldado”. E, novamente, as palavras simples de Daniel pareciam confirmar o que o código prometia: “Agora te declararei a verdade.”

Procurei na Torá, onde originalmente encontrara “chave do código”, duas vezes cruzada por “obeliscos”. Agora via “aço” ali codificado duas vezes. Era difícil de acreditar.

Foi há apenas 3000 anos, por volta da altura em que Deus deu a Bíblia a Moisés no Monte Sinai, que começou uma nova era da civilização humana — a Idade do Ferro. “Forno de ferro”, de facto, aparece no texto simples da Bíblia. Os arqueólogos descobriram utensílios de ferro dessa era no Egito e na Ásia Menor. Mas encontraram apenas pequenos objetos, facas e joias, feitos pelo aquecimento do minério de ferro em covas rudimentares, usando carvão vegetal. O aço também era conhecido no mundo antigo. Também é mencionado na Bíblia: “os carros cintilam com aço.”

Mas isso aparece num dos livros posteriores, provavelmente escrito quase mil anos após o tempo de Moisés. Não existem provas de que uma maciça "arca de aço" pudesse ter sido forjada antes dos tempos modernos, até que a Era Industrial começou no século dezoito. Os arqueólogos acreditam que um objeto maciço feito de "ferro" ou "aço" simplesmente não poderia ter existido há milhares de anos.

No entanto, "arca de aço" também estava codificado na Torá, e "Lisan" aparecia no mesmo lugar. As palavras no texto simples que se sobrepunham a "Lisan" foram decisivas: "esta é a solução." Se a "chave do código" — os "obeliscos" — estivesse de facto numa "arca de aço", então seria a solução.

Um objeto feito de ferro ou aço seria possível de encontrar. Talvez nada mais pudesse ser encontrado enterrado sob o Lisan, o maior depósito de sal da Terra, o lugar no planeta mais difícil de penetrar com radar. Mas qualquer coisa feita de ferro seria magnética. Um magnetómetro detetá-la-ia, mesmo a grande profundidade no subsolo. Penetraria até no sal do Lisan, até nas águas do Mar Morto. E mais nada feito de ferro ou aço existiria num lugar que não era habitado desde os tempos bíblicos.

Contudo, se encontrássemos um objeto maciço com milhares de anos feito de aço, seria um anacronismo difícil de explicar. Mesmo que não tivesse gravada a chave do código da Bíblia, mesmo que não revelasse uma ciência mais avançada do que a que temos hoje, a sua própria existência levantaria questões não fáceis de responder. Talvez como o próprio código profético, como os obeliscos que a lenda dizia terem sido feitos no Céu, um antigo objeto de aço sugeriria uma origem que não era deste mundo. Mas, se existisse, poderia ser encontrado.

Fui ver Eli Rips. Disse-lhe que a "chave do código" poderia ser encontrada numa "arca de aço". Para testar essa notável, mas inacreditável descoberta, Rips sugeriu que também procurássemos por "arca de ferro". Estava codificada na Torá. E então ambos vimos algo extraordinário.

Exatamente as mesmas palavras que apareciam com "arca de aço" cruzavam "arca de ferro" — o nome da península, "Lisan", sobreposto por "esta é a solução". "Mazra" aparecia logo acima de "Lisan". Não podia haver dúvidas de que o código da Bíblia afirmava claramente que algum contentor de "ferro" ou "aço" existia exatamente no lugar onde eu procurava a chave do código, os obeliscos.

Rips estivera cético. Mas agora tinha de admitir que a mesma frase única da Bíblia, os mesmos nomes geográficos, aparecendo com "arca de

ferro" tal como tinham aparecido com "arca de aço", era nada menos que surpreendente.

"Existe um termo matemático para isto", disse Rips. "Chama-se 'recombinação'. Pega-se num determinado vocabulário e recombina-se em todas as combinações possíveis, e encontra-se um grau invulgar de correlação entre as palavras. É uma boa experiência. É notável", disse Rips. "Não posso negar que é intencional — claro que é —, mas como explicá-lo? O que significa? Não sei. Só posso observar a consistência e só posso dizer que matematicamente está muito além do acaso."

"Porque haveria o código de me guiar de forma tão consistente, tão intencional, a este lugar, colocar um X no mapa do tesouro, se não houvesse tesouro?", perguntei. Rips, como sempre, nem sequer tentou adivinhar.

"Não posso dizer se o que encontramos no código reflete ou preve o que encontraremos no mundo real", disse ele. "Mas a consistência da codificação é igualmente interessante e igualmente significativa, quer encontremos o obelisco quer não."

Talvez para um matemático. Talvez para um homem religioso. Mas eu queria provas físicas. E agora sentia-me um passo mais perto de as obter.

"Esta é a solução." Sentia a certeza de que não podia ser por acaso que estas palavras se sobrepunham a "Lisan" exatamente onde tanto "arca de aço" como "arca de ferro" estavam codificadas. "Arca." Em hebraico, como em inglês, uma arca é meramente um baú, talvez guardando algo sagrado, mas ainda assim apenas uma caixa. Mas a arca mais conhecida, claro, é a Arca de Noé. E era um veículo.

Procurei no código da Bíblia por "veículo de aço". Apareceu, cruzado por palavras no texto simples que diziam: "o seu veículo Ele lançou no mar." Essas palavras vinham do famoso versículo do Êxodo que conta como Deus salvou os antigos israelitas ao abrir as águas do Mar Vermelho e depois afogando os egípcios que os perseguian. Perguntei-me se isso também poderia revelar algum antigo veículo agora perdido sob o Mar Morto, a "arca de aço" que eu procurava. "Aço" aparecia mais duas vezes, sobrepondo-se a "pilar" e cruzando "veículo de aço".

"Veículo de ferro" também estava codificado e, novamente, as palavras originais da Bíblia que o cruzavam pareciam contar duas histórias diferentes. A tradução tradicional do texto simples falava da construção do tabernáculo, o templo portátil que os antigos israelitas usavam durante o

seu êxodo do Egito. “O encheu do espírito de Deus, de sabedoria, de entendimento e de ciência”, afirma o versículo do Êxodo sobre o artesão que construiu o tabernáculo, “para fazer toda a espécie de obra artística.” Mas onde essas palavras cruzavam “veículo de ferro”, as mesmas letras hebraicas também soletravam “ferro forjado, toda a obra do computador”. “Lisan” aparece no texto oculto logo acima de “veículo de ferro”, e “cabo, soldado” cruza “ferro”.

“Veículo de ferro” também aparece duas vezes no texto original do Livro de Josué. Mais uma vez, as antigas palavras parecem ter dois significados muito diferentes. “Todos os cananeus que habitam na terra do vale têm carros de ferro”, diz a tradução tradicional, alertando para o grande poder do povo que habitava na Terra Prometida. Josué, o líder dos israelitas, assegura-lhes: “expulsarás os cananeus, ainda que tenham carros de ferro.”

Mas em ambas as vezes que “veículo de ferro” aparece em Josué, está codificado com “tel dos obeliscos”. Um “tel” é um sítio arqueológico, um monte de terra que cobre o remanescente de antigas ruínas. “Ele encontrou o lugar exato, Lisan” está também codificado com “veículo de ferro”. E isso aparece exatamente onde o texto simples de Josué afirma a localização exata, a única vez que aparece na Bíblia: “Lisan, língua de mar.”

Poderia o veículo de ferro que eu procurava ser um objeto feito pelo homem nos tempos bíblicos? Parecia improvável que algo do tamanho de um “carro” pudesse conter um “obelisco”. Se existia realmente alguma forma de veículo com milhares de anos, feito de ferro ou aço, enterrado na península que se projetava no Mar Morto, então a sua origem provavelmente não era deste mundo. O que era esta “arca de aço”? De onde vinha? E o mais importante: continuava a existir? Poderia um antigo objeto de ferro ou aço ter sobrevivido a milhares de anos?

Olhei novamente para a tabela de código que confirmava que eu estava a procurar no sítio certo, onde “código da Bíblia” aparece com “existe em Lisan”. Agora vi que o texto oculto que cruzava “código da Bíblia” também afirmava: “num veículo ali, até ao dia de hoje.” “Aço” estava codificado no mesmo versículo da Bíblia. E, se o código estivesse certo, o “veículo” continuava enterrado na península em forma de língua.

Mas quando regressei ao Lisan com um arqueólogo jordano do Departamento de Antiguidades, ele questionou se algum objeto de ferro poderia ainda existir, especialmente naquele solo saturado de sal ou no Mar Morto circundante. O principal geofísico israelita que consultei, um especialista na deteção de ferro no subsolo, disse que, mesmo que algum

remanescente do objeto tivesse sobrevivido, se estivesse enferrujado não poderia ser visto por um magnetómetro.

De repente, toda a minha busca foi lançada na dúvida. Parecia óbvio que, se a "arca de aço" estivesse debaixo de água, ganharia ferrugem. Se estivesse em água salgada, enferrujaria ainda mais depressa. Mesmo que estivesse enterrada no subsolo, nesta terra húmida e salgada certamente já se teria desintegrado há muito tempo. E a Península de Lisan tinha a maior concentração de sal do mundo, uma cúpula de sal-gema com milhas de profundidade, cercada por um mar tão salgado que nada conseguia viver nele, razão pela qual era chamado de Mar Morto.

Liguei para todos os especialistas que consegui encontrar. Um após outro disseram-me que qualquer objeto de ferro teria certamente sido reduzido a ferrugem e poeira há milénios. Arqueólogos, metalurgistas e conservadores de museus disseram todos que quase todos os objetos de ferro antigos que já tinham sido encontrados estavam completamente corroídos, e que a corrosão seria acentuada drasticamente pelo sal. A maioria dos objetos de ferro desaparece em escassos anos. Nenhum sobreviveria por séculos.

Fiquei devastado. Receei que a minha busca tivesse chegado a um fim abrupto. Mas não podia desistir. Fiz mais uma chamada. Ronald Latanision é o principal especialista do MIT em corrosão, na sobrevivência do ferro e do aço. Perguntei-lhe se algum objeto de ferro poderia sobreviver por milhares de anos debaixo de água.

"Depende de quão alta for a concentração de sal", disse Latanision.

Não lhe queria dizer que era o Mar Morto, a maior concentração de sal da Terra, mas tive de o fazer.

"Então poderá ainda existir", disse Latanision.

No ambiente único do Lisan, do Mar Morto, todas as regras eram invertidas. Era a única exceção a tudo o que todos os outros me tinham dito. "É verdade que a água enferruja e que o sal acelera a corrosão", disse Latanision, "mas se a concentração de sal for muito alta, pode na verdade prevenir a corrosão. Quando se atinge 35 por cento de sal na água, o oxigénio desce muito rapidamente. Sem oxigénio, não há ferrugem."

Liguei para David Neev em Israel. Perguntei ao geólogo, que é o principal especialista no Mar Morto, se a concentração de sal ali era acima ou abaixo de 35 por cento.

"Acima", disse Neev. "É único, o único lugar no mundo."

Neev confirmou-me o que o especialista do MIT tinha dito. Um objeto de ferro afundado nas profundezas do Mar Morto teria quase certamente sobrevivido, porque a água é totalmente desprovida de oxigénio. E sem oxigénio, não há ferrugem.

E se a "arca de aço" estivesse enterrada no solo, perguntei a Neev e Latanision. Um objeto de ferro enterrado na lama ou argila do Lisan provavelmente também sobreviveria, porque o solo ali é quase impenetrável ao ar, disse Neev. Um objeto de ferro enterrado no sal-gema que serve de base a toda a península de Lisan poderia sobreviver indefinidamente, disse Latanision. "Uma caverna de sal absorveria a humidade", disse o professor do MIT. "Sem humidade, não há ferrugem. Sem oxigénio, não há ferrugem. Qualquer caverna, cave ou cápsula hermética ou estanque preservaria um objeto de ferro ou aço."

Eu estava a procurar no único lugar da Terra onde uma "arca de aço" poderia ter sobrevivido por milhares de anos.

Procurei no código da Bíblia por uma confirmação final. "Aço não enferrujou" estava codificado uma vez na Bíblia. "Preservado" e "deteção, revelação" apareciam no mesmo lugar. A chave do código poderia ainda existir, preservada em aço. Mas havia uma sugestão consistente no código da Bíblia de que eu poderia não precisar de montar uma expedição, de enviar uma equipa de geofísicos com um magnetómetro, a fim de encontrar os obeliscos.

"Salvo em aço" estava também codificado com a localização, "do outro lado do mar na fronteira de Moabe", o nome bíblico para a Jordânia. E ali mesmo, o texto oculto afirmava: "verificá-lo-ás a partir dali, uma minúscula ponta dele." Sugeria que a chave do código poderia ser encontrada facilmente, até acidentalmente, que o obelisco poderia simplesmente sobressair do chão. "Obelisco espetado para fora, óbvio" estava também codificado, tanto com "Mazra" como com "Lisan". "De Lisan sobressaiu" aparecia com as mesmas palavras do texto simples da Bíblia que cruzavam "arca de aço" e "arca de ferro" — "esta é a solução", sobreposto por "Lisan".

E a geografia única da península tornava tudo plausível. Eu estava a procurar a chave do código em terras que tinham estado debaixo de água durante 5000 anos. O Mar Morto encontrava-se agora no seu nível mais baixo desde o alvorecer da civilização humana, e continuava a descer rapidamente. E a própria terra recém-exposta estava a afundar-se a um

ritmo muito rápido. De facto, um geólogo israelita tinha acabado de publicar um relatório: "O Lugar Mais Baixo da Terra Está a Subsidiar." Era meramente possível que um objeto enterrado por milhares de anos pudesse subitamente emergir, por si próprio.

Havia apenas um problema. Um objeto de ferro ou aço que tivesse sido preservado no subsolo ou no fundo do mar por milhares de anos desintegrar-se-ia no minuto em que fosse desenterrado ou retirado da água. Assim que fosse exposto ao ar, ao oxigénio, o que tinha sobrevivido por milénios desaparecerá em dias, até mesmo em horas. De repente, a minha busca tinha-se tornado mais urgente.

A 5 de outubro de 2000, voei para Amã, na Jordânia, para ver o Embaixador americano, William Burns. Ele tinha prometido contactar altos funcionários jordanos, inclusive o novo rei, Abdullah II, para os pressionar a permitir que o nosso levantamento arqueológico avançasse sem demora. Mas quando cheguei, a Embaixada Americana estava cercada por 20.000 manifestantes enfurecidos, gritando slogans anti-israelitas e anti-americanos. Do outro lado da fronteira, em Israel, perto de 100 palestinianos já tinham sido mortos na nova Intifada que eclodira no Monte do Templo em Jerusalém uma semana antes. Tanques e helicópteros israelitas atacavam a Cisjordânia e Gaza. Muitos dos manifestantes no exterior da Embaixada erguiam fotografias de um rapaz palestiniano de doze anos que fora baleado por soldados israelitas.

Os motins espalharam-se pelos campos de refugiados nos arredores de Amã, pelas universidades e ameaçavam agora derrubar o governo jordano. Dentro da Embaixada Americana, o Embaixador Burns estava visivelmente abalado. Disse-me que seria muito difícil convencer os jordanos a deixarem-me fazer um levantamento arqueológico no Lisan, mesmo do outro lado do Mar Morto a partir de Israel.

"Agora não é o momento nem para perguntar", disse ele.

Três dias mais tarde reuni-me com o Ministro do Turismo e Antiguidades e com o Vice-Primeiro-Ministro da Jordânia, e eles asseguraram-me que a expedição poderia avançar. Mas não agora. A nova guerra em Israel ameaçava subitamente impedir-nos de encontrar a "chave do código", precisamente no momento em que os avisos do código da Bíblia começavam a cumprir-se, quando todo o Médio Oriente parecia prestes a explodir, desencadeando a Terceira Guerra Mundial.

CAPÍTULO SETE:

SHARON

"Estou a dar-me melhor com os árabes do que com os judeus", disse eu ao filho do Primeiro-Ministro, Omri Sharon.

Omri riu-se. Eu tinha-me acabado de reunir com Yasser Arafat, que aceitou sem questionar um código oculto na Bíblia hebraica, mas não conseguia arranjar maneira de ter uma reunião com o pai de Omri, o novo Primeiro-Ministro israelita, Ariel Sharon.

Era terça-feira, 17 de abril de 2001. Na noite anterior, tanques israelitas tinham invadido Gaza, entrando em território palestiniano pela primeira vez desde os acordos de paz de Oslo em 1993. Por isso, fiquei surpreendido por Omri se reunir comigo no meio desta crise.

Reconheci-o imediatamente. O seu rosto tinha acabado de estar na primeira página de todos os jornais israelitas, quando foi revelado que o Primeiro-Ministro tinha estado a usar o seu filho de 36 anos como emissário secreto junto de Arafat. A esquerda estava enfurecida porque Sharon estava a contornar o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres. A direita estava enfurecida porque Sharon tinha prometido que não negociaria de forma alguma sob fogo. Mas Omri era o confidente mais próximo do seu pai, o seu conselheiro mais confiável. Alguns diziam que ele era o segundo homem mais poderoso em Israel. Era certamente o operador de bastidores mais astuto.

Sentámo-nos juntos no pátio do Hotel King David, com vista para a Cidade Velha, a Jerusalém bíblica de muralhas de pedra, que era agora o principal campo de batalha do conflito israelo-palestiniano. A nova Intifada entrava no seu sétimo mês, perto de 500 pessoas já tinham morrido e agora, ao enviar tanques para Gaza, Sharon parecia pronto para declarar uma guerra total.

De facto, foi Sharon quem muitos culparam por desencadear a revolta ao visitar o Monte do Templo — o local em Israel mais sagrado para árabes e judeus — acompanhado por 1000 soldados fortemente armados e polícias de choque, na ressaca do fracasso das conversações de paz de Camp David. E agora, o general de direita que espoletara o banho de sangue era o novo Primeiro-Ministro de Israel. Ninguém, incluindo o próprio Sharon, pensara que fosse possível. Mas tudo tinha sido previsto no código da Bíblia.

"Quando ninguém pensava que o seu pai seria sequer candidato, o código previu que ele seria Primeiro-Ministro", disse eu a Omri, entregando-lhe a tabela de código que antevia a eleição de 6 de fevereiro de

2001. “'Sharon' estava codificado com a data hebraica '13 de Shevat', e 'Primeiro-Ministro Sharon' estava codificado com o ano hebraico 'em 5761'. Isso corresponde a 6 de fevereiro de 2001.”

Omri examinou a tabela com ceticismo. “Não acredito neste tipo de coisas”, disse ele. “Pode encontrar-se tudo o que se quiser.”

“Mas nós encontrámo-lo com dois meses de antecedência”, disse eu a Omri. “Continua a concretizar-se. O código da Bíblia previu com exatidão o desfecho das últimas três eleições israelitas — e nenhuma sondagem acertou em nenhuma delas.”

Omri não se comoveu. “Se não posso trincar, não acredito”, disse ele. “O meu pai é da mesma maneira.”

Ariel Sharon não é apenas realista, é um homem verdadeiramente terra-a-terra. Cresceu numa quinta. É desafiadoramente secular. Não há nele um único indício de misticismo. Não é um intelectual como Peres. Não se sente fascinado por conceitos abstratos como Barak. E não é certamente um verdadeiro crente como Arafat. A maior parte do mundo não se dá conta disso, mas Israel não é uma teocracia. Pelo menos metade do país é totalmente secular e nunca houve um Primeiro-Ministro religioso. Se Sharon tem uma religião, é a defesa da Terra de Israel por todos os meios necessários. Ele acredita que os árabes odeiam os judeus, e que isso nunca mudará.

Antes de Sharon pensar que poderia alguma vez ser Primeiro-Ministro, quando ninguém lhe dava uma oportunidade, ele tornou a sua posição sobre a paz muito clara: “Conhece a minha posição sobre isso. Não pode ser alcançada.” “Os árabes não querem os judeus aqui”, disse ele nessa entrevista antes das eleições. “Esse é o segredo de toda esta história. Eles querem tomar esta terra através da violência. Defenderei as vidas dos cidadãos israelitas”, afirmou Sharon. “E penso que não preciso de me alongar. Os árabes conhecem-me. E eu conheço-os.” Essa é a religião de Sharon.

Eu sabia que não seria fácil vender o código da Bíblia a Ariel Sharon. Mas também sabia que Omri era o melhor canal indireto para chegar ao Primeiro-Ministro, que ele tinha argumentado contra a visita do pai ao Monte do Templo, que falava com líderes árabes da sua própria geração, que queria a paz. Entreguei a Omri uma cópia da carta que tinha enviado a Yitzhak Rabin um ano antes de o Primeiro-Ministro ser assassinado.

“Mostre-me isto”, disse ele, apontando para o local na minha carta onde eu dizia a Rabin: “A única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — está codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam o seu nome.” Entreguei a Omri um exemplar do meu livro com essa tabela de código da Bíblia na capa. “E enviou esta carta a Rabin em 1994?”, perguntou ele. “Um ano antes de ele ser morto?” Foi a primeira vez que Omri pareceu interessado.

“Sim”, disse-lhe eu. “O código não só previu que Rabin seria morto, como indicou o ano em que morreria, e mais tarde encontrámos o nome do seu assassino no mesmo lugar. Rabin leu a carta, mas ignorou o aviso.” Omri ficou em silêncio por um momento. Estudou a tabela de código.

“Então, porque é que me queria ver?”, perguntou ele.

Mostrei-lhe a mesma tabela de código que tinha mostrado a Arafat, onde ambas as declarações do “Fim dos Dias” apareciam juntas, e “Arafat” e “Bush” surgiam com “Sharon”. “As probabilidades contra isto acontecer por acaso são de pelo menos um milhão para um”, disse eu.

“São apenas estatísticas”, disse Omri. “Pode fazer-se tudo o que se quiser com as estatísticas.”

“Mesmo que não consiga acreditar que existe um código na Bíblia que revela o futuro, mesmo que o seu pai não consiga, pode continuar a ser importante que eu o veja, porque Arafat acredita nisto totalmente”, disse eu a Omri.

Omri sabia que eu me tinha reunido com Arafat escassos dias após ele próprio se ter encontrado secretamente com o líder palestiniano. “Correndo o risco de o ofender”, disse eu, “penso que Arafat levou o código da Bíblia mais a sério do que tudo o que o senhor lhe disse, porque ele acredita em profecias. Isto toca-o no seu âmago.”

“Eu sei como falar com os árabes”, disse Omri.

“Ele não é um ocidental”, disse eu.

“Eu também não”, disse Omri. “Sou do Médio Oriente e compreendo como Arafat pensa.”

“Não creio que Barak ou Clinton compreendessem”, comentei.

“Tem razão”, disse Omri.

Entreguei a Omri uma carta que tinha escrito ao Primeiro-Ministro e disse: “O seu pai poderá estar mais aberto a isto porque tem um forte sentido do seu próprio destino.”

“Quem me dera que ele fosse menos assim”, disse Omri. “A vida dele seria muito mais fácil.” Ele voltou a ler a minha carta lenta e atentamente, e depois fez uma pergunta: “Só vejo perigos. Onde está a solução?”

“O código da Bíblia apenas nos dá informação”, disse-lhe eu. “Não nos diz o que fazer. Mas parece dizer que o seu pai pode fazer a paz.” Mostrei-lhe que, onde “Sharon” estava codificado com o “Fim dos Dias”, “paz” também estava codificado. E mostrei-lhe que, onde aparecia “holocausto atómico”, “Sharon” estava novamente codificado com “tratado de paz”.

Omri releu alguns parágrafos da minha carta e, quando terminou, disse que entregaria a carta ao pai nesse mesmo dia. A minha carta a Sharon declarava:

“Pedi ao seu filho Omri que lhe entregue esta carta e que organize um encontro entre nós, porque o código alerta que Israel pode enfrentar um perigo terrível, até mesmo terminal. Este momento crítico na história de Israel foi, sem dúvida, claramente previsto. 'Sharon', 'Arafat' e 'Bush' estão todos codificados juntos por nome na Torá, com ambas as expressões bíblicas do tempo de perigo supremo, o 'Fim dos Dias'. E embora existam muitas interpretações sobre o significado do 'Fim dos Dias', todos os estudiosos concordam que sugere um perigo pelo menos tão grande como o texto simples do Livro de Daniel afirma: 'E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação'.”

“Se estamos a falar de Israel, isso é dizer muito”, disse Omri, levantando-se para sair.

Acho que o verdadeiro problema não é Sharon recusar-se a acreditar no código da Bíblia, mas sim o facto de ele não querer fazer a paz. O que me convenceu disso não foi a reunião com o seu filho, mas sim o meu encontro com um velho amigo no Ministério da Defesa, o cientista-chefe General Isaac Ben-Israel.

Eu conhecia o Isaac há dez anos. Tinha-o avisado de que o código da Bíblia dizia que Rabin seria morto na mesma altura em que avisei Rabin, com um ano de antecedência. Tinha levado o Dr. Rips ao quartel-general militar em Tel Aviv, à Kirya, para se reunir com ele. Isaac, um físico que decidia que armas Israel iria fabricar e comprar, era o único homem no

governo israelita com uma formação científica suficientemente forte para compreender o código da Bíblia no nível que Rips conseguia explicar. Porque compreendia, e porque vira a previsão sobre Rabin cumprir-se, Isaac nunca tivera medo de transmitir a quem quer que fosse os avisos que eu lhe passava. Contara a outros generais, contara a todos os chefes de inteligência e chegara a falar com pelo menos um Primeiro-Ministro.

Mas agora, na nossa reunião em Tel Aviv, em abril de 2001, Isaac assustou-me. Nunca tínhamos discutido política de forma aprofundada. Eu simplesmente assumia que ele era de esquerda, alinhado com Rabin, Peres e Barak. Agora, o General Ben-Israel parecia refletir a atitude da nova administração de Sharon. Eu sabia que ele se reunia semanalmente com todos os altos funcionários da defesa, por vezes incluindo o Primeiro-Ministro. E a sua posição tinha endurecido.

Mostrei ao Isaac todas as mesmas tabelas de código que tinha mostrado a Omri e que esperava mostrar a Sharon. Destaquei especialmente a tabela onde "Sharon", "Arafat" e "Bush" apareciam todos com "Fim dos Dias". Disse o que dizia a toda a gente: que, de acordo com o código, a única escolha parecia ser a paz ou a aniquilação.

"O que é que Arafat nos pode fazer?", exigiu Ben-Israel. "Arafat não nos pode magoar."

"Claro que o podem derrotar militarmente", disse eu. "Mas se o fizerem, o mundo vai condenar-vos, e os lunáticos islâmicos com mísseis e armas não convencionais vão atacar-vos."

"Não penso que o mundo nos vá condenar", disse Ben-Israel. "Não se isso for no seguimento de um grande ataque terrorista."

"O que consideras grande?", perguntei.

"Não três mortos, mas trezentos", disse Isaac. "Já os travámos várias vezes, quando planeavam fazer explodir um edifício de escritórios em Tel Aviv. Algo desse género."

"O que faria Israel então?", perguntei.

"Algo devastador", disse Isaac. Ele não estava disposto a partilhar detalhes. Mas era óbvio que estava a repetir planos de contingência que já tinham sido traçados nos mais altos círculos militares e de inteligência. E soube naquele momento que Sharon estava apenas à espera de uma

desculpa para tomar uma ação militar decisiva contra os palestinianos. Já estava planeado.

Disse a Isaac que temia que isso fosse um desastre para Israel, que traria inevitavelmente exatamente o tipo de resposta que o código da Bíblia avisava — o perigo supremo que o código indicava que Israel enfrentaria nos cinco anos seguintes.

"Poderíamos sobreviver a um ataque químico", disse Ben-Israel. "Já contemplámos isso. Talvez morressem 12.000 pessoas. Seria trágico, mas não seria terminal." Mostrei a Isaac uma tabela de código. "Arafat" era cruzado por "praga", e o versículo completo no texto simples da Bíblia afirmava: "os que morreram daquela praga foram catorze mil e setecentos."

"E quanto a um ataque atómico?", perguntei.

"Isso poderia ser terminal", disse Isaac.

Deixei essa reunião mais abalado do que por qualquer encontro que já tivera com um funcionário israelita. E tudo o que se seguiu nos dias seguintes — o bombardeamento por parte de Israel da estação de radar síria no Líbano, a invasão de Gaza por Israel, tudo claramente cronometrado para impedir os jordanos de apresentarem a Sharon uma proposta de paz — deixou-me claro que o Primeiro-Ministro estava à espera do momento em que pudesse cumprir o seu destino: o momento em que pudesse golpear os palestinianos com toda a força militar. O que estava codificado na Bíblia nunca me parecera tão real. Não bastava que Arafat parecesse aceitar os avisos do código. Eu tinha também de chegar a Sharon. Tinha de o assustar da mesma forma que assustara Arafat. Tinha de convencer Sharon de que este era realmente o "Fim dos Dias".

Ao despedir-me do meu amigo Isaac, perguntei-lhe quem me poderia levar até Sharon. Ele sugeriu que fosse ver um general reformado que o Primeiro-Ministro planeava nomear como novo chefe da Mossad.

"Ouvi rumores de que o senhor será o próximo chefe da Mossad", disse eu ao General Meir Dagan quando nos encontrámos em Rosh Pina, a cidade onde ele vivia, no norte de Israel.

"Eu ouvi esses mesmos rumores", respondeu Dagan.

Tinha viajado para o norte para ver o general de direita, porque, depois de Omri, ele era o confidente mais fidedigno do Primeiro-Ministro. Após a entrada intempestiva de Sharon no Monte do Templo, Dagan fora

um dos principais oradores num comício contra a paz em Jerusalém. "Temos de responder com guerra à guerra", dissera Dagan à multidão. "Chegou a hora de mandar Yasser Arafat de volta para a Tunísia", o país do Norte de África onde vivera no exílio. Era este homem que eu tinha de convencer de que Israel não tinha alternativa senão a paz, porque a outra única escolha era a aniquilação.

Mostrei a Dagan as mesmas tabelas de código que tinha mostrado a Omri, onde "Sharon" e "Arafat" apareciam com o "Fim dos Dias", e também os avisos de "holocausto atómico" e "Guerra Mundial" em 2006.

"Então, o que significa tudo isto?", perguntou Dagan. "E o que podemos fazer?"

"Penso que significa que Israel está em perigo terminal, e que os senhores têm cinco anos para encontrar uma forma de sobreviver", disse eu. "Mas estou seguro de que o futuro pode ser mudado. Foi por isso que o vim ver." Sabia que Dagan era totalmente secular. Perguntei-lhe se conseguia levar o código da Bíblia a sério.

"Sim", disse ele, "porque se o perigo é real, não é algo que possamos ignorar." Dagan estivera encarregue do contra-terrorismo da última vez que a ala direita estivera no poder, quando Bibi Netanyahu era Primeiro-Ministro. Disse-lhe que tinha reparado que as pessoas com formação na área da inteligência estavam mais abertas ao código da Bíblia, mesmo não sendo religiosas.

"Tem razão", disse Dagan. "Temos de estar. Não podemos ignorar nenhum aviso."

Mas havia algo mais, algo que Dagan não me revelou até nos voltarmos a encontrar meses mais tarde. Foi em dezembro de 2001. Sharon tinha acabado de nomear Dagan para liderar a equipa israelita nas conversações de cessar-fogo com os palestinianos, que seriam mediadas pelo enviado especial dos EUA, o General Anthony Zinni. Todos sabiam que Sharon tinha nomeado Dagan para garantir que não haveria acordo de paz. Mas, uma vez mais, Dagan surpreendeu-me com a sua disposição para convencer o Primeiro-Ministro a reunir-se comigo para discutir os avisos no código da Bíblia.

Mostrei-lhe as tabelas do código da Bíblia que previam o 11 de setembro, o ataque às "Torres Gémeas" codificado com "avião", e disse-lhe que o código parecia avisar que Israel também enfrentava ataques terroristas numa escala completamente diferente.

"Falarei com o Primeiro-Ministro e falarei com Omri", disse Dagan, "mas Sharon certamente não se reunirá consigo agora." Israel encontrava-se num estado de crise ainda maior. Três grandes ataques terroristas tinham ceifado a vida a vinte e cinco pessoas nos últimos dias, e agora caças israelitas atacavam Gaza e a Cisjordânia.

"Eu compreendo o momento", disse eu a Dagan. "Mas o que está a acontecer agora é um espetáculo secundário. Vinte e cinco mortos é uma tragédia, mas se o código estiver certo, os verdadeiros perigos estão mais à frente, e morrerão milhares, e depois dezenas de milhares, e finalmente o vosso país inteiro enfrentará a aniquilação."

Dagan ficou em silêncio. Sabia que ele era um general de combate duro, mas perguntei-me se teria ido longe demais. "Detesto expor as coisas de forma tão dura", disse eu. "E se tivéssemos mais tempo, diria a mesma coisa de modo mais suave. Mas há meses que tento chegar à fala com o Primeiro-Ministro, e quero que o senhor compreenda e lhe diga que estamos a falar da sobrevivência do vosso país."

"Prometi-lhe que falaria com Sharon, e fá-lo-ei", disse Dagan. "Não sou religioso, mas acredito que existem forças sobrenaturais que afetam os acontecimentos aqui." Fiquei chocado. Sabia desde a minha primeira reunião com Dagan que ele tinha a mente aberta em relação ao código da Bíblia. Agora, sabia porquê.

"Por experiência pessoal?", perguntei.

"Sim", disse Dagan, mas não explicou. Decidi não sondar mais. Mas perguntei-me o que teria este general duro de direita vivenciado para o fazer acreditar em forças sobrenaturais e, portanto, aceitar a realidade potencial de um código na Bíblia que revela o futuro. "Acredito que algo assim pode ser real, que pode ser verdade", disse Dagan. Bastava-me.

O meu objetivo era sentar-me face a face com Ariel Sharon, tal como me tinha sentado face a face com Yasser Arafat. Disse a Dagan que talvez visse Arafat novamente.

"Não vá nos próximos dias", disse ele.

"Não tenho medo", respondi.

"Não vá agora", disse Dagan.

Escassos dias depois, após outro ataque terrorista, helicópteros de ataque israelitas atingiram o complexo de Arafat na cidade de Ramallah, na Cisjordânia, e tanques israelitas cercaram o gabinete de Arafat. O líder palestiniano seria mantido prisioneiro ali nos meses seguintes. Meir Dagan seria, de facto, nomeado Chefe da Mossad em setembro de 2002 pelo seu velho amigo, o Primeiro-Ministro Ariel Sharon.

A fotografia na parede parecia uma cápsula do tempo. Yasser Arafat a apertar a mão a Yitzhak Rabin no relvado da Casa Branca, com Bill Clinton pairando sobre eles. Shimon Peres encontrava-se ao lado de Rabin. Tinha acabado de entrar no gabinete de Peres, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Tel Aviv. Mas a paz de que ele, mais do que ninguém, fora o paladino parecia agora uma recordação distante e triste. Fui imediatamente levado à presença de Peres.

Ele era a última esperança, mas parecia velho, cansado e deprimido. Parecia sentir a perda mais do que ninguém, talvez porque ele, mais do que ninguém, criara o momento captado naquela fotografia. Tinha visto Peres pela última vez quando ele era Primeiro-Ministro, no final de janeiro de 1996, escassos meses após o assassinato de Rabin. Agora, Peres era o contrapeso de esquerda no governo de coligação liderado por Sharon. Mostrei-lhe as mesmas tabelas do código da Bíblia que tinha apresentado a Omri e Dagan, onde o "Fim dos Dias", "Guerra Mundial" e "holocausto atómico" apareciam todos com 2006.

"Quando o vi pela primeira vez", disse Peres, "o perigo estava a dez anos de distância. Agora está a apenas cinco anos, e já não parece assim tão improvável."

Após o fracasso de Camp David, após quase sete meses da nova Intifada, após a eleição de Sharon, as mesmas coisas que eu temera contar a Peres quando ele era Primeiro-Ministro, por soarem tão apocalíticas, eram agora simples bom senso. Mas disse a Peres que talvez houvesse esperança.

"Acabo de me reunir com Arafat, e ele parece aceitar sem questionar os avisos no código da Bíblia", disse eu. Peres quis saber todos os detalhes. "O que lhe disse e como reagiu ele?", perguntou.

"Disse-lhe que, de acordo com o código, a sua verdadeira escolha não era entre a paz e os motins nas ruas, nem sequer entre a paz e a guerra, mas sim entre a paz e a aniquilação. Ele pareceu aceitar isso completamente." Abri novamente o meu livro na ilustração do código da Bíblia que mostrava as duas expressões do "Fim dos Dias", e circulei as letras hebraicas que soletravam "A-R-A-F-A-T".

“E como reagiu ele?”, perguntou Peres.

“Não pareceu surpreendido”, disse eu. “Disse-me que já acreditava que estamos a viver em tempos críticos, mas quando se deu conta de que a expressão hebraica era a mesma que em árabe — que o 'Fim dos Dias' se dizia exatamente da mesma maneira em ambas as línguas —, isso abalou-o. Repetiu-o a todos os seus assessores, e todos pareceram abalados.”

“Se está previsto, o que podemos fazer?”, perguntou Peres. Era a mesma pergunta que me tinha feito quando nos reunimos cinco anos antes, quando lhe mostrei que o “holocausto atómico” estava codificado com 2006.

“Arafat fez-me a mesma pergunta”, disse eu. “Exceto que ele perguntou: 'Se está escrito, o que podemos fazer?'”

“Isso é o que dizem os árabes”, notou Peres. “'Está escrito.' Eles pensam que tudo está predeterminado.”

“Tentei convencê-lo de que o futuro pode ser mudado, que o que está codificado na Bíblia é um aviso, não uma previsão”, disse eu a Peres. “O que nós fazemos, o que o senhor faz, o que ele faz, determinará o que realmente acontece.” Também disse a Peres que estava em contacto com Sharon através do seu filho Omri, mas que não pensava que Sharon quisesse fazer a paz.

Peres não protestou. Não defendeu Sharon. Limitou-se a dizer: “Eu já acreditava que não temos outra escolha senão fazer a paz, por isso, porque me está a dizer tudo isso?”

“Porque a crença total de Arafat no código da Bíblia, a sua aceitação completa dos seus avisos, pode dar-lhe uma abertura inteiramente nova — mesmo que o senhor não consiga acreditar plenamente que existe um código na Bíblia que prevê o futuro.”

“Ele e eu somos de mundos diferentes”, disse Peres. “Arafat é um primitivo, vindo de uma cultura que ainda é basicamente agrícola. Eu sou de uma cultura que é científica, democrática. É tão diferente. É tão difícil comunicar.” Peres ficou em silêncio por um momento. A sua tristeza era palpável.

Ele era, sem dúvida, o político israelita mais inteligente que eu conhecera. Toda a gente o descartava como um sonhador e dizia que Sharon era o realista. Mas eu tinha exatamente a impressão oposta. Sharon

era o sonhador. Ele ainda acreditava que poderia alcançar uma vitória militar, resolver tudo com uma batalha de tanques. Peres era o realista. Ele sabia que o código estava certo, que os árabes em breve teriam armas nucleares, que Israel tinha cinco anos para encontrar uma forma de sobreviver.

CAPÍTULO OITO

O CÓDIGO DA VIDA

Toda a vida neste planeta veio de um código. Ele estava impresso numa única molécula de ADN. Mas ninguém sabe de onde veio esse código.

No início da minha busca pela chave do código da Bíblia, posso também ter tropeçado na chave do código da vida.

O segredo do código genético é revelado no Génesis, onde Deus diz a Abraão: "Multiplicar-te-ei grandemente e multiplicarei sobremodo a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; e na tua descendência serão benditas todas as nações da terra."

Oculta nessas palavras famosas está a verdadeira história da nossa Criação. De acordo com o código da Bíblia, o nosso "ADN foi trazido num veículo".

"A tua descendência" cruza com "ADN foi trazido num veículo". "Num veículo, a tua descendência, todos os povos da Terra", é afirmado novamente no texto oculto da Bíblia, onde Deus diz: "Na tua descendência serão benditas todas as nações da terra."

Quando encontrei isso codificado na Bíblia, não consegui acreditar. Parecia ficção científica. O ADN, a molécula da vida, enviado para a Terra numa nave espacial.

Perguntei-me se algum cientista de renome consideraria sequer uma ideia tão fantástica.

Liguei para a autoridade mais eminente do mundo, Francis Crick, o biólogo laureado com o Nobel que descobriu a dupla hélice, a estrutura em espiral do ADN. Foi uma das maiores descobertas científicas de todos os tempos. Como o próprio Crick declarou no primeiro momento de revelação: "Descobrimos o segredo da vida."

"É possível", perguntei a Crick, quando o contactei no Salk Institute em San Diego, Califórnia, "que o nosso ADN tenha vindo de outro planeta?"

"Publiquei essa teoria há vinte e cinco anos", disse Crick. "Chamei-lhe 'Panspermia Dirigida'."

"Acha que chegou num meteoro ou cometa?", perguntei.

"Não", disse Crick. "Qualquer coisa viva teria morrido numa viagem tão acidental pelo espaço."

"Está a dizer que o ADN foi enviado para aqui num veículo?", perguntei.

"É a única possibilidade", disse Crick.

Crick tinha acabado de confirmar a afirmação do código da Bíblia sobre a origem da vida na Terra.

Mas eu não lhe mencionei o código da Bíblia. Crick é desafiadoramente secular. Em vez disso, pedi-lhe que explicasse a sua teoria da génese do ADN.

A molécula de ADN, disse Crick, era complexa demais para ter evoluído espontaneamente na Terra no curto espaço de tempo entre a formação deste planeta, há 4 mil milhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, há 3,8 mil milhões de anos.

"Mas é improvável", disse Crick, "que organismos vivos pudessem ter atingido a Terra como esporos vindos de outra estrela, ou incrustados num meteorito."

Portanto, disse Crick, havia apenas uma possibilidade:

"A forma primitiva de vida foi plantada na Terra por uma civilização avançada de outro planeta — deliberadamente."

Era extraordinário. Crick estava a dizer-me exatamente o que o código da Bíblia afirmava — "ADN foi trazido num veículo".

Crick disse que o nosso ADN foi intencionalmente enviado para aqui numa "nave espacial" e que "toda a vida na Terra representa um clone derivado de um único organismo extraterrestre". Ele afirmou-o explicitamente quando publicou a sua teoria pela primeira vez em 1973.

Agora perguntei-lhe se ele ainda acreditava na "Panspermia Dirigida".

"Sabemos muito pouco sobre as origens da vida", disse Crick, "mais todas as novas descobertas científicas apoiam a minha teoria, e nenhuma a refuta."

"Houve uma grande mudança desde que a nossa teoria foi publicada pela primeira vez", disse-me ele. "Sabemos agora que outras estrelas têm de facto planetas. Por isso, é certamente possível que uma civilização tecnológica avançada tenha existido noutro lugar da galáxia mesmo antes de a Terra se formar."

Crick estava mais seguro do que nunca. "O ADN foi enviado para aqui num veículo", disse ele. "Por extraterrestres."

Não era exatamente a história contada no Génesis. Mas estava claramente declarada no código da Bíblia.

Perguntei-me o que Eli Rips, o cientista que descobriu o código, diria sobre esta teoria das nossas verdadeiras origens. Conflituaria com as suas crenças religiosas, com a sua fé nas palavras claras da Bíblia, que naturalmente dizem que Deus criou o homem e toda a outra vida na Terra?

Em novembro de 1998, quando cheguei ao Médio Oriente para iniciar a minha busca pelos obeliscos, pela chave oculta do código da Bíblia, mostrei a Rips o que o código da Bíblia dizia sobre o código da vida — "ADN foi trazido num veículo".

"É uma correspondência extraordinária", disse Rips. "'ADN num veículo' e 'a tua descendência num veículo' — é perfeito, é autorreferencial."

Contei a Rips o que Crick me tinha dito e tinha escrito há 25 anos.

"Difere da teoria da Criação apenas numa coisa — ao renomear o agente inteligente", disse Rips. "A evolução do ADN na Terra não é

realista, por isso um agente externo trouxe-o para aqui. O Dr. Crick apenas se abstém de chamar o herói pelo nome."

Rips, que nunca vê um conflito entre a ciência e a religião, que acredita que ambas são buscas pela verdade última e devem levar ao mesmo lugar, estava entusiasmado com esta descoberta.

Encorajado, mostrei a Eli codificações relacionadas. "Código genético" aparecia na Bíblia com "o seu gene herdarás". Rips encontrou "para fazer avançar o homem" codificado no mesmo lugar.

"Espiral de ADN" também estava codificado na Bíblia, e cruzando com isso no texto oculto estavam as palavras "em Adão o modelo, matriz". "De um código" aparecia na mesma tabela.

"É um encontro muito bom com uma afirmação clara e simples do significado da codificação", disse Rips. "E as probabilidades contra a aparição de 'espiral de ADN' são de 300 para 1."

Perguntei a Rips se ele achava possível que tanto o código da Bíblia como o código do ADN tivessem a mesma estrutura de dupla hélice, que ambos fossem duas espirais entrelaçadas — que houvesse talvez apenas um código universal.

Finalmente, mostrei-lhe que os dois códigos — "código do ADN" e "código da Bíblia" — apareciam juntos contra probabilidades muito elevadas, que ambos estavam codificados no mesmo lugar na Bíblia.

Rips ficou muito entusiasmado. Desapareceu por uns momentos para o seu escritório e voltou com uma tabela do código da Bíblia impressa num acetato. Mostrava "Julgamento de Deus" e "Misericórdia de Deus" codificados no mesmo lugar. Rips pegou no acetato plano e uniu as extremidades, transformando-o num cilindro.

As duas vertentes, "Julgamento" e "Misericórdia", estavam entrelaçadas uma na outra.

"Estivemos sempre a olhar para um cilindro tridimensional", explicou Rips. "Nós simplesmente o desenrolamos para exibir o código em duas dimensões num ecrã de computador, tal como se estende um mapa plano em vez de mostrar o globo. Mas veja o que acontece quando o transformamos novamente num cilindro."

“Misericórdia de Deus” estava claramente entrelaçada em redor de “Julgamento de Deus”, as duas faces do Todo-Poderoso eram apresentadas exatamente na mesma forma que as duas vertentes do ADN.

“É uma dupla hélice”, disse Rips. “Ambos os códigos, o código da vida e o código da Torah, podem ter a mesma estrutura. E, verdadeiramente, nenhum deles surgiu aqui na Terra.”

“As raízes da nossa forma de vida remontam a outro lugar no universo, quase certamente outro planeta”, escreveu Crick, expandindo a sua teoria da Panspermia Dirigida.

“Tinha atingido ali uma forma muito avançada antes de quase tudo ter começado aqui. And a vida aqui foi semeada por microrganismos enviados numa qualquer forma de nave espacial por uma civilização avançada.”

Como evidência, Crick sugeriu duas coisas: (1) “O código genético é idêntico em todos os seres vivos”; (2) “Os organismos mais antigos aparecem subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples aqui na Terra.”

“Devemos postular que num planeta distante, há cerca de 4 mil milhões de anos, tinha evoluído uma forma de criatura superior que, tal como nós, tinha descoberto a ciência e a tecnologia, desenvolvendo-as muito além de tudo o que realizámos”, escreveu Crick.

“Eles saberiam que, a longo prazo, a sua própria civilização estava condenada. Claramente, pode ter havido razões para acreditarem que não conseguiriam sequer sobreviver a curto prazo. Sem dúvida, teriam planeado colonizar planetas vizinhos.

“Assim que a escala e a natureza da galáxia são compreendidas, é intolerável não saber se somos os seus únicos habitantes”, disse Crick. “Pode até ser muito perigoso não o fazer.”

Finalmente, Crick fez a grande pergunta que ainda nos persegue: “Estarão os remetentes ou os seus descendentes ainda vivos? Ou terão os riscos de 4 mil milhões de anos sido demais para eles?”

O ADN é uma linguagem. É escrito com quatro letras.

“O filamento de ADN é informação, uma mensagem escrita num código de substâncias químicas, uma substância química para cada letra”,

explica Matt Ridley no seu livro *Genoma,* que conta a história do projeto humano recém-descodificado.

"É quase bom demais para ser verdade", nota Ridley, "mas o código acaba por estar escrito de uma forma que podemos compreender. Tal como o inglês escrito, o código genético é uma linguagem linear, escrita numa linha reta."

Foi a mesma descoberta surpreendente que o Dr. Rips tinha feito sobre o código da Bíblia. Era destinado a nós, escrito numa linguagem que podíamos compreender — como o próprio código dizia, onde "chave do código" aparecia, estava "nas nossas mãos para resolver".

O código do ADN, tal como o código da Bíblia, "existia na linguagem do homem".

Seria possível que a nossa busca pela "chave do código" pudesse também levar a algum código universal, ao código da vida, ao código de toda a Criação?

Descobri que na tabela original, a descoberta de código que deu origem a toda a minha busca, onde "Boca dos Obeliscos" cruzava com "Chave do Código", havia outra revelação extraordinária.

Também codificadas no mesmo lugar estavam as palavras "árvore genealógica em Lisan". Também poderia ser traduzido como "ele rastreará as origens dos antepassados em Lisan".

Ligava claramente o código da Bíblia ao código genético, e ambos ao mesmo local, e sugeria que o "Senhor do Código" não era apenas o Codificador, mas também o nosso Criador.

"Em Lisan ADN" também estava codificado na Bíblia. Em hebraico "Lisan" também significa "linguagem", pelo que as mesmas palavras podem ser traduzidas como "na linguagem do ADN". E isso era cruzado por "uma cópia de tudo foi trazida".

Era como uma Arca de Noé de alta tecnologia, com cada forma de vida preservada em código de ADN. "Em Lisan ADN" aparecia uma segunda vez, e "Mazra" aparecia no mesmo lugar.

Em hebraico, "Mazra" também significa "semeado", novamente uma descrição perfeita de como Crick, e o código da Bíblia, disseram que a vida chegou ao nosso planeta.

E no mesmo lugar aparecia o mesmo versículo do Génesis que também aparecia com “ADN foi trazido num veículo”, a promessa de Deus a Abraão: “Multiplicarei sobremodo a tua descendência como as estrelas do céu.”

“Código da Vida” também estava codificado, novamente com “Mazra”, novamente com “semeado”.

Uma e outra vez o ⨯ no mapa do tesouro, “Mazra” e “Lisan” apareciam com “ADN”, tal como os mesmos dois locais apareciam com tudo o relacionado com o “código da Bíblia”.

“Espiral de ADN” estava, de facto, codificado com “Mazra” e “Lisan, língua de mar”.

E novamente o código afirmava claramente que o código genético também seria encontrado num “obelisco”. “No obelisco” de facto cruzava com “código do ADN”.

“ADN humano” também aparecia com “obelisco”, e o texto oculto afirmava “cópia num pilar”.

“Criação do Homem” está codificado duas vezes, uma com “Lisan” e outra com “Mazra”.

“Esta é a solução” aparece nas palavras originais da Bíblia, sobrepondo-se a “Lisan”, onde o local está codificado com “Criação do Homem”.

“Eu vo-lo dei como herança, Eu sou Deus”, são as palavras no texto claro que cruzam com “Criação do Homem”, onde está codificado com “Mazra”.

É uma afirmação extraordinariamente clara de que a chave para o código da vida, bem como para o código da Bíblia, pode estar enterrada na península cujo nome significa “linguagem”, na baía cujo nome significa “semeado”.

Também parecia uma afirmação muito clara de que o código da Bíblia e o código genético devem, portanto, ter uma fonte comum — que o mesmo extraterrestre trouxe ambos para a Terra.

CAPÍTULO NOVE

INVASÃO

Cada vez que eu regressava ao Médio Oriente parecia mais o Fim dos Dias.

Na Sexta-Feira Santa, 29 de março de 2002, na Páscoa cristã e na Páscoa judaica na Terra Santa, o Primeiro-Ministro israelita Ariel Sharon enviou 60 tanques, 200 veículos blindados de transporte de pessoal e 2500 soldados para o complexo de Yasir Arafat em Ramallah, em retaliação por uma semana de atentados suicidas.

Bulldozers militares romperam as paredes do quartel-general do líder palestiniano, e as tropas israelitas tomaram todas as salas exceto algumas, tornando Arafat um prisioneiro no mesmo local onde eu me tinha reunido com ele um ano antes.

Israel ocupou quase todas as principais cidades da Cisjordânia, na maior ofensiva desde a Guerra dos Seis Dias de 1967.

Estava tudo previsto. "Sharon está a invadir" cruzava com "Arafat" no código da Bíblia.

Eu tinha encontrado essa previsão quase um ano antes do ataque, e até o momento fora previsto. "Sharon invadiu" aparecia novamente, cruzado por "Páscoa judaica".

E, de forma mais ameaçadora, "Sharon invadiu" aparecia novamente com "guerra" e "no Fim dos Dias".

Agora tudo se tinha tornado realidade.

Arafat e Sharon estavam a cumprir os destinos um do outro. Arafat tinha colocado Sharon no poder ao rejeitar o plano de paz oferecido por Barak e Clinton em Camp David. Agora Sharon, ao invadir a Palestina e cercar o complexo de Arafat em Ramallah, tinha feito de Arafat um mártir, um herói para todo o mundo árabe.

Enquanto a batalha grassava por toda a Cisjordânia, sentei-me com Eli Rips na sua casa em Jerusalém. Olhámos para os códigos.

Rips digitou o nome da operação militar israelita, "Muralha Defensiva". Apareceu uma vez no código da Bíblia, cruzado pelo nome da

cidade palestiniana onde os combates mais pesados estavam neste preciso momento a arrasar um campo de refugiados, "Jenin". Logo abaixo, "Casbah" também aparecia. Era o nome da cidade velha em Nablus, onde a outra batalha feroz grassava.

O texto claro que cruzava com "Muralha Defensiva" falava do "derrube das cidades". Logo acima estava codificado "combates". E também no mesmo lugar as palavras originais da Bíblia capturavam o momento: "Eles odiavam, e não podiam falar de paz."

Era tão detalhado e preciso como as reportagens da CNN, tão exato como as manchetes no *Jerusalem Post* e no *New York Times*, codificado num texto que tinha 3000 anos.

Rips calculou as probabilidades. Apenas a correspondência entre os nomes das cidades e o nome da operação militar era de várias centenas de milhares para um além do acaso.

"Este é o mesmo relato que vi na televisão ontem à noite", disse eu a Rips. "Onde acha que isto vai acabar?"

"Acho que Israel se verá novamente com as costas voltadas para o mar, tal como os antigos israelitas se viram nas margens do Mar Vermelho", disse o matemático.

Eu compreendi a alusão. Rips estava a falar do momento registado na Bíblia, na primeira Páscoa judaica, há 3200 anos, quando os hebreus que fugiam do Egito se viram encurralados entre o exército do Faraó em avanço e as águas do Mar Vermelho, enfrentando a aniquilação certa.

"Precisaremos novamente de intervenção Divina", disse Rips.

Rips compreendia que, embora Israel estivesse agora em vantagem, a batalha mal tinha começado. Receei que ele tivesse razão, mas não conseguia imaginar ninguém agora a abrir as águas.

Se haveria de haver um milagre desta vez, era talvez o milagre que estávamos a testemunhar, os detalhes dos acontecimentos modernos codificados num texto antigo, e um aviso do que estava ainda por vir.

"Tudo o que está a acontecer agora é apenas um espetáculo secundário", disse eu ao General Meir Dagan, o homem considerado por muitos o mais próximo de Sharon, um antigo chefe de contraespionagem

que o Primeiro-Ministro iria em breve nomear como o novo chefe da Mossad.

Mostrei a Dagan a previsão notavelmente precisa da guerra atual e disse-lhe que ele devia avisar Sharon de que, de acordo com o código, este era muito literalmente o "Fim dos Dias" e que Israel enfrentava a aniquilação.

"Já entreguei a sua carta ao Primeiro-Ministro", disse Dagan, "mas não sei se ele a leu."

"Tem de lhe dizer que tudo continua a realizar-se", disse eu.

"Lembra-me uma história contada pelo poeta grego Homero", disse Dagan. "A história de Cassandra, que foi amaldiçoada com o conhecimento do futuro, mas para que nunca acreditassem nela."

Entreguei-lhe uma nova carta para Sharon. Repetia o aviso que eu tentava fazer chegar ao Primeiro-Ministro há um ano inteiro.

"Este momento crítico na história de Israel foi sem dúvida claramente previsto", afirmava a minha carta. "'Sharon', 'Arafat' e 'Bush' estão todos codificados juntos por nome na Torah, com o tempo derradeiro de grande perigo — 'Fim dos Dias'."

Agora adicionei um novo aviso: "Se o código estiver certo, o que está a acontecer agora é apenas um espetáculo secundário. O verdadeiro perigo está mais à frente. Primeiro, uma 'praga', um ataque com armas químicas ou biológicas, no qual dezenas de milhares podem morrer. Finalmente, um 'holocausto atómico'."

Dagan prometeu que faria chegar novamente a minha carta a Sharon, através do Chefe de Gabinete do Primeiro-Ministro, Uri Shani. "Ele é o homem mais próximo de Sharon no dia a dia, ainda mais próximo do que Omri", disse Dagan, referindo-se ao filho do Primeiro-Ministro, com quem eu me tinha reunido um ano antes.

Em poucos dias, o chefe de gabinete de Sharon aceitou reunir-se comigo, mas apenas depois de o Primeiro-Ministro ter terminado as suas reuniões com o Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, que acabara de chegar a Israel para negociar um cessar-fogo entre os israelitas e os palestinianos.

Por isso, fui antes ver o único líder palestiniano que não estava prisioneiro, na única cidade da Cisjordânia que ainda não tinha sido invadida, a cidade mais antiga do mundo, Jericó.

Saeb Erekat, o chefe dos negociadores de paz dos palestinianos, lembrou-se da nossa reunião um ano antes. Ele tinha traduzido para mim e para Arafat quando nos reunimos no mesmo complexo em Ramallah que estava agora degradado e cercado por tanques.

Entreguei a Erekat uma nova carta para Arafat, mas antes que ele a pudesse ler, o líder palestiniano ligou a Erekat. Arafat disse que tinha frio, que estava a ficar sem comida, combustível e medicamentos, e preocupado com o facto de Powell não o ir ver porque tinha acabado de ocorrer um novo atentado suicida em Jerusalém.

Apesar de tudo, após uma chamada rápida para a Embaixada Americana, Erekat leu a minha carta. Dizia:

"Estou de volta ao Médio Oriente agora para alertar tanto a si como aos israelitas de que este é o tempo previsto por todas as três grandes religiões ocidentais — o 'Fim dos Dias' — um tempo de perigo maior do que o mundo alguma vez enfrentou.

"Esta pode ser a sua última oportunidade para fazer a paz e evitar o horror que está para vir. O destino tanto dos israelitas como dos palestinianos será o mesmo. Se não fizerem a paz, enfrentarão o 'Fim dos Dias' juntos. Agora devem agir. Este é o momento."

Erekat leu a minha carta com atenção e disse que a entregaria a Arafat quando se reunissem com Colin Powell.

"Quando é o 'Fim dos Dias'?", perguntou Erekat. "Agora?"

"Mesmo agora", disse eu. "Já começou."

"O que os israelitas estão a fazer vai trazer o fim ao mundo inteiro?", perguntou Erekat.

"O que estão a fazer uns aos outros", disse eu.

Mostrei-lhe as tabelas de códigos que tinha mostrado a Dagan, onde "Sharon está a invadir" cruzava com "Arafat" e aparecia novamente com "no Fim dos Dias".

Também mostrei a Erekat outra tabela, onde "Guerra Mundial" estava codificado com "terrorismo", e a palavra árabe para "bombista suicida", "Shahid", aparecia no mesmo lugar.

"Diz ali 'Shahid'?", perguntou Erekat, agora muito atento aos caracteres hebraicos.

Apontei para a palavra e repeti-lhe uma parte da minha carta a Arafat. "Foi por isso que disse isto a Arafat: 'Deve erguer-se acima da sua batalha com Sharon. Os terroristas são o vosso inimigo mútuo e, se forem fortalecidos, matarão ambos, destruirão ambos os vossos povos e, finalmente, toda a civilização humana.'"

Erekat prometeu novamente que entregaria a minha carta a Arafat e organizaria um encontro entre nós — se Powell conseguisse convencer os israelitas a levantar o cerco.

Enquanto conduzia de regresso através do posto de controlo militar israelita, perguntei-me novamente se teria ido longe demais. Erekat tinha-me levado muito a sério, Arafat acreditava em mim absolutamente, e Dagan estava realmente a tentar alertar Sharon de que um código na Bíblia dizia que o Apocalipse estava mesmo em cima de nós.

Ainda me parecia irreal. E, no entanto, o aviso que eu andava a fazer soar aos líderes mundiais a partir do código da Bíblia há anos, o aviso em que eu próprio mal conseguia acreditar, tinha-se tornado por esta altura em senso comum.

Mesmo antes de um mês de atentados suicidas ter morto 150 israelitas, mesmo antes de Sharon começar a travar uma guerra total contra os palestinianos, o colunista do *New York Times*, Tom Friedman, fez soar quase o mesmo aviso.

Friedman disse no *Times* exatamente o que eu tinha tentado dizer a todos os primeiros-ministros israelitas desde que Rabin fora assassinado, o que eu vinha a tentar dizer à Casa Branca desde Camp David, que o conflito no Médio Oriente "está a começar a parecer o rastilho para uma guerra de civilizações muito maior".

Ele alertou, tal como eu tinha acabado de tentar alertar novamente Sharon, que "armas de destruição maciça" nas mãos de terroristas ou de estados árabes radicais poderiam "apagar Israel do mapa".

A proliferação de armas nucleares e biológicas, a ascensão de bin Laden, a ligação crescente entre fanáticos religiosos e terroristas, tinham tornado o que parecia paranoico e apocalítico há uns anos quase em senso comum vulgar hoje em dia. O mundo tinha alcançado o código da Bíblia.

E nunca pareceu tanto — pelo menos não desde que vi as Torres do World Trade Center desabar — como parecia hoje, enquanto passava de carro pelo posto de controlo militar à saída de Jericó.

Eu tinha visto isso a caminho desde que Yitzhak Rabin fora morto. Onde "assassino assassinará" cruzava com "Yitzhak Rabin", logo acima daquelas palavras estava um aviso: "Todo o seu povo para a guerra."

O assassinato do Primeiro-Ministro que fizera a paz com Arafat não foi apenas um ponto de viragem para Israel, mas para o mundo.

Tinha-me reunido com a filha de Rabin, Dalia, na minha última viagem a Israel. "Já começou", disse ela enquanto nos sentávamos para conversar no Knesset, o parlamento de Israel. "Eu tentei impedir que acontecesse, mas ninguém quis ouvir. Ele está a fazê-lo neste preciso momento."

Não compreendi. "Sharon", disse ela. "O ataque já está em curso." Mais tarde, na CNN, vi o que ela queria dizer — Sharon tinha enviado F-16, helicópteros de combate e tanques para Gaza e para a Cisjordânia, o início da maior ofensiva israelita nos territórios desde que Rabin e Arafat tinham apertado as mãos nos acordos de Oslo em 1993.

Dalia Rabin soube naquele instante que a paz que o seu pai fizera estava morta. Ela era agora Vice-Ministra da Defesa e tinha acabado de sair de uma reunião do Gabinete. "Tentei impedi-lo", repetiu, "but ninguém quis ouvir."

Entreguei-lhe uma cópia da carta que tinha enviado ao seu pai mais de um ano antes de ele ser morto em novembro de 1995, alertando-o de que o código da Bíblia previa que ele seria assassinado. Ela leu-a sem dizer uma palavra. Aquilo claramente a abalou profundamente.

A memória daquele momento terrível, combinada com o seu horror perante o que estava a acontecer neste momento, estava tão clara no seu rosto que eu não quis ir mais longe. Mas ela não era apenas a filha de Rabin. Era também uma importante alta funcionária do governo, e eu queria que ela compreendesse os perigos muito maiores que Israel ainda enfrentava.

“Se o código estiver certo, o que aconteceu e o que está a acontecer agora é apenas o início”, disse-lhe eu.

Isso foi quatro meses antes de Sharon invadir a Cisjordânia com toda a força, uma invasão que eu sabia estar prevista na Bíblia. Mas eram os avisos maiores que estavam na minha mente — os avisos de uma “praga” que estavam codificados com 2005, e os avisos de “Guerra Mundial” e “holocausto atómico” que estavam codificados com 2006.

“Acredito que os perigos são reais, mesmo sem o código”, disse Dalia Rabin. “Estou a tentar conter Sharon e estamos a preparar-nos para ataques químicos, biológicos e atómicos.”

Ela ficou em silêncio por um momento. “Se está previsto, o que podemos fazer?”, perguntou ela.

“Peres e Arafat fizeram-me exatamente a mesma pergunta”, disse-lhe eu. “Não acho que seja uma previsão, mas sim um aviso, e o que fazemos determina o que realmente acontece.”

Ela apontou para o meu livro que estava em cima da mesa, com a previsão do código sobre o assassinato do seu pai na capa, e a carta que eu escrevera ao Primeiro-Ministro um ano antes que estava por baixo dele.

“Não conseguiu impedir isso”, disse ela.

“Acho que poderíamos ter impedido”, disse-lhe eu. “O seu pai recebeu o aviso, mas não acreditou nele.”

Ela ficou novamente em silêncio por um momento. Parecia tão triste. “Estão a bombardear Gaza neste preciso momento”, disse ela. “O que podemos fazer?”

“Vou dizer-lhe o que disse a Arafat e o que estou a tentar dizer a Sharon — não creio que haverá paz até que ambos os lados compreendam que a alternativa é a aniquilação. Acho que Arafat acredita em mim, mas não consegui sentar-me com Sharon.”

“Ele não o vai ouvir”, disse ela. “Ele não quer ouvir isso. Talvez as coisas tenham de piorar muito antes que alguém oiça.”

Enquanto esperava para ver se conseguia chegar até Sharon, e se ele me permitiria reunir-me com o seu prisioneiro Arafat, fui ver o general na posição talvez mais crítica da inteligência israelita.

O General Yossi Kuperwasser estava encarregue da análise de inteligência. Toda a informação recolhida por todas as agências de inteligência de Israel, de espiões, de satélites, dos americanos e dos europeus, chegava à sua secretária.

Na segunda-feira, 15 de abril de 2002, reuni-me com ele na Kirya, o quartel-general militar israelita murado e fortemente guardado no coração de Tel Aviv.

"Rapou a barba", disse o General Kuperwasser quando entrei no seu gabinete. Ao início, não conseguia imaginar do que ele estava a falar. Depois percebi que já nos tínhamos conhecido antes — na minha primeira viagem a Israel, dez anos antes, quando vim falar com o chefe da inteligência israelita sobre o futuro da guerra.

Kuperwasser era então um jovem assistente do general encarregue. Eu só o conhecia como Yossi e nunca fizera a ligação. Tudo tinha dado uma volta completa. Fora à saída daquela reunião, há dez anos, que eu soubera por acaso, pela primeira vez, da existência do código da Bíblia.

Kuperwasser não precisava de ser convencido. Embora não fosse religioso, ele já levava o código da Bíblia a sério.

"Estive no aeroporto há anos, à procura de algo para ler, e vi o seu livro", disse-me ele. "Temos de prestar atenção a qualquer aviso de perigo existencial."

O nosso amigo mútuo, o cientista-chefe do Ministério da Defesa, General Isaac Ben-Israel, já tinha informado Kuperwasser sobre os novos avisos no código da Bíblia. Agora mostrei-lhe as tabelas de códigos.

"'Varíola' está codificado com '2005'", disse eu ao general.

Ele olhou para a tabela de códigos onde o ano aparecia e viu que o texto claro da Bíblia que cruzava com "varíola" dizia: "Os mortos na praga foram 14.700."

"Essas são as palavras originais da Torah", disse Kuperwasser, surpreendido. "Está muito próximo das nossas próprias estimativas de um possível número de mortos."

"Tanto 'Jerusalém' como 'Tel Aviv' também estão codificados com 'varíola', e o mesmo acontece com 'no Fim dos Dias'", disse-lhe eu, mostrando-lhe as impressões de computador.

O General Kuperwasser disse que também levava a sério a ameaça de um "holocausto atómico" em 2006. "Está de acordo com a nossa própria análise de quando um ou mais dos nossos vizinhos poderá alcançar capacidade nuclear", disse ele.

"Os americanos estão obcecados com o Iraque", comentou ele. "Nós estamos mais focados no Irão."

"Talvis devesse também dar uma vista de olhos à Líbia", disse-lhe eu. "O código da Bíblia sugere de forma muito consistente que a Líbia será a origem de uma arma, mesmo que o ataque real venha de terroristas."

Meses mais tarde, a 4 de setembro de 2002, o Primeiro-Ministro Sharon disse na televisão israelita: "A Líbia está a tornar-se talvez um país mais perigoso do que pensávamos. A Líbia pode ser o primeiro país árabe com armas de destruição maciça."

Não sei se foi o meu aviso ao General Kuperwasser que finalmente chegou ao Primeiro-Ministro, mas avisos do código da Bíblia que dei a altos funcionários israelitas surgiram frequentemente mais tarde na imprensa atribuídos a relatórios de inteligência.

Mostrei a Kuperwasser a localização de uma possível base terrorista no Iémen ou no Irão. Estava codificada por nome na Bíblia com todos os grandes perigos para Israel — com "varíola", com "holocausto atómico" e com "bin Laden".

Mas havia duas localizações com o mesmo nome, uma no Iémen e outra no Irão, ambas suspeitas prováveis em qualquer caça a terroristas.

"O Isaac deu-me as coordenadas", disse Kuperwasser. "Nós já olhámos. No Iémen, nada. No Irão, vimos alguma atividade, mas nada definitivo. Talvez tenhamos olhado cedo demais. Talvez tenhamos de olhar em 2005 e 2006. Olharemos novamente. Continuaremos a olhar."

Kuperwasser claramente levava o código da Bíblia bastante a sério. Perguntei-lhe se ele poderia ajudar a organizar um encontro para eu ver Arafat, que estava agora isolado no seu complexo degradado, cercado por tanques israelitas.

"Reuni-me com Arafat há um ano", disse eu ao general. "Ele acredita no código da Bíblia, aliás acho que ele acredita que eu sou um profeta. Disse-lhe que, de acordo com o código, a sua única escolha é a paz ou a aniquilação."

"Ele pode acreditar em si", disse Kuperwasser, "mas isso não significa que Arafat veja as coisas da mesma forma que você. Ele pode escolher a aniquilação."

Eu sabia que Kuperwasser não era amigo de Arafat. Ele tinha, de facto, acabado de regressar de Washington, numa missão de Sharon para convencer a Casa Branca de que Arafat era um terrorista e nunca mudaria. Em todo o caso, Kuperwasser disse que não havia nada que pudesse fazer para me fazer passar pelos tanques israelitas para ver Arafat. "Apenas o Primeiro-Ministro pode aprovar isso", disse ele.

No Dia em Memória do Holocausto, reuni-me em Jerusalém com Dan Meridor, o Ministro do Gabinete israelita cujo trabalho é preparar e prevenir ataques terroristas com armas químicas, biológicas e nucleares.

Mostrei a Meridor os dois avisos definitivos no código da Bíblia. Que Israel seria atingido por uma "praga" moderna — "varíola" — em 5765, o ano hebraico equivalente a 2005.

E depois mostrei a Meridor o aviso final, de que Israel enfrentaria um "holocausto atómico" no ano seguinte, 2006.

"Nós já sabíamos que isto era uma probabilidade", disse Meridor. "E já sabíamos que estes anos — 2005, 2006 — são as probabilidades."

Meridor disse-o com a maior naturalidade. Não mostrou qualquer emoção. Falou como um guarda-livros que tivesse acabado de rever os números e confirmado que eles batiam certo. Parecia não ter qualquer impacto sobre ele o facto de estarmos a falar de dois acontecimentos terminais, de estarmos sentados no próprio alvo, e de um código com 3000 anos na Bíblia ter acertado exatamente em ambos os anos.

Mas era uma confirmação notável dos avisos no código da Bíblia vinda de um dos poucos homens em Israel que conhecia os números de cor.

Tanto a CIA como a inteligência israelita tinham chegado independentemente à mesma conclusão — que a ameaça de terrorismo nuclear atingiria o pico entre 2005 e 2007. O Ministro da Defesa de Israel, Benjamin Ben-Eliezer, tinha acabado de declarar publicamente que "por volta de 2005 o Irão terá capacidades nucleares que nos ameaçarão, à região e possivelmente ao mundo inteiro".

E pouco depois de 11 de setembro, o próprio Meridor liderou um comité de segurança nacional que alertou o Primeiro-Ministro Sharon de

que a ameaça não convencional mais perigosa que Israel enfrentava era a varíola.

De facto, Meridor tinha acabado de concluir uma palestra sobre a ameaça iminente de "terrorismo não convencional" no Colégio de Segurança Nacional de Israel a 11 de setembro, quando o primeiro relatório do ataque às Torres Gémeas chegou.

"Infelizmente, este ataque é apenas o início", comentou ele.

Mas embora os avisos no código da Bíblia fossem virtualmente os mesmos que os avisos nas estimativas de inteligência israelitas, que o Ministro do Gabinete agora confirmava, ele dizia-o como que para descartar a previsão.

"Nós já sabíamos disto", disse ele novamente. "Não precisamos de um código na Bíblia."

"Talvez", respondi, "mas o código previu estes mesmos perigos nestes mesmos anos antes de os seus próprios serviços de inteligência chegarem a estas mesmas conclusões. E aparece num texto que tem três mil anos."

"Sou uma pessoa racional", disse Meridor. "Não acredito nessas coisas."

"Continua a realizar-se", disse eu a Meridor.

"Shimon Peres dir-lhe-á que, quando me reuni com ele logo após o assassinato de Rabin, em 1996, quando Peres era Primeiro-Ministro, eu o alertei para um 'holocausto atómico' em 2006", disse eu. "E, claro, alertei Rabin de que ele poderia ser morto um ano antes do assassinato."

Entreguei a Meridor uma cópia da carta que tinha enviado a Rabin. Ele leu-a, impaciente.

"Digamos que acredito em si", disse Meridor. "O que podemos fazer?"

Foi exatamente o que o filho do Primeiro-Ministro, Omri Sharon, me tinha dito na última vez que falámos. Era, mais ou menos, o que toda a gente me dizia, quer acreditassem no código da Bíblia quer não. E eu não tinha uma resposta.

"Leve os anos a sério", disse eu.

“Eu já levo”, disse Meridor.

Além disso, eu não tinha uma solução real, exceto o aviso que já tinha dado a Arafat e estava a tentar dar a Sharon, o aviso que tinha dado a Clinton e estava a tentar dar a Bush — que a verdadeira escolha não era a paz ou a guerra, mas sim a paz ou a aniquilação, e que nenhuma paz, mesmo que feita, duraria até que todos compreendessem isso.

Eu tinha de ver Sharon. De facto, tinha feito uma nota para mim próprio antes de partir para Israel: “Sharon é a chave. Tem de o assustar como assustou Arafat.” Se haveria de haver paz, ambos estes velhos adversários tinham de acreditar que não havia escolha senão a paz ou a aniquilação.

Três generais israelitas de topo, Kuperwasser, Ben-Israel e Dagan, todos com uma sólida formação em inteligência, levavam os avisos no código da Bíblia a sério. O chefe da análise de inteligência, o chefe da análise científica e o antigo chefe de contraespionagem, o próximo chefe da Mossad, todos acreditavam que o futuro poderia estar previsto num código com 3000 anos.

Mas eu não conseguia convencer a liderança política de Israel. Não conseguia chegar ao único homem cujas decisões neste preciso momento poderiam decidir o destino final de Israel.

O Primeiro-Ministro Ariel Sharon não me recebia. O seu chefe de gabinete demitiu-se no dia em que nos deveríamos reunir, e não havia mais ninguém a quem recorrer, ninguém que eu já não tivesse tentado.

Antes de deixar Israel, voltei a ver Eli Rips. Olhámos novamente para as palavras que tínhamos encontrado codificadas na Bíblia anos antes, logo após o assassinato de Rabin — “Holocausto de Israel”.

Agora apontei a Rips que “Sharon” estava codificado no mesmo lugar.

“Anexado” aparecia duas vezes na mesma tabela. Era um aviso claro de que as vitórias militares de Israel, a sua ocupação de terras árabes, poderiam levar a um novo Holocausto.

Recordei as palavras do então Primeiro-Ministro de Israel, Levi Eshkol, ao jovem Ariel Sharon, após a impressionante vitória do general na guerra de 1967, que ajudou Israel a conquistar a Cisjordânia e Gaza.

“Nada será resolvido por uma vitória militar”, disse Eshkol a Sharon. “Os árabes continuarão aqui.”

Mas 35 anos mais tarde, em junho de 2002, Sharon reinvadiu toda a Cisjordânia e mais uma vez tornou Arafat um prisioneiro no seu próprio quartel-general. E, desta vez, Sharon disse que a ocupação israelita da Palestina poderia durar anos.

Assim, no verão de 2002, com os tanques israelitas a ocupar novamente a Palestina, a ameaça de um “Holocausto” codificado na Bíblia parecia muito real.

CAPÍTULO DEZ

EXTRATERRESTRE

Na nossa imaginação, uma nave espacial aterra na Terra e um extraterrestre emerge.

Mas os cientistas que procuram vida inteligente consideram a aterragem de um extraterrestre a forma de contacto menos provável. As enormes distâncias necessárias para uma viagem interestelar — centenas, ou milhares, ou milhões de anos-luz — tornam-na quase impossível.

Por isso, o SETI, a Busca por Inteligência Extraterrestre, tem escutado há dez anos sinais de rádio vindos de quinhentas estrelas próximas semelhantes ao Sol. Um gigantesco conjunto de antenas parabólicas, vinte e sete antenas num padrão em Y com trinta e cinco quilómetros de largura, aponta para o céu a partir do leito de um antigo lago no deserto do Novo México. Até agora, apenas silêncio.

Enquanto me preparava para lançar a minha expedição arqueológica no Lisan — a minha busca pela “chave do código” e pelos “obeliscos” —, a Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço anunciou que irá lançar uma nova geração de naves espaciais não tripuladas para procurar vida extraterrestre no cosmos.

Mas mesmo a nossa galáxia, a Via Láctea, tem cem mil milhões de estrelas, e existem milhares de milhões de galáxias.

Existe, contudo, outra alternativa.

É o contacto que os cientistas consideram mais provável — a descoberta de um artefacto extraterrestre na Terra ou perto dela.

E se o tão esperado contacto com outra inteligência tiver de facto ocorrido há muito tempo? E se o código da Bíblia for, na verdade, o contacto?

Desde o início da minha busca, eu soubera que havia algo de outro mundo no código da Bíblia. Nenhum ser humano poderia ter olhado 3000 anos para a frente e codificado os detalhes do mundo de hoje na Bíblia.

De facto, a própria existência de uma antiga chave do código sugeriria que há milhares de anos alguém aqui na Terra tinha uma ciência mais avançada do que a que temos hoje.

No seu livro *Estamos Sós?*, o físico australiano Paul Davies imagina um artefacto deixado para trás por extraterrestres — "programado para se manifestar apenas quando a civilização na Terra cruzasse um certo limiar de avanço. Um dispositivo desse tipo — com efeito, uma cápsula do tempo extraterrestre — poderia armazenar vastas quantidades de informação importante para nós."

Isso poderia ser uma descrição perfeita da chave do código.

O astrónomo Carl Sagan notou que, se existisse outra vida inteligente no universo, alguma dela teria evoluído muito mais cedo do que nós e teria tido milhares, ou centenas de milhares, ou milhões, ou centenas de milhões de anos para desenvolver a tecnologia avançada que nós só agora começamos a desenvolver.

"O que para nós é tecnologicamente difícil ou impossível", escreveu Sagan, "o que nos pode parecer magia, para eles pode ser trivialmente fácil."

E se realmente existisse alguma chave mágica do código? E se os obeliscos tivessem sido enterrados aqui na Terra por alguma civilização avançada desconhecida? E se eles tivessem realmente vindo de além deste planeta?

E se o comentário mais antigo estivesse certo: "Eles não eram o que um ser humano tinha feito, mas a obra do Céu"?

Seria a primeira prova de que não estamos sós. Não conseguia evitar vislumbrar o momento em que desenterraríamos o monólito, obviamente

não deste mundo, mas aqui na Terra. A grande pergunta que o homem vinha a fazer desde o início dos tempos seria respondida: havia outra vida no universo, e ela já tinha estado aqui.

Mas eu continuava cético. Quanto mais impressionante era a potencial descoberta, menos eu conseguia acreditar nela.

Mesmo o facto de o código da Bíblia dizer consistentemente que os obeliscos, embora com milhares de anos, estavam preservados numa "arca de aço", sugerindo que provinham de uma civilização mais avançada, não me convencia totalmente.

Mas quando o laureado com o Nobel Francis Crick confirmou o que o código afirmava — que o nosso "ADN foi trazido num veículo" —, que o código da vida fora enviado para aqui numa "nave espacial", procurei finalmente no código da Bíblia a palavra que até agora tinha evitado — "extraterrestre".

"Extraterrestre de Lisan" está codificado no Livro de Josué, o único livro da Bíblia cujas palavras originais descrevem a localização exata da nossa busca.

De facto, esse versículo de Josué cruza com "extraterrestre de Lisan". Ele identifica a ponta da península que se projeta no Mar Morto, formando uma pequena baía — "ao norte da baía em Lisan".

"Extraterrestre de Lisan" também está codificado na Torah, cruzado no texto claro pelo nome bíblico da Jordânia, "num campo de Moabe, no cume do outeiro".

Afirmava claramente um local no Lisan, a falésia no cabo na extremidade norte da península. De facto, "cabo" estava codificado no mesmo lugar.

E logo abaixo as palavras originais da Bíblia afirmam: "Ele fez para ti uma escultura de todas as formas que estão no Céu."

E havia muito mais no código que parecia confirmar que a chave do código chegou realmente aqui vinda de outro planeta.

"Código extraterrestre" aparecia na Bíblia com "Mazra". "Detetor" estava no mesmo lugar. "Obelisco" e "chave" estavam ambos codificados na mesma tabela.

“Código de extraterrestre” está codificado com “fornalha de ferro”, e “de Lisan” aparece no mesmo lugar.

“Extraterrestre de Lisan”, que em hebraico também significa “linguagem extraterrestre”, também estava codificado cruzando com “Mazra”.

“Mazra” em hebraico significa “área semeada”, e logo acima disso “ADN” está codificado, sugerindo novamente que o código da vida, bem como o código da Bíblia, são uma “linguagem extraterrestre”.

Teria Crick razão? Teriam tanto o código genético como o código da Bíblia chegado aqui num “veículo”?

Olhei novamente para a tabela de códigos onde “veículo de aço” aparecia tanto com “Mazra” como com “Lisan”. Agora vi que, logo acima de “veículo de aço”, o texto oculto afirmava: “forçado a descer, intercetado”.

Em hebraico, essa palavra tem apenas um significado, a interceção de uma aeronave.

Isto era certamente ficção científica. Não podia ser real. Como poderia uma nave espacial ter existido em tempos antigos? Obviamente, apenas se tivesse vindo de além.

“Extraterrestre na Terra” estava codificado uma vez na Bíblia, notavelmente outra vez com “Mazra”. E, novamente, havia a sugestão de que a chegada à Terra não fora intencional: “por engano, por erro” cruzava com “extraterrestre na Terra”.

O avistamento mais claro de uma nave espacial na Bíblia está nas palavras originais do Livro de Ezequiel. É chamado a “Visão do Carro”:

“E olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo a revolver-se, e um resplendor ao redor dela; e no meio dela havia uma coisa como a cor de âmbar, que saía do meio do fogo. E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes; e esta era a sua aparência: tinham a semelhança de um homem.”

Codificadas no mesmo lugar em Ezequiel estão las palavras “extraterrestre humano”.

“Lisan” aparece sem intervalos no mesmo lugar e, sobrepondo-se a isso em sentido inverso, o texto oculto afirma: “Humano por perto numa cripta.”

Havia outra codificação na Torah que parecia confirmar que uma criatura semelhante ao homem veio para aqui há muito tempo e nos deixou o código da Bíblia.

“O extraterrestre é um homem” aparecia uma vez na Bíblia.

No mesmo lugar, nas palavras originais da Bíblia, apareciam as duas frases que originalmente tinham aparecido com “chave do código” — “Boca dos Obeliscos” e “Senhor do Código”.

Parecia sugerir de forma bastante clara que o Codificador era um humano, mas não um dos nossos.

E outra vez, no mesmo lugar, o código afirmava: “Ele foi intercetado, forçado a descer.”

O que, ou quem, poderia ter intervindo para forçar a aterragem forçada deste antigo astronauta? Não havia pista no código.

Mas tudo parecia uma afirmação inequívoca de que a chave do código chegou aqui à Terra numa nave espacial.

Seria a “arca de aço” uma nave extraterrestre?

Quanto mais convincente se tornava a evidência no código, mais eu duvidava de tudo.

Eu conseguia acreditar que a chave do código da Bíblia estivesse gravada num obelisco, e que o obelisco estivesse enterrado numa península estéril que não era habitada desde antes dos tempos bíblicos. Mas não conseguia acreditar que tivesse chegado aqui numa nave espacial.

Mas Crick, que descobriu a estrutura do ADN, disse que o nosso ADN chegou aqui numa nave espacial enviada por um extraterrestre. Se o código genético, porque não também o código da Bíblia?

A própria existência de um código na Bíblia que revela o futuro prova que não estamos sós. Como nenhum de nós consegue ver através do tempo, alguma inteligência extraterrestre deve ter intervindo outrora neste mundo, pelo menos na altura em que a Bíblia foi escrita pela primeira vez.

Essa é, de facto, a única crença partilhada por todas as religiões. A Bíblia é, na sua essência, a história de um encontro imediato com um extraterrestre. Ele não é visto, mas é frequentemente ouvido.

Em cada mito antigo, em todas as religiões, há histórias de veículos e seres que descem do céu, de visitantes temíveis de outros reinos, de "barcos do Céu". Até a descida de Deus no Monte Sinai é acompanhada por fumo e fogo.

Mas eu não acredito em Deus. E embora quase todos os cientistas concordem agora que existe quase certamente outra vida inteligente no universo, eu não vou acreditar realmente em homenzinhos verdes até que eles aterrem aqui. Sou um repórter. Quero provas concretas.

No Shavuot, o feriado que celebra a entrega da Bíblia por Deus a Moisés no Monte Sinai, encontrei no código da Bíblia a prova final de que a chave do código que eu procurava estava de facto em pilares envoltos em aço.

E nessa mesma codificação, encontrei "Deus".

"Em aço, obeliscos" está codificado na Bíblia cruzado por um versículo no Génesis que fala da criação da humanidade: "À imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."

Era mais do que a prova de que os "obeliscos" estavam de facto numa espécie de "arca de aço". As palavras do Génesis também pareciam confirmar o único comentário antigo conhecido sobre os "obeliscos" — a afirmação no Midrash de que eles tinham forma humana, de facto que eram "macho e fêmea".

Mais do que isso, parecia ligar os obeliscos à nossa criação, ao nosso Criador: "Este é o livro das gerações de Adão no dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez."

A passagem completa em Génesis 5:1 que cruzava com "em aço, obeliscos" parecia confirmar que os obeliscos eram a chave do código, que revelariam o nosso passado oculto e todo o nosso futuro.

A sugestão é a de que o nosso futuro era conhecido no dia da nossa criação, que a história de toda a humanidade foi escrita antes de acontecer — de modo que, se a lêssemos agora, veríamos não só tudo o que já aconteceu, mas tudo o que ainda está por acontecer à raça humana.

E a mesma tabela de códigos reconfirmava a localização os "obeliscos". "Pilar Lisan, língua de mar" aparece exatamente no mesmo lugar.

"Em aço" poderemos encontrar não apenas os "obeliscos", mas as nossas verdadeiras origens. A matriz completa do código afirmava: "Senhor, proprietário, será reconhecido em aço, obeliscos."

Parecia sugerir que os obeliscos são à imagem do seu criador, que pode também ser o nosso Criador.

Enquanto me preparava para lançar a minha busca no Lisan, fiz uma nota no meu diário: "Sou forçado a concluir que, além de um 'obelisco' que é a 'chave do código', estou também à procura do 'extraterrestre' que o criou, ou pelo menos o trouxe para aqui, e do 'veículo' em que ele veio."

CAPÍTULO ONZE

BUSH

A 3 de agosto de 2001, enviei ao Presidente George W. Bush uma carta, dizendo-lhe que "o código da Bíblia avisa que o mundo pode enfrentar o seu perigo derradeiro — uma Guerra Mundial nuclear, com início no Médio Oriente — enquanto estiver no cargo".

A minha carta chegou ao seu Chefe de Gabinete, Andrew Card, na Casa Branca, precisamente quando Bush partia para um mês de férias no seu rancho em Crawford, no Texas. Card enviou-a para a Assessora de Segurança Nacional do Presidente, Condoleezza Rice. Mas a minha carta nunca chegou ao Presidente.

A 10 de setembro, após Bush regressar a Washington das suas férias, liguei para a Casa Branca para instar Card a entregar a minha carta ao Presidente e a organizar um encontro comigo.

"O Sr. Card entregou a sua carta à Dra. Rice", disse-me o seu assistente principal. "Foi lida pelas duas pessoas de mais alto escalão aqui. Mas a decisão deles foi não a entregar ao Presidente."

No dia seguinte, a 11 de setembro de 2001, terroristas árabes atacaram Nova Iorque e Washington, derrubando as Torres do World Trade Center e danificando o Pentágono. A Casa Branca escapou ao ataque apenas porque

os passageiros do quarto avião desviado o forçaram a descer antes que pudesse chegar a Washington.

A carta que enviei a Bush mais de um ano antes do 11 de setembro não foi o único aviso perdido. Mais tarde, foi revelado que a 6 de agosto, quase ao mesmo tempo que a minha carta chegava à Casa Branca, a CIA dissera ao Presidente em férias que os seguidores de Osama bin Laden na Al Qaeda poderiam desviar aviões comerciais. E um relatório do FBI que nunca chegou a Bush alertava que bin Laden poderia estar a enviar operacionais para escolas de aviação na América para treinarem para ataques terroristas.

De facto, em meados de agosto, um deles, agora suspeito de ser o pretendido vigésimo operacional do desvio, foi detido. Mas o FBI não conseguiu encontrar a pista crucial que estava no seu computador portátil — um nome que poderia ter levado ao líder do ataque de 11 de setembro, Mohammed Atta.

E a 10 de setembro de 2001, a Agência de Segurança Nacional intercetou uma mensagem em árabe: "Amanhã é a hora zero." Mas a comunicação crítica só foi traduzida a 12 de setembro.

Eu sabia que não valia a pena, nas semanas frenéticas após o 11 de setembro, tentar chegar ao Presidente. Mas a 1 de outubro, enviei uma nova carta a Bush, tanto através do seu Chefe de Gabinete, Card, como da sua Assessora de Segurança Nacional, Rice.

Disse a ambos a mesma coisa: "Se relerem a minha carta à luz do 11 de setembro, creio que a entregarão agora ao Presidente. Se ele ler a minha carta, acho que desejará reunir-se comigo.

"Podem dizer ao Presidente que o ataque a Nova Iorque, que vi acontecer com os meus próprios olhos, estava codificado na Bíblia há 3000 anos."

A minha carta de 1 de outubro ao Presidente Bush afirmava: "Não sou religioso, pelo que não sei explicar como o futuro pode ser conhecido, ou por que razão está codificado na Bíblia.

"Mas 'Torres Gémeas' está codificado com 'avião', e 'fará com que caiam' aparece no mesmo lugar. 'Pentágono' está codificado com 'danificado'. 'Bin Laden' está codificado com 'a cidade e a torre'."

Disse ao Presidente que o perigo não tinha terminado: “O código da Bíblia afirma claramente o perigo final em termos modernos — ‘holocausto atómico’ e ‘Guerra Mundial’ estão ambos codificados na Bíblia. E ambos estão codificados com o mesmo ano, 2006.”

Terminei a minha carta a Bush com um pedido de desculpas: “Lamento não o ter avisado antecipadamente dos ataques terroristas a Nova Iorque e Washington. Ambos estavam codificados na Bíblia há 3000 anos. Mas não o vimos até 11 de setembro.

“Se o código da Bíblia estiver certo, este não foi o fim do perigo, mas sim o início. Não podemos prever todos os perigos com antecedência, mas podemos prevenir aqueles que vemos.

“Pode ser importante reunirmo-nos porque é provável que o perigo derradeiro seja real — poderemos realmente enfrentar uma Guerra Mundial nuclear em cinco anos.”

“Presidente Bush” está codificado na Bíblia com “o segundo”, e nós encontrámos isso meses antes das eleições de novembro de 2000.

O código da Bíblia com 3000 anos tinha previsto com precisão o resultado de uma eleição que foi tão renhida que os votos não foram contados e o vencedor permaneceu desconhecido até que o Supremo Tribunal declarou Bush vencedor, mais de um ano mais tarde.

Na verdade, toda a disputa de cortar a respiração entre Bush e o seu rival democrata, Al Gore, estava codificada. Eu vinha a acompanhá-la no código da Bíblia antes mesmo de qualquer um dos candidatos ter sido nomeado.

Dez meses antes da eleição mais renhida da história americana, fui ver o Dr. Rips em Nashville, Tennessee, onde ele era professor visitante na Universidade de Vanderbilt. Rips disse-me que tinha dado uma palestra sobre o código da Bíblia numa sinagoga local e, em resposta a uma pergunta da assistência, tinha procurado no código por um herói local, o Vice-Presidente de Clinton, Al Gore.

Rips mostrou-me a tabela de códigos. “Al Gore” estava codificado no Génesis com “Presidente” contra probabilidades elevadas.

Disse a Rips que me parecia muito improvável que Gore fosse Presidente. Todas as sondagens davam a Bush uma grande vantagem. De facto, era pouco seguro que Gore fosse sequer o candidato democrata.

Por isso procurámos por “Presidente Bush”, que estava codificado com “Presidente” cruzando com “Presidente”.

“Isto não tem um significado claro”, disse Rips, “porque já teve um Presidente Bush.”

Depois mostrei a Rips que “Presidente Bush” também estava codificado com “o segundo”.

“O que acha que tudo isto significa?”, perguntei a Rips. “Não sei”, respondeu ele. “Talvez que tanto Gore como Bush sejam probabilidades, que ambos tenham uma oportunidade de ser Presidente.”

Ao longo dos dez meses seguintes, o Dr. Rips e eu assistimos à nomeação de Bush e Gore, e depois vimos a corrida, outrora desequilibrada, tornar-se cada vez mais renhida. Finalmente, no dia seguinte às eleições, falámos novamente.

Tinha sido uma noite louca. Primeiro Gore ligou a Bush para conceder a eleição. Depois Gore voltou a ligar a Bush para retirar a sua concessão. No final, o resultado seria decidido por algumas centenas de votos num único estado, a Florida.

“Agora sabemos por que razão o código tinha tanto Gore como Bush como probabilidades”, disse Rips.

À medida que as recontagens e as batalhas judiciais se arrastavam pelas cinco semanas seguintes, olhei novamente para o código da Bíblia em busca de alguma pista sobre o resultado final. Agora vi que, onde “Al Gore” estava codificado com “Presidente Gore”, as letras hebraicas que se seguiam ao seu nome afirmavam claramente um desfecho muito diferente: “Um juiz julgará agora, o mal ser-te-á feito.”

Duas horas antes da meia-noite de 12 de dezembro de 2000, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos roubou a eleição a Al Gore, que tinha ganho o voto popular, ao travar a recontagem da Florida. George W. Bush, com o apoio de todos os cinco juízes republicanos conservadores, foi declarado o novo Presidente dos Estados Unidos.

Nessa noite, olhei novamente para a tabela de códigos da Bíblia que originalmente previra a vitória de Bush. “Por engano, por erro” aparecia no texto claro logo acima de “Presidente Bush”.

Mas a codificação mais importante previa o momento decisivo na história mundial que o novo Presidente enfrentaria.

"G. W. Bush" estava codificado com "Presidente" onde o texto claro da Bíblia afirmava "no Fim dos Dias".

Eu sabia que o código da Bíblia alertava para bin Laden muito antes do 11 de setembro. Na primavera de 1998, quando visitei o Dr. Rips em Israel, ele mostrou-me uma tabela de códigos que acreditava revelar a verdadeira natureza de Deus — "Julgamento de Deus" estava entrelaçado com "Misericórdia de Deus".

"De acordo com o Midrash", disse Rips, "o mundo foi criado duas vezes — foi primeiro concebido do ponto de vista do julgamento absoluto, do certo e do errado. Depois Deus viu que o mundo não poderia existir desta forma, que não havia espaço para a imperfeição humana, e acrescentou a misericórdia.

"Mas não é como misturar água quente e fria e obter água morna, é como misturar fogo e neve e cada um preservar a sua existência separada. Essas podem ser as duas vertentes no código da Bíblia."

Assim que Rips me mostrou a tabela de códigos, contudo, vi outra coisa. "Bin Laden" aparecia sem intervalos, perfeitamente soletrado, cruzando com "Julgamento de Deus".

Não disse nada a Rips. Não sabia como ele iria reagir. Mas fiquei abalado. Para mim era como se, num sentido muito bíblico, bin Laden fosse o instrumento escolhido para a nossa destruição no mundo moderno, tal como outros inimigos foram um instrumento escolhido da ira de Deus nos tempos bíblicos.

Foi apenas após o 11 de setembro que mostrei a Rips o que tinha encontrado anos antes. A sua interpretação foi muito diferente. "É uma afirmação clara de que Deus julgará bin Laden", disse Rips. Ele disse-me que um amigo em Israel tinha encontrado outra codificação semelhante: "Maldito seja bin Laden, e ao Messias pertence a vingança."

Disse a Rips que acreditava que o trabalho de lidar com bin Laden dependia de nós, de pessoas reais no mundo real, independentemente do castigo derradeiro que bin Laden possa enfrentar num mundo vindouro.

Mas Rips manteve-se focado na perspetiva religiosa, que percebi ser relevante porque o terrorismo se tinha tornado uma religião, e bin Laden era o seu sumo sacerdote.

Rips mostrou-me algo novo que tinha encontrado na tabela de códigos onde o líder do ataque de 11 de setembro era nomeado. "Terrorista Atta" era cruzado no texto claro da Bíblia por "a sua alma foi cortada diante de mim, Eu sou o Senhor".

"Isso contradiz diretamente a crença de Atta e de bin Laden de que haverá uma recompensa na vida além pelos seus atos", disse Rips. "É uma afirmação bíblica clara exatamente do oposto — significa que ele será punido na sua vida além."

Rips estava a lidar com o perigo ao mesmo nível, nos mesmos termos que os terroristas. Tanto ele como eles viam tudo primariamente, até exclusivamente, em termos religiosos.

Após o 11 de setembro, o FBI encontrou um extenso diário manuscrito que Atta tinha deixado para trás, o qual tornava claro que ele acreditava estar numa missão de Deus.

Mas para mim, o código da Bíblia era apenas informação, um sistema de alerta precoce, e tudo dependia de como o utilizávamos para prevenir o pior dos perigos previstos.

O primeiro trabalho era encontrar bin Laden.

Quando os Estados Unidos lançaram o seu ataque a bin Laden e aos seus apoiantes talibãs no Afeganistão, a 7 de outubro de 2001, e a CIA disse ao Congresso que havia uma probabilidade de "cem por cento" de outro grande ataque terrorista, procurei no código da Bíblia por "bin Laden".

"Bin Laden", dizia o código, tornar-se-ia um fugitivo, movendo-se "de quartel-general em quartel-general".

"Cidade de refúgio" aparece duas vezes no texto claro da Bíblia, no mesmo lugar. O significado original destes versículos é talvez significativo. Falavam de antigas "cidades de refúgio" onde um "assassino" poderia escapar à retribuição, e afirmavam que a única forma de ele ser morto era se deixasse um refúgio. Talvez fosse assim que bin Laden seria finalmente capturado.

“Capturado” estava, de facto, codificado paralelamente a “bin Laden”, sugerindo que eventualmente ele seria encontrado.

De facto, onde “bin Laden” estava codificado com “o próximo terrorista”, o texto oculto afirmava: “ele moveu-se, e foi morto”.

Mas parecia, pelo código da Bíblia, que bin Laden não seria morto ou capturado no Afeganistão. O código parecia afirmar que ele escaparia ao ataque americano aos seus campos de treino e cavernas, e restabeleceria a sua rede de terror a partir de uma base noutro local do Médio Oriente.

O código da Bíblia nomeava um local exato. Cruzava ambas as grafias hebraicas de “bin Laden” e chamava claramente ao local o seu “quartel-general do exército”. O mesmo local estava claramente ligado a cada perigo derradeiro, incluindo “arma atómica” e “holocausto atómico”, bem como “ataque químico” e “a próxima guerra”.

O mesmo local no deserto que nunca tinha aparecido em nenhum relatório de inteligência estava também codificado contra probabilidades muito elevadas com os dois alvos mais prováveis — “Nova Iorque” e “Jerusalém”.

Entreguei a informação a funcionários de alto nível na inteligência militar tanto americana como israelita. Disse a todos que “poderia estar ligada a bin Laden, ou aos remanescentes do seu grupo, Al Qaeda”. Também lhes disse que “poderia ser a localização de armas não convencionais, talvez a origem do perigo derradeiro para Israel e para os EUA”.

Deixei claro que não havia provas concretas para apoiar o que estava codificado na Bíblia e, também, que não havia um ano claro para procurar, que nenhum ano estava claramente codificado. Como o código da Bíblia contava o futuro, eu não sabia se este era o local para onde bin Laden já tinha fugido, ou onde ele e/ou a sua rede de terror se reagrupariam mais tarde.

“Não sei se a base está ativa agora”, disse eu. “But esta pode ser a altura certa para averiguar, e é certamente melhor procurar cedo demais do que tarde demais.”

Disse aos americanos e aos israelitas mais uma coisa — cada vez que o nome desta base terrorista aparecia no código da Bíblia, era cruzado pelas palavras “arma líbia”. Parecia sugerir que a Líbia adquiriria alguma arma derradeira que seria utilizada por terroristas para atacar o Ocidente.

Vários meses mais tarde, esta reportagem foi publicada em Israel: "Os esforços da Líbia para alcançar armas nucleares preocupam cada vez mais as autoridades israelitas e americanas. A ameaça líbia foi discutida numa ronda de conversações estratégicas entre os dois países realizada na semana passada em Washington."

A reportagem no *Ha'aretz* afirmava: "Embora a Líbia não estivesse anteriormente incluída entre os países do 'eixo do mal' citados pelo Presidente dos EUA, George Bush, no início do ano, as autoridades americanas consideram-na um estado 'no limiar', que está a envidar esforços para desenvolver armas de destruição maciça."

Era o mesmo aviso que eu tinha dado a Shimon Peres cinco anos antes, quando ele era Primeiro-Ministro de Israel — de que "Líbia" estava codificado com "holocausto atómico", mas que o verdadeiro perigo era o terrorismo nuclear.

Poucos dias depois, num discurso em Jerusalém, Peres declarou publicamente o aviso, sem mencionar o código da Bíblia. O maior perigo que o mundo enfrentava, disse Peres, era o de as armas nucleares "caírem nas mãos de países irresponsáveis e serem carregadas aos ombros de fanáticos".

Agora, o código tinha-nos dado os nomes dos fanáticos, Osama bin Laden e a sua rede terrorista Al Qaeda. E eu esperava que ele revelasse exatamente onde podiam ser encontrados.

Em maio de 2001, à medida que a violência no Médio Oriente espiralava fora de controlo, enviei uma carta ao Secretário de Estado Colin Powell, para a sua casa na Virgínia.

Hesitei em contactar Powell em casa, mas queria apanhá-lo antes que ele partisse numa viagem diplomática pela Europa, por entre rumores de que também se iria reunir pela primeira vez com o líder palestiniano Yasir Arafat.

Caças F-16 israelitas tinham acabado de atacar a Cisjordânia e Gaza pela primeira vez desde a Guerra dos Seis Dias de 1967, em retaliação por um atentado suicida. Cada instinto dizia-me que algo terrível estava prestes a acontecer e que a minha melhor oportunidade de chegar a Powell era agora, num momento de crise, logo após me ter reunido com Arafat e Peres.

A minha carta de 19 de maio a Powell afirmava: “Acabo de regressar do Médio Oriente, onde me reuni com Yasir Arafat e Shimon Peres. Espero ver o Primeiro-Ministro Sharon.

“Pode haver uma oportunidade para um avanço, uma nova forma de os aproximar para conversações de paz. Foi por isso que enviei esta carta para sua casa. Normalmente passaria pelos canais oficiais, mas vi hoje no *New York Times* uma reportagem que dizia que o senhor afirmou: ‘se houvesse alguma solução que eu pudesse apresentar, qualquer conferência ou reunião que pudesse ser realizada imediatamente, eu saltaria para ela.’ Pode haver uma solução assim, pelo menos uma nova abertura.

“Arafat acredita em profecias. Passei mais de uma hora com ele a discutir previsões encontradas na Bíblia. No final, ele parecia convencido de que as suas únicas duas alternativas são a paz ou a aniquilação.

“Ninguém tentou chegar até ele a esse nível antes, e isso pode ser a chave.”

Falei a Powell sobre o código oculto na Bíblia que parecia revelar o futuro. Esperava que isto pudesse chegar até ele porque tinha visto na sua autobiografia que ele era um homem religioso, que outrora tinha ensinado na escola dominical, que acreditava na “religião dos velhos tempos”.

Por isso, disse a Powell o que tinha dito a Bush: “O código da Bíblia avisa que poderemos enfrentar uma Guerra Mundial nuclear, com início no Médio Oriente.

“Mesmo que não consiga acreditar que existe um código na Bíblia que prevê o futuro”, escrevi a Powell, “pode ainda assim ser importante reunirmo-nos, porque Arafat claramente acredita.

“Quando Sharon também aceitar que a verdadeira escolha é a paz ou a aniquilação, então poderá haver paz”, continuei. “Mas não importa se Sharon é convencido por relatórios de inteligência ou por profecias — desde que ele compreenda que o que está em jogo é a sobrevivência.”

No final, Powell regressou aos Estados Unidos sem ver Arafat e nunca respondeu à minha carta. Mas, no espaço de um mês, Bush enviou-o de volta para tentar obter um cessar-fogo entre Arafat e Sharon.

Esse esforço fracassado estava destinado a continuar pelo ano seguinte e além, mas sem sucesso.

Mas no código da Bíblia parecia haver alguma esperança. “C. Powell” estava codificado com “chefe da cimeira”, sugerindo que o Secretário de Estado poderia ainda aproximar os dois lados.

Mas no mesmo lugar onde “Powell” estava codificado, o perigo também estava claramente declarado, nas mesmas palavras que cruzavam com “G. W. Bush” — “no Fim dos Dias”.

À medida que a contagem decrescente para 2006 continuava, preocupava-me não ser capaz de chegar ao Presidente, embora ele visse a sua guerra contra o terrorismo como uma cruzada religiosa.

O código da Bíblia parecia alertar que a guerra contra o terrorismo que Bush tinha declarado, a guerra que já tinha sido travada no Afeganistão, mas que agora parecia vacilar, com bin Laden ainda à solta, poderia ter um fim terrível.

“Guerra de Bush” estava codificado na Bíblia com o aviso derradeiro — “o mal que vos sucederá no Fim dos Dias”.

As palavras no texto claro que cruzavam com “guerra de Bush” tornavam claro que o perigo era global: “As nações debaixo de todo o Céu.”

“O próximo terrorista” estava codificado com o perigo que todos agora mais temiam, “atómico”.

“O próximo ataque terrorista” estava codificado com “bin Laden”, e a única cidade no mundo que estava também codificada tanto com “holocausto atómico” como com “Guerra Mundial” — “Jerusalém”.

Mas o código da Bíblia alertava que o impacto seria global. “Guerra Mundial” estava codificado com “terrorismo” e a palavra árabe para “bombista suicida” — “Shahid” — aparecia exatamente no mesmo lugar.

Receei que a soma de todos os avisos no código da Bíblia fosse esta — que o mundo estaria num estado perpétuo de guerra pelos cinco anos seguintes, não uma guerra convencional, mas uma série crescente de ataques por terroristas utilizando armas de destruição maciça, e contra-ataques pelo mundo ocidental.

Seria a guerra que ninguém queria admitir, uma guerra entre nós e o Islão militante, uma guerra entre a civilização ocidental e os fanáticos religiosos que a queriam destruir.

A batalha já tinha começado. Tudo o que eu tinha tentado alertar, tudo o que tinha visto codificado na Bíblia, estava prestes a tornar-se a nossa realidade. E eu não tinha a certeza do que fazer.

Todos os avisos no código da Bíblia que tinham parecido tão apocalíticos quando os tornei públicos pela primeira vez, cinco anos antes, mesmo quando contactei o Presidente Bush pela primeira vez, um mês antes do 11 de setembro, eram agora senso comum, realidade aceite, até uma inevitabilidade que os nossos líderes agora temiam não conseguir evitar.

Todos os principais membros do Gabinete de Bush e o próprio Presidente disseram que um novo ataque terrorista, mesmo um ato de terrorismo nuclear, era quase certo.

"A perspetiva de outro ataque contra os Estados Unidos é muito, muito real", disse o Vice-Presidente Dick Cheney. "Não é uma questão de se, mas de quando."

O Secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, disse a um comité do Senado que os terroristas obteriam armas de destruição maciça: "Eles têm armas químicas, armas biológicas, alguns em breve terão armas nucleares.

"Eles inevitavelmente vão deitar-lhes as mãos e não hesitariam um minuto em usá-las", disse Rumsfeld.

"Enfrentamos de facto ameaças terroristas adicionais", acrescentou ele. "A questão não é se, mas quando, e onde, e como."

"É inevitável", disse o Diretor do FBI, Robert Mueller. "Haverá outro ataque. Não seremos capazes de o parar. Quem me dera poder ser mais otimista."

Antes, o problema tinha sido sempre convencer os líderes mundiais de que os perigos derradeiros codificados na Bíblia poderiam ser reais. Agora, o problema era convencê-los de que os perigos derradeiros poderiam ser evitados se os avisos no código fossem atendidos.

CAPÍTULO DOZE

A JORNADA DO HERÓI

Nalgumas manhãs, ao acordar com as notícias de novas ameaças terroristas, a minha busca pela chave do código parecia um sonho.

Diante de bin Laden, com a memória do 11 de setembro ainda gravada na minha mente, com a terrível certeza de que nem Nova Iorque nem o mundo tinham visto o fim daquilo, a minha aventura no deserto parecia irrelevante.

Mas eu tinha o instinto de que ela era a solução, talvez a única solução. Precisávamos de um milagre, de uma resposta para um perigo que existia à escala do horror mítico.

Talvez exigisse um ato mítico:

"Um herói aventura-se fora do mundo do dia a dia para uma região de prodígio sobrenatural: forças fabulosas são ali encontradas e uma vitória decisiva é alcançada: o herói regressa desta misteriosa aventura com o poder de conceder dádivas aos seus semelhantes."

Essa é a clássica "Jornada do Herói". A mesma aventura era contada em todas as culturas antigas. Era tão básica que Joseph Campbell lhe deu o título de *O Herói com Mil Faces*.

É a história de Prometeu a subir ao Céu para roubar o fogo aos deuses e o conceder ao homem. É a história de Jasão a fazer-se ao mar para capturar o Velo de Ouro. É, na sua forma mais antiga, a história de Gilgamesh, o lendário rei sumério que, há 6000 anos, lutou até ao mar que rodeia o mundo, mergulhou até ao fundo e colheu a planta da imortalidade.

Mas, inevitavelmente, o poder de outro mundo tão nobremente conquistado é perdido quando o herói regressa a este mundo. É roubado, desintegra-se ou simplesmente desaparece.

E a moral da história é sempre a mesma — a de que a verdadeira recompensa não é o grande prémio procurado, mas a própria jornada. Como Campbell escreveu: "Os poderes divinos procurados e perigosamente conquistados revelam ter estado dentro do coração do herói o tempo todo." A jornada, a aventura, foi apenas o seu caminho para a descoberta daquilo que já estava lá dentro.

Às vezes, enquanto procurava a "chave do código", os "obeliscos", o talismã mágico de outro reino que revelaria o nosso passado esquecido e todo o nosso futuro, imaginava que estava na minha própria Jornada do Herói.

Mas eu não era nenhum herói. Não era nenhuma figura mitológica. Se alguma coisa, era um anti-herói, um repórter cínico que tropeçou num mistério antigo no mundo moderno.

Pode ser, como diz Campbell, que tudo o que precisamos, as respostas para todos os mistérios derradeiros, já estejam dentro de cada um de nós, que apenas precisamos de as descobrir dentro de nós mesmos.

A Bíblia diz exatamente a mesma coisa. Moisés, nas suas últimas palavras aos antigos israelitas antes de morrer, disse-o claramente: "Não está oculto de ti, nem está longe. Não está no Céu, para dizeres: Quem subirá por nós ao Céu, e no-lo trará, para que o ouçamos e o façamos? Nem está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar, e no-lo trará, para que o ouçamos e o façamos? Mas a palavra está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a fazeres."

Talvez. Talvez a jornada, a busca, fosse apenas uma forma de destrancar o segredo que reside lá dentro. Mas, conforme o leio, estas palavras famosas da Bíblia oferecem uma esperança real de que um dia encontraremos a "chave do código", desenterraremos os "obeliscos", porque eles estão aqui na Terra, perto de nós, ao nosso alcance.

Na Bíblia, onde Moisés profere as suas palavras finais — "Não está no Céu, para dizeres: Quem subirá por nós ao Céu?" —, "em Lisan" está codificado com "Mazra".

Isto não era uma afirmação metafísica de que a busca é apenas uma forma de destrancar os secretos que residem lá dentro. É uma afirmação direta de que um objeto físico jaz enterrado neste local exato.

Por mais improvável que parecesse que eu encontrasse o tesouro, sempre acreditei que o código da Bíblia queria dizer exatamente o que dizia. "Lisan" e "Mazra" eram localizações geográficas reais, o ✕ no mapa do tesouro.

O Dr. Rips concordava que "Lisan" e "Mazra" não podiam aparecer consistentemente por acaso, que não podia ser um acidente que "obeliscos" cruzasse duas vezes com "chave do código". Mas, como sempre, ele não adivinhava que significado isso teria no mundo real.

"Nada seria mais entusiasmante do que encontrar vestígios materiais, objetos antigos, levado até lá apenas pelo código da Bíblia", disse Rips. "Mas apenas posso observar a consistência, apenas posso dizer que

matematicamente está muito além do acaso. Não posso dizer que isso signifique que os obeliscos realmente existam."

Mas não importava o quão improvável parecesse que um repórter terra-a-terra tropeçasse em algum segredo derradeiro, eu acreditava que algo extraordinário — não deste mundo, mas neste mundo — seria encontrado enterrado sob aquela península estéril. Poderia até travar a contagem decrescente para o Armagedão.

A evidência no código da Bíblia parece clara, além de qualquer dúvida. É declarada pelo adivinho mais conhecido da Bíblia, José. As suas palavras são definitivas: "Esta é a solução."

Confirma que, num tempo há muito esquecido, algo de mágico desceu à Terra, exatamente no lugar onde estou a procurar, e ali permanece para nós o encontrarmos hoje.

Oculta na história de José está a confirmação absoluta da existência da chave do código e da sua localização secreta.

Vendido como escravo pelos seus irmãos invejosos, José subiu até se tornar o governante virtual do Egito ao contar o futuro ao faraó. Previu uma fome que salvou todo o Egito da fome generalizada. O faraó fez de José o seu regente, colocou-lhe uma cadeia de ouro ao pescoço e deu a José um novo nome: "Zafenate-Paneia".

Durante milhares de anos, grandes sábios debateram o seu significado. Alguns acreditam que é uma tradução hebraica de hieróglifos egípcios e significa "revelador de segredos". Outros dizem que os pictogramas originais de aves e serpentes significam "o Deus fala e vive".

Mas, de facto, o nome tem um significado muito claro em hebraico — "Descodificador do Código".

Assim, a existência do código da Bíblia, o código que conta o futuro, é na verdade revelada nas palavras originais da Bíblia.

E codificado cruzando com "Descodificador do Código", eu via agora o próprio objeto da minha busca — "Chave". Aparecia com "aço no cabo".

"Esta é a solução", diz José quando revela o futuro por duas vezes. E em ambas as vezes, ali mesmo, a localização da chave do código é revelada — "Lisan".

“Esta é a solução.” É como se o antigo profeta estivesse a revelar da forma mais direta possível exatamente onde procurar a “chave” que iria “descodificar o código” — na península que se projetava no Mar Morto, “Lisan”.

“Código de Deus” está codificado onde “Lisan” cruza com “esta é a solução”. Não poderia ser mais claro. Outra matriz de código afirmava “ele encontrou o lugar exato, Mazra”, e isso também aparecia com “Lisan” e com “esta é a solução”.

Na história do antigo adivinho, eu tinha encontrado a confirmação oculta de cada detalhe essencial da minha busca.

“Arca de aço”, “arca de ferro”, “ADN no obelisco”, “Criação do Homem” e “Código de Deus” estão todos codificados com as palavras de José: “Esta é a solução”, e o nome da localização, “Lisan”.

A “chave” que é o “descodificador do código” seria encontrada num qualquer recipiente de metal e revelar-nos-ia tanto o código da Bíblia como o código da vida.

A prova não está apenas na Torah, mas também nos livros posteriores da Bíblia.

“Chave do código” está codificado em Job, com um texto oculto que afirma “no apêndice em forma de chicote de Lisan”.

Mais uma vez, é uma afirmação absolutamente precisa da localização, a ponta de terra que se projeta no Mar Morto a partir da extremidade norte da península, formando a Baía de Mazra.

“Ele encontrou o lugar exato, Lisan” está codificado em Josué, onde um versículo no texto claro descreve a mesma localização: “Lisan, língua de mar, até à extremidade.”

Há um mapa do tesouro codificado na Bíblia. Confirma que estamos a procurar no lugar certo. Afirma que o objeto ainda existe hoje.

Se conseguirmos encontrar a chave do código, se conseguirmos encontrar os obeliscos, poderemos até encontrar a identidade do Codificador.

Quem é o Codificador?

O cientista que descobriu o código, o Dr. Rips, já tinha a sua resposta. O código, tal como a própria Bíblia, veio de Deus.

"Vem de uma inteligência que não é apenas superior, mas diferente", disse Rips. "Vê através do tempo, existe através do tempo. Tudo o que pensamos e fazemos foi antecipado."

Mas eu não presumo que o Codificador seja o Criador. Para mim, a existência do código não prova a existência de Deus — apenas prova a existência do Codificador.

Há uma sugestão persistente no código de que o Codificador, de alguma forma, ainda está vivo. De facto, a própria palavra "Codificador" em hebraico também significa "ele está a codificar".

Perguntei ao Dr. Rips se o código da Bíblia poderia ser um diálogo contínuo com a humanidade. Seria possível que a Bíblia estivesse a ser codificada em tempo real — que estivéssemos a obter respostas para as nossas perguntas no momento em que as fazíamos, não de uma inteligência que existiu há muito tempo, mas agora mesmo?

"Consigo imaginar uma inteligência que existe através do tempo, para quem o passado, o presente e o futuro são um só", disse Rips. "De modo que, embora o senhor esteja a fazer as perguntas 'agora', e a Bíblia tenha sido codificada no 'passado' distante, do ponto de vista do Codificador, está tudo a acontecer ao mesmo tempo — incluindo o 'futuro' que ele está a revelar através do código."

Não é apenas Rips, um homem religioso que acredita num Deus eterno, que consegue imaginar tal anomalia. É também o que Einstein disse: "A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, por mais persistente que seja."

Mas para mim ainda não era a resposta completa. Eu não queria um conceito metafísico. Queria provas concretas.

Teria o código da Bíblia vindo de um homem, de um deus ou de um extraterrestre?

O texto claro da Bíblia dá-nos apenas uma pista. Os termos originais dizem muito claramente que Deus desceu ao Monte Sinai e deu a Bíblia a Moisés.

"Códigos de Moisés" aparece no texto oculto com "Codificador" contra as probabilidades mais elevadas.

"Códigos de Moisés" aparece novamente cruzado por "chave" e "recipiente de ferro".

Dado que, de acordo com a Bíblia, Moisés realmente escreveu as palavras da Bíblia original, é inevitável que ele, pelo menos sem o saber, também tenha inscrito o código. No entanto, como Moisés era humano, ele não poderia ter criado o código, porque não conseguia ver o futuro.

O meu palpite é o de que tanto a Bíblia como o seu código são uma forma de informação que nem sequer conseguimos imaginar.

As palavras foram primeiro escritas em peles de animais e esculpidas em rochas, mais tarde inscritas em pergaminhos de couro e encadernadas em livros.

Mas a Bíblia foi sempre também um programa de computador, senão não poderia ser um agora.

Que outra forma de informação poderia ela também ser? Algo que não conseguiríamos imaginar, tal como os nómadas do deserto não conseguiriam imaginar un programa de computador há 3000 anos, uma forma de informação para a qual ainda não temos tecnologia para decifrar, algo que os nossos descendentes descobrirão daqui a 3000 anos.

Stanley Kubrick comparou-o ao monólito negro no seu filme *2001*, a misteriosa fonte de conhecimento que parecia reaparecer em fases sucessivas da evolução humana, cada vez que estávamos prontos para ser levados para um nível superior.

"Máquina do tempo" está codificado na Bíblia. "Virá em todos os tempos" cruzava com "máquina do tempo" no texto oculto. Parecia uma promessa de eterno retorno. Mas em hebraico as mesmas palavras também significam "poderá vir a qualquer momento". Isso parecia mais um alerta de que a próxima visita poderia ser iminente.

"É uma expressão perfeita do que eu estava a dizer sobre o código", disse Rips. "Do ponto de vista do código, ou do Codificador, não há diferença real entre o agora e qualquer outro momento."

Talvez tanto Rips como eu tivéssemos razão. Talvez o código tenha vindo de alguma inteligência que existia através do tempo, mas a "chave do

código" era um objeto físico que foi trazido para a Terra por um ser físico, um viajante do tempo.

Alguns cientistas importantes, incluindo o físico de topo no mundo atual, Stephen Hawking, acreditam que as pessoas poderão um dia ser capazes de viajar no tempo.

"A viagem no tempo", disse Hawking, "poderá estar dentro das nossas capacidades no futuro."

Qualquer forma avançada de viagem espacial, qualquer jornada entre estrelas ou galáxias, envolveria distâncias tão grandes que exigiria que nos movêssemos mais depressa do que a luz. Para fazer isso, teríamos de deformar o espaço-tempo.

Segundo a maioria dos físicos, isso significaria automaticamente que viajaríamos tanto no tempo como no espaço, especificamente que andaríamos para trás no tempo. Terá algum antigo astronauta vindo para a Terra há muito tempo, não apenas de outro lugar, mas de outro tempo?

A minha verdadeira busca foi sempre identificar o Codificador.

Desde que soube que existia um código na Bíblia que contava o futuro, tinha de saber de quem vinha.

A existência do código da Bíblia é a primeira prova científica que alguma vez tivemos de que não estamos sós, dado que nenhum homem consegue ver através do tempo.

O Codificador permanece por identificar. Mas ele pode estar a guiar-nos até ele, um passo de cada vez.

Talvez a minha busca pela chave do código fosse apenas uma jornada que me revelou níveis de realidade que de outra forma eu nunca teria reconhecido, que me levou a fazer as perguntas cósmicas levantadas pela própria existência do código da Bíblia, e talvez até me tenha levado a tropeçar na origem da vida.

Mas continuo certo de que encontrarei a chave do código, os obeliscos, e talvez até veja o rosto do Codificador.

"Não tenho dúvidas de que, por trás de todas as tabelas de códigos que está a encontrar, existe alguma realidade", disse Rips. "Mas não posso dizer se é uma realidade física ou uma realidade metafísica."

Era a pergunta que eu há muito vinha a fazer a mim próprio. Pertenceria a chave do código a este mundo ou a algum outro reino?

"Se for metafísica, é mais real, mais próxima da fonte última de toda a realidade", disse Rips. "Mas talvez o que procura só possa ser visto com ferramentas espirituais, porque exige o contacto com outro reino."

Perguntei a Rips por que razão o código da Bíblia apresentaria de forma consistente e intencional informação falsa, guiando-me para um local onde nada existe.

"Não é falsa, apenas existe noutro nível", disse Rips. O seu conselho foi prático. Ele concordou com o meu instinto básico de que "Lisan" significava Lisan, "Mazra" significava Mazra, que o "obelisco" era um objeto físico, no qual estava codificada a "chave".

"Um magnetómetro, radar de baixa frequência, a tecnologia que realmente existe, isto é obviamente a primeira coisa a tentar", disse Rips. "Mas o senhor pode estar de pé exatamente no lugar certo e, ainda assim, não o ver, porque as ferramentas que temos agora não conseguem ver o objeto sob os seus pés."

A verdadeira questão poderá ser não se o código da Bíblia está certo ou mesmo se o interpretámos corretamente, mas se a nossa tecnologia é avançada o suficiente para encontrar o que lá está. A chave do código pode estar tão além do nosso alcance agora como o próprio código da Bíblia estava para aqueles que o receberam há 3000 anos. Poderá exigir uma tecnologia ainda não inventada, uma ciência ainda não conhecida.

Não saberemos a resposta a menos que nos seja permitido escavar o que agora pode jazer enterrado no Lisan.

Encontraremos ali a primeira prova de que não estamos sós? Acabará essa revelação com o ciclo de violência sem sentido no Médio Oriente? Ou irá a guerra impedir-nos de alguma vez encontrarmos a chave do código? Encontrá-la-emos a tempo de receber o aviso de que precisamos para sobreviver?

Quem se importou connosco o suficiente para se estender através do tempo para tentar salvar-nos de algum desastre previsto?

Não é por acidente que uma inteligência capaz de ver o futuro criou um código projetado para ser encontrado neste preciso momento da história

humana. Tinha uma fechadura temporal. Não poderia ser encontrado até que o computador fosse inventado.

Só pode haver uma razão — precisamos da informação agora. "Ataque atómico" está codificado na Bíblia, com a localização della chave do código, "Lisan", e "esta é a solução".

"Ataque atómico" também está codificado com 2006, o mesmo ano que aparece com "holocausto atómico", "Guerra Mundial" e o "Fim dos Dias".

Se o código da Bíblia estiver certo, enfrentamos o horror derradeiro, não alguma epifania religiosa, mas a destruição cruel de toda a humanidade, um pesadelo de morte e destruição além da nossa imaginação, no qual todos, em toda a parte na Terra, morrerão horrivelmente.

Aqueles que rezam pelo Fim não compreendem a realidade. Aqueles que o desejam, os fanáticos religiosos que querem provocar o Apocalipse, adoram a morte. O próprio bin Laden o disse: "Os americanos amam a vida, essa é a sua fraqueza. Nós amamos a morte, essa é a nossa força."

O perigo derradeiro previsto no código da Bíblia é o de os fanáticos religiosos conseguirem armas de destruição maciça e tornarem a antiga profecia real.

A contagem decrescente já começou. A única forma de a travar pode ser encontrar a tempo o antigo aviso.

A chave que nos permitirá ver o nosso futuro como um todo pode ser a mensagem de que a humanidade precisa para acreditar e, assim, prevenir o horror que está quase sobre nós.

CAPÍTULO TREZE

CONTAGEM DECRESCENTE

O 11 de setembro de 2001 pode ser o horror que tivemos de sofrer para que o mundo atendesse ao aviso, reconhecesse o perigo total antes que fosse tarde demais — para compreender que estamos realmente, neste preciso momento, no "Fim dos Dias".

Quando falei com o Dr. Rips nos dias após o 11 de setembro, depois de ambos termos encontrado o ataque às "Torres Gémeas" perfeitamente

codificado na Bíblia, disse-lhe que até pessoas totalmente seculares, até eu, acreditavam agora que vivíamos nesse tempo derradeiro de perigo previsto por todas as três religiões ocidentais.

Olhámos novamente para a previsão mais assustadora no código da Bíblia, o único lugar na Bíblia onde "o Fim dos Dias" aparecia com "no Fim dos Dias". "Bush", "Arafat" e "Sharon" estavam todos codificados juntos no mesmo lugar. Era claramente uma afirmação do momento atual. Era claramente sobre o agora.

Era a mesma profecia que aparecia nas palavras claras tanto do Antigo como do Novo Testamento, a mesma previsão de que uma "Batalha Final" começaria no Médio Oriente e, finalmente, engoliria o mundo inteiro.

No Livro do Apocalipse, é contado desta forma: "Satanás será solto da sua prisão e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da Terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, de Deus, e os devorou."

No código da Bíblia, a mesma antiga profecia é contada em termos modernos arrepiantes: "Guerra Mundial" e "holocausto atómico" estão codificados com "Jerusalém" e com um ano, 2006.

E no código da Bíblia os nomes dos atuais líderes mundiais estão soletrados. Subitamente, pareceu muito real.

No 11 de setembro, enquanto assistia à queda das Torres do World Trade Center, recordei com um estremecimento as palavras do primeiro profeta, Isaías:

"É este o homem que fazia estremecer a terra e que fazia tremer os reinos? Que punha o mundo como um deserto, e assolava as suas cidades?"

É o primeiro relato do mito de Lúcifer, do Diabo a cair do Céu para la Terra.

Mas naquele momento, no 11 de setembro, tornou-se claro que um novo mal terrível andava à solta no mundo, que homens loucos, e não nações em guerra, podiam destruir cidades inteiras.

Sempre foi o que tornou as palavras de Isaías tão arrepiantes para mim, o facto de se descobrir que o grande mal era um mero homem. Não

alguma força com a qual não pudéssemos confrontar-nos, mas alguém como nós, alguém que poderíamos ter facilmente derrubado.

Se Hitler tivesse permanecido escondido durante toda a Segunda Guerra Mundial e só fosse descoberto no fim no seu búnquer, o choque teria sido o mesmo — "É este o homem que fazia estremecer a terra?"

Em vez de algum grande poder maligno, algum ser omnipotente, havia em vez disso este homenzinho patético, que de facto quase pôs o mundo como um deserto.

Se os acontecimentos no mundo de hoje levarem à Terceira Guerra Mundial, então certamente que, quando Osama bin Laden for arrastado para fora da sua caverna, as pessoas farão essa mesma pergunta.

Como pudemos deixar o nosso mundo ficar à mercê de um bin Laden, de um fanático religioso que usaria a tecnologia avançada de uma civilização que ele desprezava para a destruir? Como pudemos deixar este louco qualquer deitar as mãos a armas de destruição maciça?

Se nos acontecer agora, depois de os nossos olhos terem sido abertos, será porque nos recusámos a ver o perigo total do fanatismo religioso apocalítico num mundo que perdeu o controlo da sua tecnologia militar, até das suas armas nucleares.

Mas se é a tecnologia que capacita os terroristas, é a religião que os move. E se a religião é o problema, então o código da Bíblia pode ser a solução.

"Terrorismo" está entrelaçado com "paz" onde as duas expressões bíblicas do "Fim dos Dias" aparecem juntas com os nomes dos líderes de Israel, dos palestinianos e dos Estados Unidos.

Quando mostrei isso ao Dr. Rips, ele ficou muito entusiasmado e disse-me que havia um segundo significado muito importante para a palavra de raiz de "terrorismo".

"Isto é perfeito", disse Rips. "No Talmud, no Midrash, esta expressão exata aparece com o 'Fim dos Dias'. Significa 'o sofrimento do Fim dos Dias', mas também 'as dores de parto do Fim dos Dias', porque é visto como o tempo antes da vinda do Messias.

"Mas, ao mesmo tempo, é também sobre este momento em Israel, onde o esforço para fazer a paz está, tal como no código, entrelaçado com

atos de terrorismo — e talvez essas sejam ‘as dores de parto do Fim dos Dias’.”

Às vezes, isso fazia-me desesperar. O código da Bíblia parecia alertar que os maiores golpes poderiam vir depois de a paz ter sido feita, que a própria paz não era uma solução, não no Médio Oriente.

Rabin fora morto por fazer a paz com Arafat. Sadat fora morto por fazer a paz com Israel. Eu já tinha dito a Arafat que ele poderia ser morto se fizesse a paz com Sharon. E era óbvio para mim, talvez agora para o mundo, que os bin Ladens, os fanáticos religiosos que queriam uma batalha final apocalítica, nunca fariam a paz, nem permitiriam que a paz fosse feita.

Para Rips, um judeu ortodoxo, havia uma espécie de alegria em ver a sugestão de que estamos agora a viver no tempo imediatamente anterior à vinda do Messias.

No cristianismo e no Islão existe também a mesma crença básica — a de que haverá um tempo de terrível sofrimento, o reinado do anticristo, o reinado do Dajal, antes da vinda de um Salvador.

Todas as três religiões ocidentais têm a mesma visão básica do mundo e do seu Fim, exceto que cada uma nomeia uma fonte diferente de salvação Divina.

Assim, embora fosse difícil para mim compreender como o Dr. Rips, este grande cientista, este brilhante matemático que descobrira o código da Bíblia, podia acreditar no que me parecia uma fantasia tão primitiva, tinha de aceitar que a maior parte do mundo acreditava como ele, que a maioria dos líderes mundiais que eu tentava contactar aceitava o mesmo mito religioso básico do mundo ocidental.

Para mim, havia apenas o horror de que algum tempo de perigo há muito previsto estivesse mesmo sobre nós, porque eu estava certo de que nenhum salvador vinha do céu.

E, no entanto, enfrentávamos um perigo a uma escala tão grande que só era capturado pela linguagem da profecia bíblica.

Na carta selada que entreguei ao meu advogado em 1998, para ser aberta em 2002, declarei três previsões do código da Bíblia:

“(a) o mundo enfrentará um ‘colapso económico’ global a partir do ano hebraico 5762 (2002 no calendário moderno);

"(b) isto levará a um período de perigo sem precedentes, à medida que nações com armas nucleares se tornem instáveis e os terroristas possam comprar ou roubar o poder para destruir cidades inteiras;

"(c) o perigo atingirá o pico no ano hebraico 5766 (2006 no calendário moderno), o ano que está mais claramente codificado tanto com 'guerra mundial' como com 'holocausto atómico'."

A 11 de setembro de 2001, após ter assistido ao ataque às Torres do World Trade Center, recuperei a minha cópia dessa carta selada.

Dois dias mais tarde, a 13 de setembro de 2001, enviei uma nova carta a Alan Greenspan, o presidente da Reserva Federal.

A minha carta a Greenspan afirmava: "'Crise económica' e os anos hebraicos equivalentes a 1929 e 2002 estão codificados na BiHblia com 'as depressões'.

"O famoso matemático israelita que descobriu o código da Bíblia calculou as probabilidades de isto acontecer por acaso em quase 20.000 para 1.

"Encontrámos o aviso codificado pela primeira vez há anos, no auge do *boom* económico", disse eu ao único homem no mundo com a maior influência na economia global. "Estou a trazê-lo à sua atenção agora porque a crise prevista pode estar mesmo sobre nós, e os acontecimentos desta semana podem torná-la mais provável."

A minha carta chegou a Greenspan em Washington a 17 de setembro, na véspera do Ano Novo Hebraico 5762 que estava codificado com "crise económica". Nesse dia, os mercados de ações reabriram pela primeira vez desde 11 de setembro, e o Dow Jones caiu 684 pontos, a sua maior perda na história, iniciando uma semana que assistiu ao pior crash da bolsa desde 1929, desde a Grande Depressão.

Dois meses mais tarde, o governo tornou-o oficial. Estávamos numa "recessão". O *New York Times* noticiou-o: "A debilitada economia dos EUA escorregou para uma recessão, quebrando uma expansão recorde de 10 anos." Na verdade, afirmava o *Times*, o mundo inteiro sofria a sua primeira recessão em duas décadas.

Por um tempo, pareceu que o mundo conseguiria voltar a erguer-se. Mas pelo verão de 2002, o pior mercado de baixa de uma geração enviou

todos os principais índices de ações de volta para baixo das profundezas que tinham atingido logo após o 11 de setembro.

O Dow caiu muito abaixo dos 8000, perdendo 1500 pontos nos dez dias que se seguiram à visita do Presidente a Wall Street, o índice Standard & Poor's caiu abaixo dos 800 pela primeira vez em cinco anos, o Nasdaq perdeu 75 por cento do seu valor, e todo o mercado perdeu mais de 7 biliões de dólares em apenas dois anos.

O mercado de ações terminou o ano hebraico 5762 na sexta-feira, 6 de setembro de 2002, com perdas em seis dos últimos oito dias de negociação, e em cada um dos últimos cinco meses. Era a primeira vez que o Dow registava quedas durante cinco meses seguidos desde a recessão de 1981. O *Times* noticiou que "parece agora provável que caia durante três anos consecutivos, o período mais longo desde a Depressão".

A primeira previsão do código da Bíblia já se tinha cumprido. Uma "crise económica" tinha "começado" no ano hebraico 5762. A única questão era quão profunda a "crise económica" se poderia tornar, se a "recessão" de 2002 se tornaria uma verdadeira "depressão" nos anos que se seguiriam.

O meu medo não era o de enfrentarmos tempos difíceis. Poderíamos superar isso. Já tínhamos superado antes. O meu medo era o de que as duas previsões seguintes do código da Bíblia também se realizassem. O meu medo era o de que, se o código previra uma "crise económica" a começar em 2002 com quatro anos de antecedência, também poderia estar certo ao prever que enfrentaríamos o "Fim dos Dias" em 2006.

Em todo o caso, era óbvio desde o 11 de setembro que o mundo se encontrava num perigo sem precedentes.

No verão de 2002, com a economia em queda livre, com o Médio Oriente em estado de quase guerra e com bin Laden ainda à solta, pesquisei no código da Bíblia, certo de que os verdadeiros perigos ainda estavam por vir.

"Ataque atómico" estava codificado com "míssil".

"Ataque químico" também estava codificado com "míssil".

Os dois alvos imediatos mais prováveis pareciam ser "Nova Iorque" e "Jerusalém".

O código da Bíblia parecia afirmar que o grande ataque a Nova Iorque poderia ainda vir a acontecer. “Míssil” e “guiado” estavam ambos codificados com “Nova Iorque”, sugerindo que o ataque às Torres do World Trade Center fora o primeiro tiro numa guerra terrorista, mas não o pior, nem o último.

Dois anos estão mais claramente codificados com “Nova Iorque”: “Em 5761” (2001), o ano do ataque de 11 de setembro, e “em 5764” (2004). O ano 2004 é cruzado pelas palavras “do fogo de um míssil”.

“Jerusalém” está codificado tanto com “holocausto atómico” como com “Guerra Mundial”. Também aparece com “bin Laden”.

O código da Bíblia sugere claramente que o mundo enfrentará o terror numa escala completamente diferente daquela que já experimentou, acontecimentos que farão dos atentados suicidas em Israel, e até do ataque às Torres Gémeas em Nova Iorque, apenas os tiros de abertura numa longa guerra que primeiro visará cidades inteiras e, finalmente, ameaçará toda a civilização humana.

Será uma guerra inteiramente diferente de qualquer outra alguma vez travada. Não será sobre a conquista de terras ou a captura de recursos, mas sobre o assassinato de “infiéis” por homens que acreditam estar numa missão de Deus, que estão a cumprir uma ordem sagrada para trazer este mundo a um Fim.

A Jihad continuará com ou sem bin Laden. O código da Bíblia afirma claramente que a sua rede terrorista Al Qaeda continuará “depois de bin Laden”.

O “terrorismo” será coordenado a partir de um quartel-general secreto no Médio Oriente, “no Fim dos Dias”.

Parecia que a única forma de travar os atos derradeiros de terrorismo seria travá-los na sua origem.

Eu só podia esperar que o código da Bíblia nomeasse com precisão a base terrorista oculta. Eu já tinha dado a localização à inteligência israelita e americana. Os fanáticos e o seu depósito de armas químicas, biológicas e nucleares tinham de ser encontrados antes que pudessem desencadear uma série de pragas bíblicas sobre o mundo.

“Praga” é o único perigo mais claramente codificado com o “Fim dos Dias”.

Quando o Primeiro-Ministro de Israel perguntou aos seus conselheiros de segurança qual o maior perigo que Israel enfrentava, eles disseram a varíola.

A varíola, entre todas as armas biológicas, é o pesadelo de todos. A doença matou centenas de milhões de pessoas, mais do que todas as guerras combinadas, antes de ser erradicada em 1980.

Mas o facto de já não existir no nosso planeta apenas torna toda a gente no mundo mais vulnerável se ela reaparecer subitamente. Ninguém está imune.

Um terço de todas as suas vítimas morre, e até os sobreviventes sofrem efeitos horríveis. É altamente infeciosa. Transmite-se pelo ar. Propaga-se de pessoa para pessoa. Não poderia ser contida. Espalhar-se-ia pelo mundo como o fogo por uma floresta seca.

Apenas se sabe que a Rússia e os Estados Unidos mantêm amostras de varíola rigidamente guardadas nos seus laboratórios de guerra bacteriológica — mas outros países, incluindo o Iraque e a Líbia, podem ter obtido secretamente o vírus.

"Nova Iorque", "Jerusalém" e "Tel Aviv" estão todos codificados com "varíola".

Os Estados Unidos encomendaram a vacinação de meio milhão de profissionais de saúde, a linha da frente em qualquer ataque bioterrorista. Israel armazenou vacina contra a varíola suficiente para toda a sua população.

Israel focou-se pela primeira vez na ameaça da varíola como arma na altura da Guerra do Golfo, há mais de dez anos. Mas, de acordo com o seu cientista militar chefe, General Isaac Ben-Israel, todos concluíram que nem mesmo Saddam Hussein seria tão louco ao ponto de libertar a varíola. Se Israel fosse atacado, seria o mesmo que atacar os palestinianos, a Jordânia, o Líbano, a Síria, o Egito, finalmente todo o Médio Oriente, incluindo o Iraque.

"Por isso, concluímos que não havia perigo imediato", disse Ben-Israel. "Mas agora há Osama bin Laden."

Um único "portador suicida" a embarcar num avião em Carachi ou Cabul poderia voar para Nova Iorque ou Tel Aviv e dar início a uma praga que poderia matar um terço da população mundial.

Era óbvio que tínhamos atingido um momento crítico na história humana, em que as armas que tínhamos construído tinham escapado ao nosso controlo e em breve estariam, se é que já não estavam, nas mãos de estados pária e de loucos quaisquer.

Era por isso que o "Fim dos Dias" parecia tão real para mim agora mesmo. Era o que eu vinha a alertar os líderes mundiais há anos.

"Se o código da Bíblia estiver certo, os terroristas nucleares poderão desencadear a próxima Guerra Mundial", escrevi há cinco anos no meu primeiro livro de previsões do código. "Em vez de uma guerra nuclear entre superpotências, o mundo pode agora enfrentar uma nova ameaça — terroristas armados com armas nucleares.

"A Segunda Guerra Mundial terminou com uma bomba atómica. A Terceira Guerra Mundial poderá começar dessa forma."

Os sinais de aviso andavam por aí, até de forma flagrantemente óbvia, há mais de dez anos, desde o colapso da União Soviética. Como um relatório do Senado na altura observou: "Nunca antes um império se desintegrou estando na posse de 30.000 armas nucleares."

Chamando à antiga União Soviética um "vasto supermercado potencial de armas químicas, biológicas e nucleares", o relatório do Senado alertava para o facto de que "a probabilidade de uma, duas ou uma dúzia de armas de destruição maciça detonarem na Rússia, ou na Europa, ou no Médio Oriente, ou até nos Estados Unidos, aumentou".

Armas que outrora estavam disponíveis apenas para um punhado de superpotências estavam subitamente no mercado negro, disponíveis para qualquer pessoa que pudesse pagar o preço, e nós não tínhamos feito quase nada para impedir essa liquidação.

De facto, num dos seus primeiros atos após assumir o cargo, o Presidente Bush cortou 100 milhões de dólares do programa que Clinton criara para comprar armas e material nuclear russos, e o Congresso recusou-se a aprovar pagamentos a cientistas militares soviéticos desempregados.

Agora, países instáveis do terceiro mundo como o Paquistão têm armas nucleares, as quais poderiam cair nas mãos de extremistas islâmicos amanhã, e em breve nações pária como o Iraque, o Irão e a Líbia irão comprar ou fabricar os seus próprios arsenais nucleares.

Sabe-se que bin Laden tentou adquirir armas nucleares, e é possível que a Al Qaeda tenha conseguido construir uma "bomba suja", não uma arma nuclear, mas uma bomba convencional misturada com material radioativo que poderia tornar qualquer grande cidade inabitável.

Até há pouco tempo, fingíamos que o pesadelo nunca poderia realmente acontecer. Nas palavras de uma reportagem do *New York Times*: "A melhor razão para pensar que um ataque terrorista nuclear não vai acontecer é o facto de ainda não ter acontecido, e isso é uma lógica terrível."

Como afirmava a manchete arrepiante na peça do *Times* de maio de 2002, da autoria do editor sénior Bill Keller, "MAIS TARDE OU MAIS CEDO, UM ATAQUE VAI ACONTECER AQUI".

Foi um momento divisor de águas no jornalismo americano, embora a peça tenha surgido dez anos demasiado tarde, dez anos após o perigo dever ter sido totalmente aparente. Mas no mundo pós-11 de setembro, o *Times*, o jornal de referência, finalmente declarou o óbvio: "Tudo o que o 11 de setembro fez foi transformar uma possibilidade teórica num perigo sentido."

Dava um exemplo, um modelo de computador do que aconteceria se um dispositivo nuclear de 1 quiloton fosse explodido em Times Square. Não uma ogiva de 500 quilotons, mas uma mina terrestre nuclear que poderia ser carregada às costas de um único homem.

Um homem com uma arma numa mochila poderia destruir o centro de qualquer cidade. Se acontecesse em Nova Iorque, este seria o horror:

Vinte mil pessoas morreriam numa questão de segundos. Por mais de quatrocentos metros além do ponto zero, qualquer pessoa exposta à bola de fogo morreria de uma morte cruel no espaço de um dia. Um quarto de milhão de pessoas vive nesse raio. Uma nuvem de cogumelo subiria a mais de três quilómetros no ar, e depois a chuva radioativa letal começaria a descer de volta à Terra, espalhando-se até dezasseis quilómetros.

Se, em vez disso, uma bomba de 1 megaton fosse largada em Nova Iorque, achataria todos os edifícios em Manhattan. De acordo com Jonathan Schell, no seu livro definitivo *O Destino da Terra*: "O colapso físico da cidade mataria certamente milhões de pessoas. A uma distância de 3 quilómetros do ponto zero, os ventos atingiriam 640 quilómetros por hora. A bola de fogo cresceria até ter mais de um quilómetro e meio de

largura e subiria em flecha, até uma altura de mais de dez quilómetros. Durante dez segundos, grelharia a cidade abaixo.

Em breve, nuvens enormes e espessas de poeira e fumo envolveriam o cenário e, à medida que a nuvem de cogumelo corria por cima (teria um diâmetro de cerca de 19 quilómetros), a luz do sol seria ocultada e o dia transformar-se-ia em noite."

Considera-se mais provável que, se Nova Iorque fosse atingida, seria com uma bomba de 20 megatons: "A bola de fogo teria cerca de sete quilómetros de diâmetro. Pessoas apanhadas ao ar livre a trinta e sete quilómetros de distância do ponto zero morreriam queimadas. A cidade de Nova Iorque e os seus subúrbios seriam transformados num deserto achatado e fustigado pelo fogo em poucos segundos."

Mas o mais provável é que os terroristas nucleares detonassem uma bomba no solo. Novamente, de Jonathan Schell: "Se uma bomba de 20 megatons explodisse ao nível do solo, a bola de fogo teria quase dez quilómetros de diâmetro, e todos os que estivessem dentro dela seriam mortos instantaneamente, com a maioria deles a desaparecer fisicamente. A cidade de Nova Iorque e a sua população, agora poeira radioativa, subiriam numa nuvem de cogumelo."

Receio que uma manhã acordemos com a notícia de que uma cidade inteira foi destruída — não dois grandes edifícios, mas uma cidade inteira — que Nova Iorque, ou Tel Aviv, ou Jerusalém simplesmente já não existem.

O 11 de setembro tornar-se-ia subitamente uma memória distante. O acontecimento que mudou o mundo seria esquecido quando o mundo mudasse novamente.

Já estamos a viver nesse novo mundo, em negação, mas à espera que aconteça.

"O Presidente Bush diz que o ataque de 11 de setembro contra os Estados Unidos marca um novo tipo de guerra", escreveu o especialista em terrorismo Robert Wright no *Times*, duas semanas após o 11 de setembro. "Há um sentido em que isso é verdade, mas o que é arrepiante é o sentido em que não é. Os terroristas não usaram armas biológicas ou nucleares, e da próxima vez poderiam perfeitamente fazê-lo. Um futuro ataque inimigo poderia matar não 6.000 pessoas em solo americano, mas 600.000."

O aviso no código da Bíblia, o aviso derradeiro do "Fim dos Dias", não foi codificado para nos preparar para o 11 de setembro. Os acontecimentos do 11 de setembro podem ter acontecido para nos preparar para o "Fim dos Dias".

Quanto mais de perto olhávamos para os avisos no código da Bíblia, mais claro se tornava que o perigo derradeiro se centrava em 2006. Esse é o ano mais claramente codificado com "Holocausto Atómico" e "Guerra Mundial", e também com o "Fim dos Dias".

Se a contagem decrescente começou a 11 de setembro de 2001, então temos cinco anos a contar a partir dessa data para encontrar uma forma de sobreviver.

Olhe novamente para o que está codificado na Bíblia: "Holocausto Atómico" com "em 5766", o ano 2006.

"Guerra Mundial" também está codificado com "em 5766", novamente 2006.

Oiça novamente o que o cientista que descobriu o código da Bíblia, o Dr. Rips, declarou sobre as probabilidades matemáticas de "Holocausto Atómico", "Guerra Mundial" e o "Fim dos Dias" aparecerem todos com o mesmo ano, 2006 — "as probabilidades contra isto acontecer por acaso são de pelo menos 100.000 para 1".

E, no entanto, Rips oferecia esperança. Ele notou que onde o ano hebraico "em 5766" estava codificado com "no Fim dos Dias", era onde Moisés alertava para "o mal que vos sucederá no Fim dos Dias".

Ele abriu a Bíblia e leu a passagem alargada no Deuteronómio, onde Moisés proferiu as suas últimas palavras antes da sua morte e apresentou duas alternativas, o caminho do mal e o caminho da retidão.

"Não é uma previsão", disse Rips, "mas um aviso do que pode acontecer, de acordo com o que fizermos."

Sem fazer quaisquer referências bíblicas, era exatamente isso que eu tinha dito a todos os líderes mundiais. O código da Bíblia, eu dizia sempre, apresentava probabilidades, não acontecimentos determinados. O que fazíamos determinava o que realmente acontecia.

O código da Bíblia não é uma previsão de que todos morreremos em 2006. É um aviso de que poderemos todos morrer em 2006, se não mudarmos o nosso futuro.

O que fizermos aqui e agora, aqui na Terra, determinará o nosso destino.

CODA

O maior cientista que alguma vez viveu, o homem que inventou sozinho a ciência moderna, Sir Isaac Newton, tinha a certeza de que não apenas la Bíblia, mas todo o universo, era um "criptograma elaborado pelo Todo-Poderoso", um enigma que Deus fizera e que nós fomos destinados a resolver.

Dado que Newton, mais do que ninguém antes ou depois, realmente resolveu o enigma, talvez ele estivesse certo.

A ciência moderna não era suficiente. Newton percebeu que também precisávamos da sabedoria antiga para resolver os mistérios derradeiros. Antes de morrer, há trezentos anos, Newton guardou à chave milhares de documentos manuscritos. Quando o grande economista John Maynard Keynes os descobriu em Cambridge, esperava encontrar as notas de Newton sobre a gravidade e o cálculo. Em vez disso, encontrou um milhão de palavras sobre civilizações há muito desaparecidas, o código da Bíblia e o Apocalipse.

"Newton não foi o primeiro da era da razão", escreveu Keynes. "Ele foi o último dos magos, o último dos babilónios e sumérios, a última grande mente que olhou para o mundo visível e intelectual com os mesmos olhos que começaram a construir a nossa herança intelectual."

Newton teria querido ver as palavras gravadas nos obeliscos.

De uma forma mais simples e secular, foi também sempre a minha fé como repórter — todos os enigmas podem ser resolvidos.

Pareceu-me não ser por acidente que, ao mesmo tempo que estávamos a decifrar o código da Bíblia, os cientistas estivessem simultaneamente a decifrar o código genético, que a humanidade estivesse a descobrir o seu próprio mapa de ADN precisamente no momento em que estávamos

também, talvez, a decifrar uma revelação na Bíblia das nossas verdadeiras origens e do nosso destino final.

Também, ao mesmo tempo, o Telescópio Espacial Hubble enviava de volta para a Terra imagens que chegavam cada vez mais perto de capturar a luz dos primórdios do universo, do momento do teorizado *"Big Bang"*. E alguns cientistas acreditavam agora que gravadas no momento da Criação estavam algumas afirmações matemáticas, talvez apenas seis números que determinavam a forma de tudo.

Como o astrónomo britânico Sir Martin Rees declarou, estes poucos números poderiam explicar "como um único 'acontecimento de génese' criou milhares de milhões de galáxias, buracos negros, estrelas e planetas, e como os átomos foram reunidos — aqui na Terra, e talvez noutros mundos — em seres vivos complexos o suficiente para ponderar sobre as suas origens".

De alguma forma, tudo isto nos foi tornado acessível. Após apenas 6000 anos de civilização humana, estamos a aproximar-nos das respostas para os mistérios derradeiros. Mas com as respostas talvez quase ao nosso alcance, poderemos, se o código da Bíblia estiver certo, estar a enfrentar a aniquilação.

É como se alguma força do bem quisesse revelar-nos tudo, e alguma força do mal nos quisesse destruir antes de podermos alcançar o nosso destino.

Em todo o caso, parece que o objeto de que precisamos, tanto para sobreviver como para obter a perceção final, é a "chave do código" enterrada no Lisan.

NOTAS DOS CAPÍTULOS

O Dr. Rips utilizou o texto padrão da língua hebraica, conhecido como o *Textus Receptus*, no seu programa de computador do código da Bíblia, o qual é a base para a investigação do código citada neste livro. O *software* que utilizei foi desenvolvido por Rips e pelo seu programador de computadores, o Dr. Rotenberg.

Todas as Torahs — os primeiros cinco livros da Bíblia em hebraico — que existem atualmente são iguais letra por letra, e não podem ser utilizadas se apenas uma letra estiver errada.

A edição mais conhecida desse texto, *The Jerusalem Bible* (Koren Publishing Co., 1992), contém a tradução para inglês mais amplamente aceite do Antigo Testamento, e é a principal fonte de citações do texto claro neste livro.

Também consultei e por vezes utilizei uma tradução que alguns académicos preferem, do Rabino Aryeh Kaplan, *The Living Torah* (Maznaim, 1981).

As citações do Novo Testamento são principalmente da *King James Version*, embora também tenha consultado uma tradução moderna conhecida como a *New International Version*.

As declarações de Rips citadas ao longo deste livro provêm de uma série de conversas que tive com ele ao longo de cinco anos, principalmente na sua casa em Jerusalém e no seu gabinete na Universidade Hebraica, e em centenas de entrevistas telefónicas.

Muitos dos acontecimentos descritos no livro foram testemunhados por mim. Os relatos de outros acontecimentos baseiam-se em entrevistas com pessoas diretamente envolvidas ou foram confirmados por reportagens publicadas na imprensa.

Os nomes e acontecimentos codificados na Bíblia utilizam o mesmo hebraico que aparece no texto claro da Bíblia, e o mesmo hebraico utilizado pelos israelitas hoje em dia. Os nomes de pessoas e locais são retirados de fontes de referência padrão, como a *Enciclopédia Hebraica*. As grafias hebraicas para acontecimentos mais atuais são as utilizadas pelos jornais israelitas.

As traduções de todas as codificações foram confirmadas pelo autoritário dicionário hebraico-inglês de R. Alcalay (Massada, 1990) e pelo dicionário de hebraico completo padrão, A. Even-Shoshan (Kiryat-Sefer Press, 1985).

Os anos codificados na Bíblia são do antigo calendário hebraico, que começa nos tempos bíblicos, 3760 anos mais cedo do que o calendário moderno. O ano atual, 2002, é rudemente equivalente ao ano hebraico de 5762. Mas os anos hebraicos começam em setembro ou outubro, de acordo com o calendário lunar, e terminam em setembro ou outubro do ano seguinte.

Provou-se por estatística que todas as impressões do código da Bíblia apresentadas neste livro estão codificadas além do acaso. As estatísticas são

calculadas automaticamente pelo programa de computador Rips-Rotenberg. O computador pontua as correspondências entre as palavras utilizando dois testes — quão perto aparecem juntas e se os intervalos que soletram as palavras de busca são os mais curtos na Bíblia.

Cada palavra de código determina a forma como o computador apresenta o texto da Bíblia, qual o quebra-cabeças de palavras cruzadas que se forma. A ordem original das letras nunca é alterada.

Podemos utilizar a nossa busca pelo "Fim dos Dias" como um estudo de caso. As palavras de Daniel estão codificadas com um intervalo de 7551. Portanto, o computador dividiu toda a Bíblia original — a cadeia completa de 304.805 letras — em 40 linhas de 7551 letras. A impressão do código da Bíblia (p. 16) mostra apenas o centro dessa tabela de códigos.

Se o "Fim dos Dias" estivesse soletrado com um intervalo de 100, então as linhas teriam 100 letras de comprimento. Se o intervalo fosse de 1000, então as linhas teriam 1000 letras de comprimento. E, em qualquer caso, las linhas são empilhadas umas sobre as outras, nunca alterando a ordem original.

Há 3000 anos, a Bíblia foi codificada de modo a que as palavras de Daniel que preveem o "Fim dos Dias" aparecessem exatamente onde as palavras de Moisés previam o que aconteceria "no Fim dos Dias". E, há 3000 anos, foi também codificada para que os nomes dos atuais líderes mundiais aparecessem no mesmo lugar.

A citação de abertura do físico laureado com o Nobel Richard Feynman provém de uma palestra que deu na Universidade de Washington em abril de 1963, publicada em *The Meaning of It All* (Helix/Addison-Wesley, 1998). Feynman, que muitos consideram o físico mais importante desde Einstein, também declarou: "A única coisa que pode ser prevista é a probabilidade de diferentes acontecimentos" (*Six Easy Pieces*, Helix, 1995, p. 135).

O antigo comentário sobre la Bíblia chamado Talmud afirma algo semelhante: "Tudo está previsto, mas a liberdade de ação é dada." Durante quase 2000 anos, os sábios debateram o aparente paradoxo — como pode haver livre-arbítrio humano se Deus sabe tudo antecipadamente? O código da Bíblia coloca a mesma questão, mesmo para os seculares.

A resposta parece ser o que a ciência afirma — que existem apenas probabilidades, que não há apenas um futuro, mas muitos futuros possíveis. Nós determinamos o desfecho.